FUNDADOR — JOAQUIM MANSO SÁBADO, 29 DE NOVEMBRO DE 1958 ANO 38.º — NÚMERO 12 923

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MÁRIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Uma escolha feliz

A fim de dar cumprimento aos seus estatutos, a Renascença Gráfica, proprietária do «Diário de Lisboa», decidiu preencher o lugar de director-adjunto deste jornal, vago desde a data em que o então director-adjunto ascendeu ao cargo de director. A escolha recaiu sobre um dos mais antigos e dos mais distintos redactores desta casa, o dr. Mário Neves, que aqui conquistou as suas esporas de oiro de jornalista e que está ligado ao «Diário de Lisboa» pelo sentimento, pela inteligência e pela razão. Que é, em suma, um dos nossos, capaz de empunhar amanhã o facho que há-de assegurar a continunidade da direcção deste jornal.

DR. MÁRIO NEVES

Escolhendo-o para o cargo que vai agora exercer, o Conselho de Administração não fez mais do que prestar justiça aos altos merecimentos que concorrem no dr. Mário Neves para o desempenho das funções que lhe são confiadas e seguir um precedente aberto com a escolha do actual director, recrutado entre o quadro de redactores e que nesta casa fez, por assim dizer, toda a sua carreira profissional. Esta decisão, e aquela que a precedeu, constituem de qualquer modo uma honra conferida á nossa profissão, onde nem sempre se recrutam entre nós os homens que hão-de desempenhar funções directivas dentro dos jor-

(Continua na página seguinte)

O sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira voltou à Universidade de Coimbra para proferir a sua última lição

(Do nosso enviado especial)

COIMBRA, 29 — (Pelo telefone) — Na sala escarlate dos Capelos da Universidade de Coimbra, o cardeal-patriarca de Lisboa, sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, que regeu cadeiras de História na Faculdade de Letras daquela Universidade e agora atingiu o limite de idade, estabelecido para o exercício de funções publicas, voltou hoje á sua antiga cátedra para proferir a ultima lição.

O sr. cardeal-patriarca chegou ontem a esta cidade e pernoitou no seminário, de onde saiu esta manhã, quando no pátio da Universidade se encontravam já reunidos centenas de estudantes, principalmente das Faculdades de Letras e de Ciências, os ultimos dos quais celebraram hoje a sua ara dicional «latada».

A's 10 e 30, a multidão de académicos, com a sua indumentária negra e as garridas fitas das pastas ao vento, aguardava a chegada do ilustre purpurado.

Na Meia-laranja, o reitor, prof. Maximino Correia, de borla doutoral na mão, o vice-reitor, prof. Carvalho Moreira, e os directores de todas as Faculdades e da Escola de Farmácia, receberam, em primeiro lugar, o ministro da Educação Nacional, prof. Leite Pinto, que era acompanhado pelo dr. João de Almeida, director-geral do Ensino Superior e das Belas-Artes.

Momentos depois, chegou o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, em companhia do bispo de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro, arcebispo-bispo-conde de Coimbra, D. Manuel Sena de Oliveira, e bispo-auxiliar de Coimbra, D. Manuel Jesus Pereira.

Os sinos repicaram e a bandeira nacional estava desfraldada no mastro da Torre.

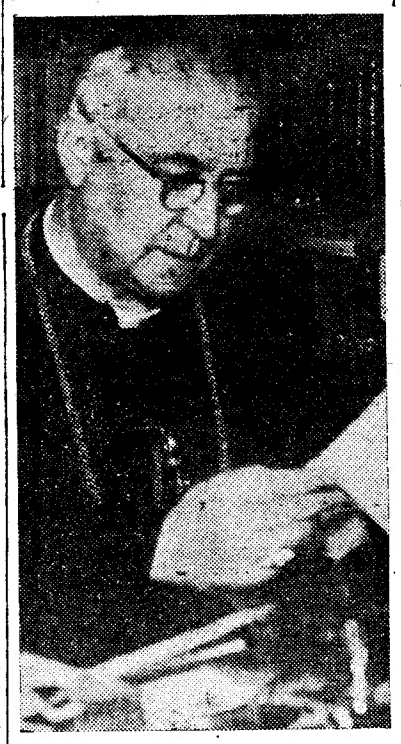
As referidas individualidades dirigiram-se, depois, para a sala do Senado, enquanto os archeiros, de azul- escuro e espadim, franqueavam as portas da sala dos Capelos, para onde entrou uma multidão de estudantes, que aencheu por completo.

Momentos depois, entravam na sala os srs. cardeal-patriarca, o ministro da Educação e reitor da Universidade.

Sentados nos cadeirais, viam-se a quase totalidade dos professores da Universidade de Coimbra, entre os quais o prof. Antunes Varela, actual ministro da Justiça, e alguns professores da Universidade de Lisboa, tais como os profs. Gonçalves Rodrigues, vice-reitor da Universidade Clássica, e Paulo Cunha, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros.

Estavam, também, presentes numerosos professores jubilados.

O ministro da Educação, o bispo de Évora e o cardeal-patriarca, como catedráticos, sentaram-se nos cadeirais reservados aos professores. No estrado reitoral, junto do prof. Maximino Correia, sentou-se o dr. João de Almeida. Os prelados que assistiram á cerimónia ocuparam uma tribuna especial.



CARDEAL-PATRIARCA

Fala o director da Faculdade

O professor João Providência de Sousa e Costa, director da Faculdade de Letras, foi o primeiro a falar:

— Passando hoje o 70.º aniversário natalício do professor catedrático da Faculdade de Letras sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, tomou o conselho desta Faculdade a resolução unanime de convidar Sua Eminência a usar o seu direito, dando neste dia a lição jubilar na Escola que tanto honrou com o seu saber e as suas virtudes e que tanto profundamente o admira e venera. Comunicada ao senhor reitor esta resolução, tomou S. Ex.ª a iniciativa de fazer também seu e da Universidade este convite a que hoje se associou todo o Senado Universitário. Deste modo passou a ser da Universidade.. E por isso também nos encontramos aqui, neste momento, na histórica sala, onde, durante séculos, entre os olhares protectores dos nossos reis se encontrou fulcro irradiador de toda a cultura universitária portuguesa. E é bem que seja assim não só pela categoria excelsa do mestre insigne que vamos ter a honra de escutar, mas ainda pelo auditório em que está presente a ciência portuguesa e vejo representado o próprio Governo da Nação.

E terminou assim:

— Neste momento solenissimo em

(Continua na 14.ª página)

Novas bases americanas de foguetões na Formosa

TAIPEH, 29. — Os comandos militares americanos decidiram mandar construir no Sul da ilha Formosa, novas bases para foguestões teleguiados, «Nike Hercules», como se previa anteriormente, embora a tensão no Estreito tenha diminuido consideràvelmente — ao que se declara de fonte segura. Anuncia-se, também, que a defesa da ilha de Quemoy foi considerávelmente reforçada, com novas peças de artilharia, incluindo canhões de 250 mm., «Howitzer». — (F. P.).

O dilema sobre Berlim para as potências do Ocidente é rejeitar negociações com a Rússia ou apresentar contrapropostas a Moscovo

MOSCOVO, 29 — Os observadores estrangeiros crêem que as relações entre Leste e Oeste, se já eram tensas, agravaram-se depois da ultima proposta da U. R. S. S. sobre o estatuto de Berlim.

Os Governos americano, britanico e alemão ocidental já rejeitaram, implicitamente, a ideia de transformar Berlim-Oeste numa «cidade livre e desmilitarizada». Quanto ao chefe do Governo russo, disse na conferência de Imprensa de quinta-feira que, no caso de as nações ocidentais rejeitarem por completo a proposta soviética, a Russia aplicaria, pela sua parte, as medidas que preconiza. Apesar do tom bastante conciliatório dos documentos publicados na quinta-feira, em Moscovo, e embora Kruchtchev tivesse dito que, de certo modo nenhum, seria recusado um «ultimato» ás nações ocidentais, o certo é que Moscovo não recuou nada em relação á posição que assumiu pelo discurso proferido por Kruchtchev no dia 10, na altura da visita de Gomulka a Moscovo.

Em resumo, parece que, de ambos os lados, há a decisão de manter com firmeza as posições. Que sucederá durante os seis meses de prazo fixado pela U. R. S. S. para a resposta ocidental. A União Soviética afirma que nada fará para alterar o estado de coisas em Berlim-Oeste, desde que os Estados Unidos também nada façam para isso. O que sucederá depois de decorridos os seis meses? Supõem alguns que Kruchtchev aproveitará este tempo para concluir a obra de divisão, seguida de desintegração da Aliança Atlantica. Dizem outros que isso seria ver as coisas de maneira mais acanhada; o que se pretende é, de facto, «descongelar» uma situação que, de todos os modos, precisa de ser resolvida, mais tarde ou mais cedo.

Qual será a alternativa?

As propostas russas são, realmente, um «repto aos países livres»? Kruchtchev afirmou que não se tratava de nada disso, e que seria

(Continua na ultima página)

Foram postas em liberdade as quatro individualidades presas há dias

Recebemos a seguinte nota oficiosa:

«Vão ser postos em liberdade os srs. dr. Jaime Cortesão, António Sérgio de Sousa, e professores engenheiro-agrónomo Mario de Azevedo Gomes e dr. Francisco Vieira de Almeida, prosseguindo a instrução preparatória do processo a remeter oportunamente ao tribunal judicial competente.

Pelo que respeita ao sr. general Humberto Delgado, está a decorrer o processo no Subsecretariado de Estado da Aeronáutica, tendo aquele oficial general sido colocado á ordem do general inquiridor».

Efectivamente, as quatro individualidades foram restituídas á liberdade, na noite passada, regressando, assim ao seio de suas famílias.

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

A arte de bem digerir (7)

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

A VITAMINA A, conhecida desde o papiro egípcio médico de Ebers, mil e seiscentos anos antes de Cristo, encontra-se na carne, na manteiga, no queijo, no leite, nos ovos, no fígado e, em grandes quantidades, nalguns peixes (em especial no Halibut, no Atum, na Albacora), nos cereais, nas frutas e no óleo-de-palma.

A vitamina B6 (necessária á síntese e degradação dos prótidos) existe, em quantidades muito apreciáveis, nas frutas, em alguns peixes,

(Continua na 6.ª página)

Visado pela Comissão de Censura

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

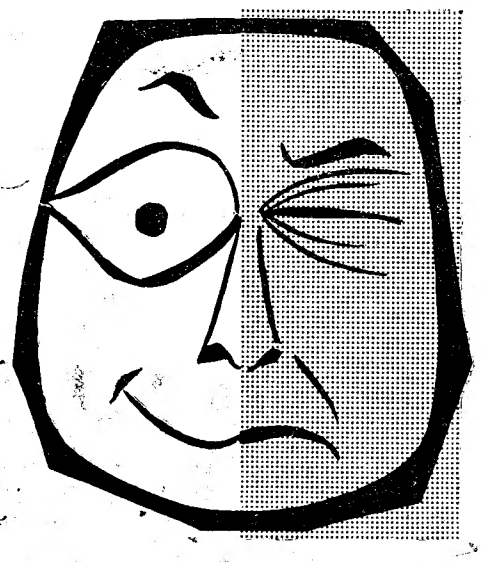
Vem ao Tejo uma esquadra da marinha alemã

E' esperada ámanhã em Lisboa a segunda esquadra de desembarque da Armada Alemã, vinda dos Açores, a caminho do seu porto de destino, na Alemanha.

A referida esquadra, que permanecerá quatro dias no Tejo, é composta por seis lanchas de desembarque de 500 toneladas cada, dos tipos LSM e LSM/R, as quais foram compradas aos Estados Unidos, para prestarem serviço no Mar Báltico. As suas funções são de transporte e abastecimento, em caso de luta nas costas ou ilhas da parte ocidental do Mar Báltico.

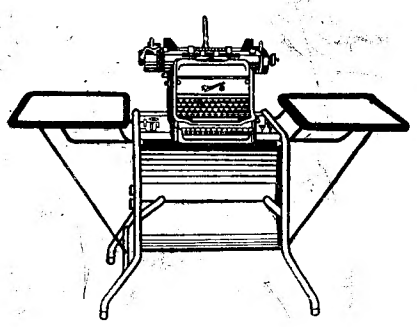
O chefe da esquadra é o capitão-tenente Hartenig Looks e a tripulação é constituida por 396 homens, 26 dos quais são oficiais.

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.



ESTA É A FACTURADORA EM QUE SE PODE A LINHA DE ESCRITA VER

Rheinmetall



— Linha de escrita visível.
— Impressão dos 2 factores (multiplicando e multiplicador) e descarga automática do produto.
— Barras intermutáveis.
— Um unico teclado numérico.

A simplicidade é uma das características principais desta facturadora, visto que, além do teclado normal de uma máquina de escrever, possui apenas mais cinco teclas de comando.

Qualquer empregado do seu escritório está apto, ao fim de poucas horas, a conseguir grande rendimento da facturadora RHEINMETALL.

RHEINMETALL—UMA SÓ MARCA PARA TODAS AS SUAS MÁQUINAS DE ESCRITÓRIO.

REPRESENTANTES:

Regisconta

LISBOA — R. Serpa Pinto, 15-A e 15-B — Tels. 368251/2/3
PORTO — Praça do Município, 303 a 307 — Telefone 26541
COIMBRA — Av. Fernão de Magalhães, 138-1.º—Tel. 26108

Uma escolha feliz

(Continuação da página anterior)

nais e que o Conselho de Administração da Renascença Gráfica, honra lhe seja, quis exactamente distinguir com o seu apreço e a sua confiança. E mais do que isso: com o respeito e a consideração que a profissão lhe merece.

O dr. Mário Neves está longe de ser um desconhecido dos nossos leitores e do grande público, que não ignora as suas qualidades morais e profissionais. E' um nome que se fez por si próprio, uma inteligência que se afirmou no desempenho de funções difíceis, um carácter que se temperou na dura experiência da vida e no conhecimento dos homens e, sobretudo, uma consciência que se modelou pelos melhores exemplos de honra e de dignidade. E' o continuador de um nome que será sempre recordado com veneração e saudade por quantos o conheceram, o de Hermano Neves, uma das mais nobres e das mais altas expressões do jornalismo português do nosso tempo. Mário Neves herdou-lhe, além da vocação profissional, as qualidades de coração e os princípios morais por que se tem regido toda a sua vida. Dele se pode dizer, como Sá de Miranda escreveu na Carta a El-Rei D. João, que é «homem de um só parecer, de um só rosto e de uma fé».

Educado no trato e de uma lealdade exemplar, pouco dado a expansões ruidosas, mas firme nas suas atitudes e independente nas suas opiniões, Mário Neves só conta amigos e simpatias entre as pessoas que o conhecem. A sua escolha para o cargo de director-adjunto do «Diário de Lisboa» não pode deixar de encher de satisfação todos quantos trabalham nesta casa, que se habituaram a admirar a sua ponderação, a sua nobreza de carácter e a rectidão do seu espírito e que o vêem ocupar uma posição que conquistou por mérito próprio, sem que para isso tivesse dado um passo, e em que pode prestar a este jornal serviços inestimáveis. Ele tem a confiança e a estima não só da empresa proprietária que em boa hora o designou, como de todos aqueles que contribuem com o seu esforço, desde longa ou desde recente data, para a posição que este jornal ocupa na Imprensa portuguesa — e que se esforçará por manter dentro da sinceridade dos seus propósitos e da modéstia das suas ambições.

Se o dr. Joaquim Manso pertencesse ainda ao número dos vivos, ele não deixaria de dar a sua inteira aprovação á escolha que se fez agora para continuar um dia a sua obra e empunhar o facho quando ele cair das mãos que o detêm neste momento. O «Diário de Lisboa» manter-se-á deste modo fiel a uma tradição e a uma linha de conduta que não constituem apenas um imperativo de consciência profissional, mas também uma imposição moral dos seus próprios leitores.

Inauguração em Coimbra

do novo edifício da Escola Brotero

COIMBRA, 29. — (Pelo telefone). — Com a assistência do professor Francisco Leite Pinto e do engenheiro Arantes e Oliveira, ministros da Educação Nacional e das Obras Publicas, do dr. Carlos Proença, director-geral do Ensino Técnico Profissional, e doutras entidades é esta tarde inaugurado oficialmente, nesta cidade, o novo edifício da Escola Comercial e Industrial de Brotero, recentemente construido no Calhabé.

Usará da palavra o ministro da Educação.

O ministro das Obras Publicas iniciará amanhã as suas visitas a diversos trabalhos em curso.

COGNAC MARTELL

UM NABO QUE PESA

cerca de 5 quilos!

EVORA, 29 — Na montra de «A Hortícola», desta cidade, foi hoje exposto um nabo de tamanho descomunal, com o peso de 4,750 kgs. produzido na Horta da Bola, propriedade do sr. Francisco Caeiro, desta cidade. O fenómeno hortícola tem sido muito admirado.

Com mais este exemplar, Evora está a fazer concorrência ao Entroncamento no capítulo de fenómenos, pois a seguir a uma grande melancia e a um descomunal suíno, produziu a gora um formidável nabo.

ELNA

Máquinas de costura, pequeninas simples, bonitas e maravilhosas. **Aproveite agora o preço ocasional**

VENDAS E REPARAÇÕES
Em Lisboa — Largo da Trindade, 17
no Porto — R. Sá da Bandeira, 69-2.º

O «Diário de Lisboa» vende-se em ALGÉS, na Caravela de Ouro.

Sofre de Rheumatismo? Gota? Nevralgias?

Tome o Chá Nattermann No. 3 Antirheumaticum

e verificará a sua acção benéfica

Os Chás Nattermann são usados em todo o Mundo
Preparados e controlados cientificamente e embalados na Alemanha

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

A morte do poeta Olegário Mariano

Olegario Mariano

Extinguiu-se serenamente, aos 69 anos, numa casa de saude do Rio de Janeiro, na capital fervilhante da sua juventude triunfal, a voz de um dos ultimos liricos tradicionalistas do Brasil parnasiano. Olegário Mariano, comovido e sincero amigo de Portugal sonhava, no crepusculo da sua vida, tornar ainda ás margens do Tejo, ver o Sol despedir-se de Lisboa, na mansa e suave síncope do céu ribeirinho, redondo como um seio cor-de-rosa. Assim ele via e sentia a nossa terra, ele que nascera do outro lado do Atlantico, no Recife morno de águas verdes, onde as lendas do Portugal heróico e fecundo de Quinhentos se leêm ainda nas igrejas e no espaço...

Poeta parnasiano, de inspiração porventura um tanto convencional, preso a moldes poéticos preconcebidos, ninguém contestará entretanto a Olegário Mariano a arte finissima e segura que foi a sua na ourivesaria do verso boleado e brilhante, da imagem preciosa, da rima sonora e difícil. Membro há 32 anos da Academia Brasileira de Letras, onde agora, o seu corpo se encontra exposto á dolorosa veneração dos amigos que o envolvem, membro igualmente da Academia das Ciências de Lisboa e antigo embaixador entre nós da sua pátria (e da sua cultura), o autor de «Angelus» e do «Evangelho do sonho e do silêncio» lograra no mundo das letras uma aura doirada de sonetista conciso, sentencioso, lapidar. Foram efectivamente os seus «Sonetos» que em 1912 lhe conquistaram a celebridade e a simpatia de um publico que jamais deixaria de escutar, á margem das tempestades e revoluções do gosto na arte e na literatura, a sua inalterável e fluente amenidade poética, ornada de tropos sem demasia, e combinando a clareza com uma doce graça melancólica de sabor passadista. «Pelo sonho que urdiu a suave intriga/neste meu coração desventurado» agradecia ele á vida as suas próprias horas de saudade e spleen, Ultima entre as ultimas cigarras do séc. XIX, qual um composto, um elegante e mavioso fantasma, na floresta, vibrante e dramática, irónica e sincera, de uma época que ele já não se dignava querer entender, Olegário Mariano comprazia-se nos seus «Castelos na areia», nas suas cidades interiores de maravilha singela. A sua voz ficará ressoando perto de nós, cálida de ternura, espontanea e grave, no tom dos formosos poemas abolidos de um tempo ainda próximo e já antigo: «Velhas árvores! Suaves companheiras/Das minhas horas de saudade e spleen./«O Inverno deu-nos o ar de enfermeiras/E essa mantilha branca de cetim./Sou como vós. Medito horas inteiras/Nesse que espero, doloroso fim.../Só não tenho cigarras cantadeiras/Nem abelhas doiradas junto a mim.

Vai casar a Fátima?

Mande fazer o banquete ou «copo de água» no Café-Restaurante Avé Maria. Sala própria. Telefone 41.

Teatros e Cinemas

«Com jeito, vai !», no Variedades

Para reaparição de Beatriz Costa — agora melhor servida pelo conhecimento que José Galhardo tem das suas popularissimas faculdades — montou-se no Variedades uma revista em que foi dada larga representação a elementos da companhia brasileira que Giuseppe Bastos antes trouxe ao Avenida. Do encontro dos artistas Portugueses com os Brasileiros resultaram vencedores os primeiros por 3-2, Beatriz, Costinha e Anita, contra Badaró e Berta Loren, posto que Spina e Glória May dificilmente se salvaram, por mau aproveitamento, e Almeidinha sem salvação possível. Badaró meteu, logo de entrada, o primeiro golo, com um gracioso monólogo e, na segunda parte, com outro, voltou a penetrar na baliza do êxito pelo bom jogo das suas qualidades tão originais; mas, Spina, também em monólogos, foi menos feliz por não sair do já conhecido campo pessoal. Foi também em monólogos — abusivos na parte brasileira da revista — que Berta Loren confirmou a sua maneira espirituosamente inteligente. Mara jogou com a simpatia da sua vozinha, agradável até num «fado», e Glória May com a sua gentileza.

O «team» português foi naturalmente capitaneado pela nossa Beatriz, acolhida com carinhosa ovação ao entrar no campo e novamente ovacionada em todas as felizes intervenções, desde a «Baiana Saloia» até ao chefe da «Banda da Moita», nesta apoiado pelo tambor sonoro de Costinha, que defendeu sempre as redes com sua alegre arte, e Anita com seus «fados» castiços.

Emilio Correia teve boas jogadas e Oscar Acursio manteve a sua boa comicidade, estática, sóbria. Nota alta merece Gene de Marco, bailarina realmente alta e elegantissima, «Discipulas», «copacabanas», lusitanas e mais elementos femininos, exibiram agradàvelmente os seus dotes físicos, movendo-se bem nas marcações de Charles.

Informam elementos interessados que a revista sofreu muitos cortes, e um membro da Censura diz que foram limitados e que a tesoura substiuiu ligeiramente o martelo, e que o resto foi-se com indulgência, até para a pimentinha brasileira.

Seja como for, o caso é que a revista ainda está longa — a 1.ª sessão terminou depois da meia noite — e pode sofrer mais cortes, dos voluntários, sem prejuizo do espectáculo, que é bom, tãobom como outros que têm merecido o favor do publico por muitos meses.

Cenários vivos, de pintura aproximadamente modernista, e figurinos com a arte de bem despir, a do bom gosto de Pinto de Campos, e musica fácil, de A. Lopes e J. Nobre, com a boa direcção de Fernando Carvalho. — R. P.

Atrás do reposteiro

Na estreia da peça «O gebo e a sombra», marcada para a próxima sexta-feira, o escritor Eduardo Scarlatti dissertará sobre a obra do seu autor Raul Brandão.

—E' provável que, antes de regressar á Metrópole, o actor Octávio de Matos, em digressão por Angola, apresente o seu espectáculo em algumas cidades do Congo Belga.

—Na próxima segunda-feira concluem-se no Teatro Avenida, as representações da peça de Goldoni «O mentiroso».

—E' hoje que o grupo cénico da Sociedade de Instrução Tavaredense, leva á cena, no Teatro Virgínia, de Torres Novas, o original de D. João da Camara «Os Velhos».

—Na próxima terça-feira, começam, no Teatro Maria Vitória, os ensaios da nova revista.

—Terminaram os trabalhos de filmagem da nova película portuguesa «A luz vem do alto», realizada sob a direcção de Henrique Campos e tendo como principais intérpretes os artistas Maria Dulce, Beatriz de Almeida, Fernanda de Sousa, Maria Brandão, Curado Ribeiro, Joaquim Miranda e os actores espanhóis Felix Fernandez e Roberto Camardiel.

A EXPERIÊNCIA com o foguetão «Atlas»

WASHINGTON, 29.—O Departamento da Defesa anuncia que o lançamento do foguetão «Atlas» foi um êxito completo, pois, pela primeira vez, percorreu cerca de 10.000 kms. (6.300 milhas).—(F.P.).

Sal de Fruta ENO dá boa saúde

todos os dias!

Tome sal de fruta ENO, todas as manhãs para manter essa sensação de bem estar.
ENO com as suas propriedades anti-ácidas, estimula o fígado e actua como laxante suave.

SAL DE FRUTA ENO

ENO e SAL de FRUTA são marcas registadas

SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO

GRUPO DE BAILADOS VERDE-GAIO

Na secção de Teatro do S. N. I. está aberta, em todos os dias úteis, das 10 ás 12,30 e das 14 ás 18 horas, a inscrição para bailarinas e bailarinos clássicos e de carácter, que, em data a indicar oportunamente, deverão prestar provas de admissão.

Tágide O Vosso Restaurante Music-Hall APRESENTA

MARJANE
HELENA TAVARES
IVONE e CLARA
Conjunto ALEX WILLIAM'S
com LAURA VILLA
Na Tágide já se dança o Hula-Hop!
Adultos (Maiores de 17 anos)

HOJE ás 21.45 h. Adultos M. 17 anos

TEATRO MONUMENTAL T. 55133
EMPRESA LAURA ALVES

UM ÊXITO!
5 MESES NO CARTAZ
ULTIMOS DIAS

Amanhã e 2.ª-feira, esp. á tarde ás 16 h.

HOJE, AMANHÃ E 2.ª-FEIRA: À TARDE, ás 18.30 horas
TEATRO INFANTIL
3 ENCANTADORAS PEÇAS
AUTO DAS 3 COSTUREIRAS
DE ANTÓNIO MANUEL COUTO VIANA
LÁ CIMA DESSE TELHADO
DE A. M. COUTO VIANA E EDUARDO RIOS
O NOSSO AMIGO SOL
DE LÍLIA DA FONSECA
PELO ELENCO DO TEATRO DO GERIFALTO
SUBSIDIADO PELO FUNDO DE TEATRO
Para maiores de 4 anos

A SEGUIR: de COLETTE «GIGI»
QUEM SERÁ A PROTAGONISTA?

3.º Balcão - frente a 5$00
2.º Balcão, 10$00 — Plateia a 15$00

Na «COZINHA ALENTEJANA»
HÁ: EMENTA, BOLARIA, PESSOAL E AMBIENTE } DO ALENTEJO
UNICO RESTAURANTE PROVINCIAL EM LISBOA
Recomenda-se a marcação de mesas, que serão respeitadas até ás 20.30 horas, para jantar
Av. do Aeroporto, Lote 66 — Telef. 727071 — LISBOA
«ENCERRA ÀS SEGUNDAS-FEIRAS»

Teatros e Cinemas

As estreias de hoje

No Tivoli

Título — «O meu tio».
Produção — Francesa.
Realização — Jacques Tati.
Intérpretes — Jacques Tati, Jean Pierre Zola, Adrienne Servantie, Alain Becourt.
Argumento — Mais uma obra de extraordinária comicidade na linha que tornou célebre «As férias do sr. Hulot».
Processo — Normal.
Classificação — Maiores de 12 anos.

Pasapoga

A extraordinária vedeta de baile e da canção:
CARMEN DE SANTANA
com o seu guitarrista privativo ANTÓNIO DE CORDOVA

O maravilhoso e escultural BALLET MILOS RISTIC

A FAMOSA PARELHA
SANDRO y MARISA

DIVINA GENELTI
em danças e canções

Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

TELEF 23584
AV. DA LIBERDADE, 137
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

3.ª-FEIRA — ESTREIA
do sensacional «ballet-espectáculo»
NOCHES DE ESPAÑA y MAYTECHU com SUS «CLAVELES ESPAÑOLES»
10 DESLUMBRANTES BAILARINAS

Coliseu

CRIANÇAS AO CIRCO

Esta noite todas as crianças podem ver a sensacional companhia internacional de circo do Coliseu. Leões, chimpanzés, palhaços, voadores. Amanhã, á tarde como á noite, as crianças podem ir ao Coliseu. 1 de Dezembro, espectáculo á tarde

Hoje, ás 21 e 30, as crianças de todas as idades podem ver a nova e sensacional companhia de circo do Coliseu. Alegria com os palhaços. Emoção com os leões. Hilaridade com os chimpanzés. Assombro com os voadores. Dezenas e dezenas de superatracções nunca vistas. Amanhã, domingo, ás 16 horas, e á noite, ás 21 e 30, dois espectáculos a que podem assistir crianças de todas as idades. A' tarde, até aos 10 anos, entrada gratuita, quando devidamente acompanhadas. No dia 1 de Dezembro espectáculo ás 16 horas.

Imagem do dia

Começa esta noite no TIVOLI a carreira do famosíssimo filme de Jacques TATI, «O MEU TIO», que vai apaixonar o público de Lisboa que ainda traz nos olhos o recorte da curiosíssima figura do sr. Hulot. «O MEU TIO» que passou, durante semanas e semanas em todas as grandes cidades mundiais foi classificado como «a obra-prima do nosso tempo.

Foi adiada a estreia

da peça «A Zazel»

Por motivo do falecimento do actor Robles Monteiro, foi transferida para o dia 6 a estreia da peça «A Zazel», de José Augusto França, que o Centro Nacional de Cultura devia levar hoje á cena, no Teatro D. Maria II.

«Ricardo III»

amanhã, de manhã, no Tivoli

A obra de William Shakespeare, «Ricardo III», teve a devida consagração cinematográfica com a extraordinária versão de Laurence Olivier. O Tivoli exibe esse filme na sessão de amanhã, ás 11 horas.

A NOVA REVISTA LUSO-BRASILEIRA
«COM JEITO VAI!»
ONTEM TRIUNFALMENTE ESTREADA NO
TEATRO VARIEDADES
EMP.ª TEATRAL AVENIDA, LDA.
QUE CONQUISTOU IRRESISTIVELMENTE O PÚBLICO, MARCOU A TRIUNFAL REAPARIÇÃO DE
BEATRIZ COSTA
E CONSTITUIU UM INDISCUTÍVEL ÊXITO PARA OS SEUS AUTORES, INTÉRPRETES E REALIZADORES!!!
AMANHÃ e 2.ª-FEIRA, FERIADO, ás 16 h.
ESPECTÁCULOS À TARDE!
É UM GRITO DE ALEGRIA! ORIGINALIDADE!! E DE BOM GOSTO!!!
ADULTOS M. DE 17 ANOS
Às 20.30 e 22.45 horas

Beatriz Costa numa das suas irresistíveis intervenções

A MAIS SENSACIONAL PARADA DE ATRACÇÕES EM ESTUPENDO ÊXITO
RITZ CLUB
Telef. 25140 — ADULTOS — MAIORES DE 17 ANOS
SEMPRE ENCHENTES
ESTRELITA ALCAZAR
MARY MERCEDES
ESPERANZA BEGÕNA
A MAIS QUERIDA DAS VEDETAS EM VIBRANTES SAPATEADOS
CHIQUI RODRI
DOLORES y ANTONIO
UMA PARELHA DE BAILE DE EXCEPCIONAL CLASSE
E AINDA VILAÇA E SUA ORQUESTRA
NOVOS NÚMEROS POR TODO O ELENCO
TONI RODRI
NO SALÃO TIPICO:
CEIAS com FADOS E GUITARRADAS
DENTRO DE POUCOS DIAS:
6 ESTREIAS DE FAMA MUNDIAL
GRANDE ACONTECIMENTO

CAFÉ CHAVE D'OURO
Salão de Chá
das 17.30 ás 20 e das 22.30 ás 3.30
Musica de dança pelo dinamico conjunto
«VERA CRUZ»
3.ª feira, 2 de Dezembro
Reaparição do formidável
"CONJUNTO PORTUGAL"
com o cantor
RICARDO LUIZ
(Maiores de 15 anos)

BUGIO
Telefone 643198
RESTAURANTE E SNACK-BAR
Pastelaria — Salão de Chá — Bilhares — Salão para banquetes, casamentos, baptizados, festas, etc.
Largo 5 de Outubro
STO. AMARO DE OEIRAS

A MELHOR REVISTA DE SALVADOR
ESTA EM CENA NO TEATRO
MARIA VITORIA
Emp.ª «E. Salvador e R. Martins, Lda.»—(Adultos M/ 17 anos)
Por Causa Delas...
AMANHÃ e 2.ª FEIRA, espectáculos À TARDE, ás 16 horas
TODAS AS NOITES, 2 SESSÕES, AS 20.30 e 22.45
BIBI FERREIRA
ANTÓNIO SILVA
BARROSO LOPES
HUMBERTO MADEIRA
PERLA CRISTAL
MIMI GASPAR

OBRA INIGUALÁVEL DE HUMOR E TERNURA EM QUE PERPASSA O GENIAL E LUMINOSO ESPÍRITO FRANCÊS!

Na opinião da crítica mundial:

«Uma obra-prima do nosso tempo, para toda a gente do nosso tempo».

Na opinião de JACQUES TATI:

«Um filme simples, em que cada um vê aquilo que muito bem lhe apetece».

O Meu Tio

(MON ONCLE)

UM FILME DE **JACQUES TATI**

Interpretado por JACQUES TATI * JEAN-PIERRE ZOLA * ADRIENNE SERVANTIE * ALAIN BECOURT

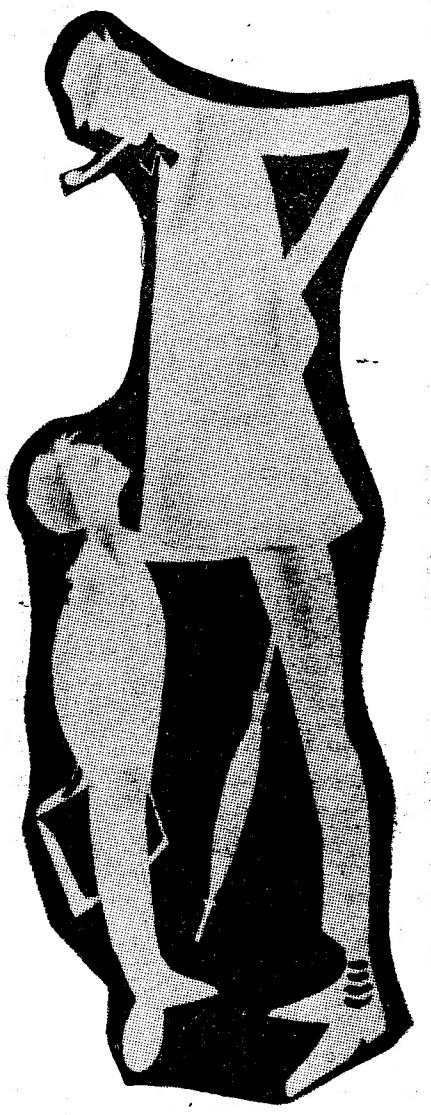
HOJE no TIVOLI

DEPOIS DE...

23 semanas em PARIS, 21 em BRUXELAS, 11 em AMSTERDÃO, 11 em ROTERDÃO, 8 em LAUSANNE, 12 em BARCELONA

E EM INÍCIO DE EXTRAORDINÁRIO SUCESSO EM 33 CIDADES DOS E. U. A.

(MAIORES DE 12 ANOS)



TRINDADE

Telef. 20000 — (17 anos)
HOJE, AS 21,45 HORAS

O TEATRO NACIONAL POPULAR APRESENTA O MAIOR ÊXITO MUNDIAL DOS ULTIMOS ANOS

O DIARIO DE ANNE FRANK

AMANHÃ E 2.ª-FEIRA, MATINÉE ÀS 16 HORAS

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

A 7.ª SOMBRA

Esplanada do Rato

Unica no género em Lisboa
COZINHA PORTUGUESA
RUA S. FILIPE NERY, 23

ESTREIA DE HOJE: — «O MEU TIO» — TIVOLI

SÃO LUIZ TEL. 27173
A's 15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
7 oscars e 27 prémios internacionais Cinemascope Techn.
A PONTE DO RIO KWAI
com **William Holden** e **Alec Guinness**
O melhor filme dos ultimos anos.

EDEN TEL. 20768
A's 15 - 18 e 21.30
Em Cinemascope
O melhor filme dos ultimos anos
A PONTE DO RIO KWAI
Um caso unico na história do cinema. Bilhetes á venda para toda a semana.
(Maiores de 12 anos)

CONDES TEL. 22523
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
VITTORIO DE SICA, o notável actor italiano, na estupenda comédia em Totalscope
FÉRIAS EM ISCHIA
com **Nadia Gray, Myrian Bru** e **Isabelle Corey**

ALVALADE Telefone 763080
A's 15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
A maior obra do cinema nos ultimos anos
A PONTE DO RIO KWAI
com **William Holden** e **Alec Guinness**
Cinemascope — Technicolor

AVIS Telefone 47163
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
12.ª SEMANA
O mais belo romance musical
A RAPARIGA DAS VIOLETAS
com **Sara Montiel** e **Raf Vallone**

LIZ TEL. 48560
A's 21 (M/17 anos)
Cinemascope
O HOMEM QUE QUERIA SER AMADO
O mistério da casa de bambu

TIVOLI TEL. 50595
A's 9.30 da noite (M/12 anos)
ESTREIA
O célebre **Sr. Hulot** em
O MEU TIO
Uma obra-prima em Eastmancolor de **Jacques Tati.**
A's 18.15, Despedida de **«Duas paixões»** — (M/17 anos).
Amanhã ás 11 h., s. clas. **«Ricardo III»** — (M/17 anos).

POLITEAMA TEL. 26305
15.15 - 18.15 e 21.30
2.ª semana triunfal da espantosa odisseia de homens e mulheres proibidos de amar
O MÉDICO DE STALINEGRADO
com **O. E. Hasse** e **Eva Bartok**
...A força das armas perante um cruel dilema...
(Adultos — maiores 17 anos)

MONUMENTAL TEL. 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
Um verdadeiro «mano-a-mano» entre os cómicos mais geniais do Cinema Europeu
O CONDE MAX
com **Vittorio de Sica** e **Alberto Sordi**

ODEON Telefone 26283
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Horst Buchholz e **Lisalotte Pulver** em
AS AVENTURAS DE FELIX KNELL
Viagens e aventuras que todos gostariam de viver (exteriores filmados em Lisboa).

CASINO ESTORIL 21.30 (M/17 anos)
INDISCRETO
c/ Ingrid Bergman

IMPÉRIO Tel.: 55134-5
15.30 - 18.15 (p. r.) e 21,30 (M/17 anos)
EM 2.ª SEMANA
A maliciosa e requintada comédia de Billy Wilder
ARIANE
com **Audrey Hepburn, Gary Cooper** e **Maurice Chevalier**

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
O PRINCIPE LENDÁRIO
Louis Jourdan, Bellinda Lee, Keith Michell, Anne Heywood
Vistavision — Eastman Colour
No programa um rigoroso exclusivo «A Coroação de S. S. o Papa João XXIII. (Colorido).

ROMA Telefone 727778
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
O mais notável caso de espionagem dos ultimos anos
LONDRES CHAMA POLO NORTE
Cinemascope com **Dawn Adams, Curd Jurgens** e **Folco Lulli** num caso verídico

RESTELO Telefone 610375
21.15 (M/12 anos)
Technicolor
QUO VADIS
com Róbert Taylor

ROYAL TEL. 845037
21 h. (M/12 anos)
OS SAPATOS VERMELHOS
No progr.: **O pantano de fogo**

GERRASSI TEL 20917
A's 21 (M/12 anos)
Technicolor
QUO VADIS

CINEMA IDEAL Telefone 24194
A's 21 (M/12 anos)
JUSTIÇA SEM LEI
Inferno branco

AMANHÃ

NOITE SENSACIONAL!
GRANDIOSA FESTA PARA COMEMORAÇÃO DO
9.º ANIVERSÁRIO DO

MAXIME

NOVA GERENCIA — Dancing

ADULTOS (Maiores de 17 anos)
UM EXTRAORDINÁRIO E SELECTO ELENCO DE MUSIC-HALL
com BRILHANTES ATRACÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS EM CANTO E BAILE
SORTEIO DE UMA VIAGEM A MADRID — oferta do «BOLO DO ANIVERSÁRIO», com CHAMPAGNE, A TODOS OS CLIENTES e, ainda, OUTRAS SURPRESAS
Musica de Baile até de madrugada
POR DUAS NOTÁVEIS ORQUESTRAS

Madalena Sotto na «Columbina»

NO AVENIDA

Tel 27273
A's 21,45 h.
P.ª m. de 12 anos

SÓ ATÉ 2.ª FEIRA, 1 — ÚLTIMOS DIAS!
EM QUE A COMPANHIA DO «TEATRO DE SEMPRE» APRESENTA

O MENTIROSO

O grande espectáculo alegre desta temporada
AMANHÃ e 2.ª-FEIRA, 1 — FERIADO NACIONAL: ULTIMOS ESPECTÁCULOS À TARDE

NA PRÓXIMA SEMANA—Para adultos-Maiores 17 anos
«O GEBO E A SOMBRA», de **Raul Brandão**

A ANTE-ESTREIA DE

"A PONTE DO RIO KWAI"

Revestiu-se de acontecimento memorável no meio artistico e mundano a ante-estreia do filme «A Ponte do Rio Kwai», que na quinta-feira se realizou no São Luiz. Tão grande expectativa, tão grande entusiasmo, foi anteontem revelado ao pubilco, que soube manifestar com prolongados e calorosos aplausos o seu inteiro agrado perante um espectáculo excepcional, que só raras vezes tem oportunidade de apreciar. Para assistir a esta ante-estreia veio propositadamente de Barcelona o sr. Emilio Lopez, director da Columbia Filmes em Espanha e Supervisor em Portugal. Num ambiente de requintada elegancia, viam-se pessoas da nossa melhor sociedade, do meio artistico, jornalistas, escritores e altas individualidades, entre elas os srs. ministro da Presidência, 1.º secretário da Embaixada britanica, secretário nacional da Informação, inspector-geral dos Espectáculos e dr. Judice da Costa.

No intervalo o sr. coronel Oscar de Freitas conversa com o sr. Ortigão Ramos, da Empresa do São Luiz, e com o sr. Emilio Lopez, director da Columbia Filmes de Espanha e supervisor de Portugal

LUSO

T. da Queimada, 8-A — Tel. 32889
Ad.tes M. 17 anos
Hoje (até de madrugada) cantam **Baptista Martins — Maria Augusta Joaquim Geraldes — Aurora Sobral** — Maria Vicente e **João Viana (Vianinha).** Acompanhamentos por António Couto e José Inácio.
AMANHÃ — Grandiosa «matinée».
SEGUNDA-FEIRA — Entrega das carteiras de Profissional AOS NOVOS FADISTAS

ENIGMA

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

RETIRO

A NOVA BOITE DANCING DA MADRUGADA
ALMEIDA CRUZ
e a sua Orquestra com o categorizado cantor
RAUL PROENÇA
ATRACÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS
DANÇAS REGIONAIS, FADOS E GUITARRADAS
ATENÇÃO
A's 5 da madrugada churros e chocolate á La Española
Jante ou ceie no RETIRO
Ambiente distinto e acolhedor. Não perca as noites, passe-as no
RETIRO
Ao 1.º km. da Estrada de Loures — Telefone 910 168
Para maiores de 17 anos

Leiam o «SEMPRE FIXE»

DIZ O MEDICO...

(Continuação da 1.ª página)

nas carnes de carneiro e vitela, nas ostras, nos vegetais frescos, no trigo, nas batatas e nos tomates.

Depois das descôbertas de Pehl, tem-se empregado com êxito no tratamento das doenças de pele e do coiro cabeludo. Wright foi o primeiro a ensaiá-la nas dermatites seborreicas e nos eczemas de etiologia obscura (C. Wright, «Vitamin B6 in Dermatology», 1943).

A vitamina B1, que desempenha um papel importante no metabolismo dos hidratos de carbono, descrita por Jacobus Bontius («De Medicina Indorum», Amesterdão, 1645) e por Nicholas Tulp («Observationes Medicae», Amesterdão, 1652) e mais tarde, por K. Takiki («Sei-I-Kwai», 1885), observa-se em grandes quantidades nos seguintes alimentos: pão integral, no arroz inteiro, no trigo, nas frutas, nos vegetais, em alguns peixes, no chocolate, no café, no mel, no malte, na tapioca e nas farinhas alimentares.

A vitamina B2 condiciona e melhora a respiração celular, sendo, por essa importante razão, necessária ao organismo.

A descoberta da vitamina C encontra-se ligada ao combate ao escorbuto (Jessie M. Bierman, 1958, «Amer. J. Publ. Hlth». 48,888). Tudo quanto então se conhecia daquela doença limitava-se á verificação de que o seu aparecimento se encontrava ligado á ausência de alimentos frescos nas rações diárias. Desde 1593 que Sir Richard Hawkins («Observations in his Voyage to the South Sea») notara o efeito benéfico do sumo de limão no tratamento do escorbuto e das populações subalimentadas. Mais tarde, outro observador curioso, Nicolas Venette (1671), confirmara que aquela afecção era, sem dúvida, devida á ausência de vegetais frescos na alimentação.

Passados anos, Kramer (1720) e Bachstrom (1734) contam-nos a história de um marinheiro que se libertara do escorbuto comendo a erva que, por acaso, crescera no cavername do navio.

Só mais tarde Lind («A Treatise on the Scurvy», 1757), estabelece o alto valor nutritivo do sumo de limão.

Os médicos, porém, apesar das notas e observações publicadas pelos capitães das naus, continuaram a sustentar que o escorbuto era uma afecção contagiosa.

Holst e Frölich (1907) e S. S. Silva («The Antiscorbutic Fraction of Lemon Juice», 1929), solicitados pelas repetidas afirmações dos práticos e baseando-se em experiências de laboratório, confirmam que os animais privados de dietas frescas morrem de escorbuto. Funck certifica, então, a existência de um princípio antiescorbútico solúvel na água e, cheio de razão, enquadra-o no grupo das vitaminas, necessário nestas épocas conturbadas para que o homem se não mantenha eternamente um trágico familiar do sofrimento...

Estudam-se, em seguida, os regimes sintéticos e a prolongada acção destes no organismo. Confirmam que os sumos de limão, de laranja e de tomate, e ainda os de muitos outros frutos e vegetais contêm uma substância hidrossolúvel, frágil e muito instável quando colocada em presença do ar e do calor.

No ano de 1928, trezentos e sete anos depois de publicadas as observações de Sir Richard Hawkins, Szent-Gyorgyi isolou a vitamina C, dando-lhe o nome de «ácido ascórbico», vitamina imprescindível na profilaxia e tratamento do escorbuto e de numerosas avitaminoses frustes, ignoradas dos médicos.

Reichstein («Zur Kenntnis des Vitamine C», 1935) conseguiu, depois, realizar a síntese deste produto. que existe em quase todos os tecidos vivos, sendo sobretudo abundante nos vegetais e nas frutas, em especial nas que pertencem á grande família dos citrinos.

Mais tarde, no progredimento das experiências, certificou-se que é na casca dos frutos que ela se encontra em maior quantidade e bem assim que outros frutos, além dos apontados, a possuem.

A batata, por exemplo, constitui uma das grandes fontes de vitamina C , sobretudo para as classes trabalhadoras, impossibilitadas ou pouco habituadas a comer fruta.

As frutas em conserva e os xaropes perdem rápidamente o seu conteúdo em princípio C.

Uma ração equilibrada deve conter vegetais e frutas, além das quantidades requeridas de carne. Os vegetais não devem ser cozinhados durante muito tempo. Quando a fervura se torna longa, um enzima (oxidase do ácido ascórbico) destroi irremediávelmente a vitamina.

Convém acentuar que esta existe em quase todas as frutas, nos vegetais, no leite e produtos leiteiros, no peixe, na lagosta, no lavagante, nas ostras, na carne e na criação, no trigo, no café e no chá.

Tem a sua presença uma acção muito importante no tratamento das doenças do colagénio, na formação e estrutura dos dentes, dos ossos, na cicatrização das feridas, na resistência capilar, nas doenças do sistema hematopoiético, no aumento das resistências do organismo, na imunidade, no combate ás infecções, acção antitóxica e antibactericida, nas leucocitoses (Stephens, «Partition of Reduced Ascorbic Acid in Blood»), enfim, no tratamento das intoxicações, no equilíbrio hormonal e do metabolismo.

São, pois, muito variadas as necessidades e as indicações da vitamina C. O organismo do homem útil necessita de, pelo menos, 15 a 30 miligramas por dia. A prova da fragilidade capilar (Gothlin) indica a necessidade de cada um.

As crianças precisam de maior quantidade do que o adulto (Everson e Daniels). As quantidades requeridas (Roberts) são de 65 a 75 por dia. Os testes de saturação, porém, indicam maiores quantidades.

Durante a gravidez a mulher consome 2.500 a 3.000 calorias diárias e 100 a 150 miligramas de vitamina C. As raparigas entre os 13 e 16 anos precisam de 2.400 a 3.000 calorias e 80 miligramas de vitaminas, e os rapazes, nas mesmas idades, de, respectivamente, 3.000 a 3.800, além de 90 a 100 miligramas de princípio activo.

A aplicação de doses maciças justifica-se no ataque á difteria, á pneumonia, em todas as formas de tuberculose médica e cirúrgica, na tosse convulsa, nas afecções da árvore respiratória, no reumatismo, na febre tifóide, no sezonismo, no herpes ou cobrão (Dainow), nas afecções dos dentes e da boca, enfermidades metabólicas e alérgicas, aparelho gastro-intestinal (C associada á vitamina A), na grande e pequena cirurgia, nas queimaduras e estado de choque, no vasto campo da psiquiatria e, ainda, no combate ao «stress», como coadjuvante na anestesia.

As vitaminas D são: a D2 (calciferol), a D3, gerada na pele, devido á acção do Sol, e a D, designação fora de uso, mistura de calciferol e lumisterol.

A descoberta desta ultima encontra-se ligada a um trabalho publicado pelo inglês Daniel Whistler, intitulado «De morbo puerili Anglorum, quam patrio idiomate indiginae vocant The Rickets» (1645).

A história do raquitismo arrasta-se, num atribulado estado de confusão, até ao aparecimento das comunicações de Edward Mellanby, em 1918. Devido á falta de sol ou de um princípio activo? A D3 é fabricada pelos animais, existindo também, em abundância no óleo de fígado-de-bacalhau e no de outros peixes.

O poder anti-raquítico é diferente em relação á D2 e á D3. Acrescente-se que ambas regulam o metabolismo do fósforo e o do cálcio.

Encontram-se no fígado dos peixes, no azeite, no óleo de amendoim e também na manteiga. Não existe nos vegetais e nas frutas.

As necessidades variam entre 300 e 1.400 unidades internacionais. Os prematuros carecem de altas doses e as grávidas de mais ou menos 400 unidades.

Nos países com poucas horas de sol, durante todo o Inverno, as crianças devem tomar, ás principais refeições, colheres de chá bem cheias de óleo de fígado-de-bacalhau.

O uso desta vitamina, em altas doses, evita o raquitismo, a osteomalacia (Mollities Ossium), o cretinismo, a tirotoxicose, a insuficiência hepática, uma gama variada de doenças de pele e ainda a narcolepsia e os ataques de asma.

Não é, pois, difícil de concluir que, atentos os autos e lidos, e relidos os edictos, o mais premente de todos os problemas da Humanidade é o alimentar... «Nourrir ceux qui ont faim». O resto é poesia...

A. d'E.

Felizmente que a ciência da nutrição dispõe hoje de alimentos preventivos, do maior valor biológico, sob uma forma natural inofensiva e de perfeita aceitação. Uma dessas maravilhosas armas é a vitamina E que conta, entre outros extraordinários efeitos na circulação, coração e glândulas o de melhorar a permeabilidade dos pequenos vasos.

Outra dessas armas é a vitamina F (ácidos gordos essenciais ou não saturados), de notabilíssima acção abaixadora do colesterol sanguíneo.

ÓLEO DE GERME DE TRIGO Dr. Ritter

é o produto natural mais rico em vitamina E e dos mais ricos em vitamina F, além doutras circunstâncias que o recomendam na moderna dietética de profilaxia das perturbações cardíacas ou circulatórias da idade adulta.

O elevado teor de vitamina E do
ÓLEO DE GERME DE TRIGO Dr. Ritter
controlado permanentemente pelo Instituto Suíço das Vitaminas, de Lausana, e o processo usado na sua extracção, constituem garantias indubitáveis do seu valor nutritivo e biológico.

Teores de Vitamina E existentes nos vários alimentos:
(Em mg. por cada 100 gr.)

Alface	6	Germe de Milho	16
Azeite	8	Óleo de Amendoim	16
Bananas	0,5	Ovos	1
Carne de vaca	3,3	Gema de ovo	3
Couve	6	Germe de Trigo	30
Fígado de vaca	1,6	Óleo de Germe de Trigo	520
Manteiga	2,6		

DIESE — Produtos Dietéticos, Lda.
Duque de Loulé, 1 · Tel. 732121 · Lisboa

ESTÁ À VENDA
O CRUZEIRO
DE 1 DE NOVEMBRO DE 1958
A MELHOR REVISTA BRASILEIRA
GUARDE O EXEMPLAR. ÊLE VALE MILHÕES EM PRÉMIOS
DISTR. PUBLICAÇÕES DELFOS, LDA.
RUA DO SALITRE, 80 R/C. — LISBOA

Restaurante Cortador
OH ! LACERDA
Avenida de Berna, 46-A
PRATOS DO DIA
Domingo — Cabrito Assado
Segunda-feira — Dobrada á Portuguesa
Terça-feira — Cosido á Portuguesa
Quarta-feira — Bacalhau
Quinta-feira — Chambão á moda da casa
Sexta-feira — Caldeirada
Sábado — Chispe com todos
Agradece a marcação de mesa pelo telefone 77 40 57.

SINGEVERGA
O LICOR DOS BENEDITINOS PORTUGUESES

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

Belenenses - F. C. Porto e Académica-Sporting

são as grandes atracções da 10.ª jornada

O Campeonato Nacional da 1.ª Divisão recomeça amanhã com os jogos correspondentes á 10.ª jornada, após um interregno de duas semanas provocado por um desnecessário jogo internacional e por uma jornada do Torneio Militar.

Os clubes reatam a sua actividade ocupando as seguintes posições:

1.º, Benfica, 15 pontos; 2.º, Sporting, 13; 3.os F. C. Porto, Belenenses, Vitória de Setubal e Vitória de Guimarães, 12; 7.os, Sporting de Braga e C. U. F., 9; 9.º, Lusitano, 8; 10.º, Barreirense, 7; 11.º, Torriense, 6; 12.º, Caldas, 5; 13.º, Académica e 14.º, Sporting da Covilhã, 3 pontos.

Para amanhã, os jogos estão assim escalonados:

Belenenses-F. C. do Porto
Académica-Sporting
Benfica-Vitória de Setubal
Sporting da Covilhã-Lusitano
Caldas-C. U. F.
Barreirense-Sporting de Braga
Vit. de Guimarães-Torriense

Dos seis 1.os classificados, cinco têm tarefas bastante espinhosas. Do trio dos 12 pontos, os Setubalenses actuam na Luz contra o Benfica, «guia» isolado do torneio, enquanto os «azuis» do Norte e do Sul travam entre si um jogo prometedor. O Sporting, 2.º classificado, em contrapartida vai até Coimbra defrontar a Académica, em penultimo lugar, com 4 pontos. Quanto aos Vimaranenses, agem como visitados, o que equivale a serem tomados como favoritos.

Do Sporting da Covilhã, e do Barreirense, que jogam no seu ambiente, há a recordar as recentes «goleadas» conseguidas por ambos, sinal de que o interregno lhes foi altamente benéfico, pelo que a sorte do Lusitano e do Sporting de Braga, respectivamente, parece estar muito comprometida. Os visitados são também favoritos. No campo da Mata, consideramos defensável o prognóstico de um empate, entre o Caldas e a C. U. F.

No Restelo e em Coimbra os principais jogos da jornada

Bela Guttman estreia-se como treinador no F. C. Porto e há por isso a expectativa de ver os Nortenhos em fase de adaptação do novo estilo: 2.º toque, o máximo, e passe seguido de passe, com remate ao golo. A curiosidade é aliciante, dado que o Belenenses, em outro jeito, dispõe naturalmente de recursos suficientes para contrabalançar e até superar os dos «Portistas».

Na evidência dos sectores avançados reside a chave da solução e, em boa verdade, ambos os contendores são fortes neste capítulo. Afigura-se-nos que o F. C. Porto tem maior soma de dificuldades. Sempre é um visitado contra um visitante de fortes alicerces.

O Sporting e a Académica devem primar por realizar uma partida correcta, dado que a hipótese contrária é inadmissível. Otto Bumbel estreia-se no grupo dos estudantes e isso é factor de particular interesse. O técnico brasileiro pode ter imprimido um novo rumo, mas os «leões» estão prevenidos. O empate entra nas três previsões possíveis...

O «guia» do campeonato continuará invicto?

A pergunta tem a sua razão de ser, porquanto o torneio deste ano está a ser fértil em desmentidos constantes sobre as previsões de cálculo seguro. Todavia, o Benfica, em sua casa, embora sem o concurso do seu excelente António Mendes, que foi castigado, não deverá permitir largos voos aos Setubalenses.

O jogo promete um despique movimentado. É de crer, porém, que a manobra simplista dos «encarnados», a fácil tendência dos seus dianteiros para visarem a baliza, resolvam a contenda.

TÉNIS

Ashley Cooper conquistou o campeonato australiano

SYDNEY, 29. — Ashley Cooper, o campeão de ténis de Wimbledon e dos Estados Unidos, ganhou o título masculino dos campeonatos australianos, derrotando na final o americano Carl Duchholz, de 18 anos, por 6-0, 6-1, 7-9 e 6-2.

Conseguiu a vitória após 78 minutos de jogo, depois de ter ganho os primeiros dois «sets» em 29 minutos. — (R.).

Várias provas de amanhã

BASQUETEBOL

Prosseguem amanhã os campeonatos da A. F. L., da 3.ª Divisão, de Juniores e de infantis. Eis o programa:

3.ª Divisão — Série A — P. Arcos-S. Catarina, em Paço de Arcos, e Pedrouços-Combatentes, em Pedrouços, ás 10 e 11 h. (2.ª e 1.ª); E. Física-Internacional, em Torres Vedras, e Alvalade-Campolide, nas Telheiras, ás 10 h. (1.ª).

Juniores e Infantis — Série A — E. Física-C. Quebradense, em T. Vedras, ás 11 e 12; Benfica-Oriental, no C. Grande; Sporting A-Sacavenense, no Passadiço ambos ás 10 e 11 h.

Série B — L. Ginásio-Algés, em S. Gens; C. Ourique-Pedrouços, em C. Ourique; Boa Hora-Sporting B, na Boa Hora, ás 10 e 11 h.

Série C — Nacional-Ateneu, em S. Bento; Atlético-Queluz, na Tapadinha; Carnide-Alvalade, em Carnide, ás 10 e 11 h.

Série D (só juniores) — Benfica B-Arroios, no C. Grande, ás 9 h.; Combatentes-Tabacos, na R. Possidónio da Silva, ás 10 h.; Maria Pia-C. D. U. L., em S. Gens; Algés B-Casa Pia, em Algés — ambos ás 11 h.

DESPORTO CORPORATIVO

Prossegue o 17.º campeonato nacional de futebol da F. N. A. T., nas duas Divisões, estando marcados os seguintes encontros:

Em Belém — Ofic. S. José-S. C. Cervejas (1.ª Div.); S. C. Cervejas-F. Simões (2.ª B); Org. T. Santos-Prof. Comércio (2.ª C); B. Carenque-Ag. Com. Sueca (2.ª B), respectivamente, ás 9, 11, 13 e 15 h.

Na Picheleira (Telef.) — C. Condes-Standard (2.ª B); C. Telefones-F. L. Sacavem (1.ª); C. N. Electricidade-S. N. Panificação (2.ª C); Ref. Ultramar-F. C. Tejo (1.ª Div.), respectivamente, ás 9, 11, 13 e 15 h.

No Estádio Nacional (pelado) — S. C. Guerin-F. C. Regina (1.ª Div.); F. C. Regina-Comp. Carris (2.ª C); C. Port. Pesca.-Comp. Carris (1.ª); Ar Líquido-Simca Portuguesa (2.ª B), respectivamente, ás 9, 11, 13 e 15 h.

HANDEBOL DE 11

Prosseguem amanhã os dois campeonatos de handebol de 11, que a A. A. L. tem em curso, estando marcados os seguintes encontros: **Divisão de Honra** — Almada-Benfica, no Pragal, ás 9 (2.º) e 10.15 (1.º); Glória-Belenenses, no Estádio Municipal (relvado), ás 10.45 (2.º) e 12.15 (1.ª); Oriental-Liberdade F. C. em Marvila, ás 9.30 (1.º); Sporting-Alverca, em Alvalade (treinos), ás 14 (2.º) e 15.30 (1.ª).

1.ª Divisão — Alhandra-A. Amadora, em Alhandra, ás 10.30 h., Ginásio do Sul-Cova da Piedade, na Mutela, ás 10 h.; Hóquei-R. Janeiro, no E. Nacional (relvado), ás 9 h.

HOQUEI EM CAMPO

Começa amanhã a 2.ª volta do campeonato lisboeta de hóquei em campo, disputando-se os encontros: Belenenses-Futebol Benfica, no Restelo, ás 8.45 (reser.) e 10.15 (honra); Benfica-Hóquei C. P., no Campo Grande, ás 10.30 h. (honra); Atlético-E. Amadora, na Tapadinha, ás 10.30 h. (honra).

HOQUEI EM PATINS

Começa amanhã a poule final do campeonato nacional de juniores. Jogos marcados: C. E. L. Azemeis-Campo de Ourique, ás 11 h.; A. A. Espinho-G. D. S. Cascais, ás 11.45 h. — ambos no Porto, em rink a designar.

MOTOCICLISMO

O Moto Clube, para comemorar o seu 4.º aniversário, promove amanhã em Salvaterra de Magos, uma concentração, seguida de uma gincana para motos, «scooters» e velomotores, depois do que se efectuará um almoço de confraternização, seguido de um divertimento taurino.

RAGUEBI

Sob a organização da novel Federação Portuguesa de Raguebi começa amanhã o «Torneio de Abertura», dotado com a Taça «António Valente». Disputam-se os seguintes encontros: Benfica A-Internacional e Benfica B-Belenenses B, no Campo Grande, ás 9 e 10.30 h., respectivamente; Sporting A-Belenenses A, em Alvalade, ás 9.30 h.; C. D. U. L.-Sporting B, no Estádio Universitário, ás 10.30 h.

TÉNIS

Nos «courts» do Clube de Ténis de Lisboa, em Monsanto, prossegue amanhã o «Torneio de Outono», estando a marcação dos encontros pendente dos resultados que hoje se verificarem.

TÉNIS DE MESA

Começa amanhã o campeonato de Lisboa, de «infantis», estando marcados os seguintes encontros:

Série A — Benfica A-Benfica B, Arroios B-Estoril e Sporting A-Ateneu. **Série B** — Benfica C-Arroios A, Sporting B-Académico e Mirantense A-C. Católico — todos ás 10 h., nas mesas dos clubes indicados em primeiro lugar.

VELA

Os velejadores vão ter amanhã uma jornada do maior interesse, pois além do prosseguimento do campeonato de dragões, disputam-se, também, regatas a contar para os campeonatos de «finns» e «moths».

TIRO AO ARCO

No Estádio Nacional, disputa-se a partir das 9.30 horas um torneio de tiro ao arco, integrado nas comemorações do 38.º aniversário do Carnide. Participam as equipas do Benfica, Sporting, Lisboa Ginásio e clube organizador.

Noticias de futebol

O Torriense joga na segunda-feira em Aveiro

O Beira Mar recebe a visita do Torriense, no Estádio Mário Duarte, na próxima segunda-feira, no regresso da equipa torriense de Guimarães.

Emídio Graça é o «tapa-buracos» do Sevilha

SEVILHA, 29 — Julga-se que o treinador Ipiña fará alinhar amanhã contra o Espanhol o jogador Emídio Graça no lugar de interior-esquerdo. Graça parece ser o «tapa-buracos» do Sevilha pois já desempenhou as funções de defesa e médio volante. — (A. N. I.).

Campeonato carioca

RIO DE JANEIRO, 29 — O Flamengo e o Bom Sucesso empataram, ontem á noite, a duas bolas. Ao intervalo, 1-1. — (F. P.).

Uma aterragem de emergência do avião que transportava a selecção militar da Bélgica

Os jogadores militares belgas apanharam um susto quando o avião que os transportava foi obrigado a aterrar próximo de Bruxelas. Quando o aparelho fazia a manobra, saíram bruscamente chamas

(Continua na 12.ª página)

TORNEIOS DE FUTEBOL

Conclui-se amanhã a 1.ª volta do «Nacional» da 2.ª Divisão

Com os encontros marcados para amanhã conclui-se a primeira volta da primeira fase do campeonato nacional da 2.ª Divisão, nas duas Zonas—Norte e Sul. Vence-se, portanto, a 13.ª jornada da prova, sem a mínima quebra de interesse pelo desenrolar da competição e, também, pelo seu desfecho, que o fim do despique ainda vem, longe e tudo pode acontecer.

Na Zona Norte, o programa reserva-nos os seguintes desafios:

Tirsense (8)-Penicne (13)
Chaves (12)-Marinhense (12)
Oliveirense (14)-Portalegrense (4)
Boavista (18)-Salgueiros (14)
Gil Vicente (3)-Sanjoanense (13)
Vianense (10)-Vila Real (12)
Espinho (10)-Leixões (20)

Entre parentesis indicam-se os pontos de cada equipa para a classificação.

Se a pontuação das equipas pudesse traduzir com exactidão as suas reais possibilidades, teríamos que os desafios de Oliveira de Azemeis e de Espinho serão os mais desnivelados, pois uma diferença de 10 pontos separa as equipas contendoras.

Relativamente aos jogos de Santo Tirso, Chaves, Barcelos e Viana do Castelo a perspectiva é de desafios mais ou menos equilibrados, susceptíveis de dar empates ou vitórias tangenciais.

Guardámos para o fim o encontro Boavista-Salgueiros — sem duvida, o de maior expectativa da jornada.

*

Na Zona Sul estão previstos os seguintes encontros:

Oriental (13)-Estoril (15)
Arroios (7)-Desp. Beja (8)
Sacavenense (10)-Almada (14)
Juventude (9)-Atlético (21)
Farense (10)-Montijo (15)
Coruchense (7)-Olhanense (17)
Serpa (10)-Portimonense (12)

Entre parentesis a pontuação de cada equipa para a classificação.

No conjunto, o programa é dos mais atraentes que a competição tem fornecido, sendo difícil apontar qual o desafio de maior interesse — se o de Marvila, se o de Moscavide, se o de Faro. Mas, será justo relegar para um segundo plano as pugnas de Sacavem, Coruche ou Serpa? Crêmos que não.

BASQUETEBOL

Jornada adiada

devido a um caso imprevisto

A primeira jornada da segunda volta do campeonato regional da Divisão de Honra, marcada para ontem, não se realizou por causa de um acidente invulgar. Após a primeira parte do jogo Nacional-Belenenses, que abria o programa, quase simultaneamente os suportes dos aros das tabelas, do Pavilhão dos Desportos, quebraram-se.

O mais estranho deste acidente não é, sem duvida, a quebra dos suportes que apesar de ser invulgar pode suceder como afinal aconteceu. O que é de lamentar é a falta de material sobressalente para acorrer prontamente a este género de acidentes. Não faz sentido que a entidade proprietária do Pavilhão dos Desportos (neste caso a Camara Municipal de Lisboa), que aluga o recinto por um preço que as Associações e Federações desportivas consideram exorbitante para as suas posses, não possa substituir rápidamente o material quebrado por outro em condições de prosseguir a organização, tanto mais que a Associação de Basquetebol de Lisboa, organizadora do torneio, sofre um prejuizo avultado, pois não pode eximir-se a pagar os seus compromissos: policiamento, bombeiros, porteiros, impostos, aluguer, etc.

Desta forma a Associação resolveu adiar a ronda de ontem, para o próximo dia 5 de Dezembro, no mesmo local e com o mesmo programa. Da decisão beneficiam os clubes que têm jogadores castigados, principalmente, o Sporting, no «caso» Garranha.

As provas da A. F. L.

O programa de provas da A. F. L. é amanhã, ainda, mais vasto do que os anteriores visto que se inicia o campeonato distrital da 3.ª Divisão (série B). Eis os encontros marcados:

Camp. da 1.ª Divisão — Casa Pia-Vitória, em Pina Manique; Operário-Sintrense, em Chelas; Desp. Olivais-Vila-franquense, no campo «Alvaro Gaspar»; Alverca-Olivais, em Alverca, ás 13 (reser.) e 15 h. (honra); Futebol Benfica-Alhandra, no campo «F. Lázaro», ás 13.30 (res.) e 15.30 (honra).

Camp. da 2.ª Divisão — Desp. Castelo-Amadora, na Picheleira; Palmense-Charneca, em Palma; U. Povoense-Fanhões, na Póvoa; Ericeirense-Santa Iria, na Ericeira — todos ás 15 horas; Odivelas-Amoreiras, em Odivelas, ás 15.30 h.

Camp. da 3.ª Divisão (série B) — Bucelenses-Vialonga, em Bucelas; Pinheiro de Loures-Camarate, em P. de Loures; Ponte de Frielas-Castanheira, em Ponte de Frielas; Loures-Cançeças, em Loures; Tojal-Povoense A. C., no Tojal; Zambujalense-Malveira, no Zambujal—todos ás 15.30 horas.

Camp. de Juniores da 1.ª Div. Série A—Belenenses-Cascalheira, no Restelo, ás 10 h.; Algés-Estoril, em Algés; Sporting-Atlético, em Alvalade — ambos ás 10.30 h.; Palmense-Arroios, em Palma, ás 11 h. — **Série B** — Charneca-Alhandra, na Charneca; Vialonga-Torriense, em Bucelas; U. Povoense-Benfica, na Póvoa — todos ás 10.30 h.; Oriental-Olivais, em Marvila, ás 11 horas.

Camp. de Juniores da 2.ª Divisão — Série A — Mirantense-S. Catarina, em Palma, ás 9.30 h.; Carcavelos-Linda-a-Velha, em Carcavelos; Operário-U. Algés, em Chelas, ambos ás 10.30 h. — **Série B** — R. Janeiro-Queluz, no campo Pina Manique (treinos); Fut. Benfica-Sporting, no campo «F. Lázaro»; E. Amadora-Sintrense, na Amadora, ás 10.30 h.; Casa Pia-Amoreiras, em «Pina Maniqué», ás 11 h. **Série C** — Santa Iria-Alverca, em Santa Iria; Desp. Olivais-Sacavenense, em Moscavide — ambos ás 10.30 h. Vilafranquense-Oriental, em V. F. Xira, ás 9 h.

Bolsas de estudo para o aperfeiçoamento da Educação Física

O Instituto de Alta Cultura, pela primeira vez, vai incluir nos seus planos para 1959 a concessão de bolsas de estudo destinadas a todas as pessoas que se interessem pelos problemas da Educação Física, para o efeito, deu conhecimento da sua louvável decisão ao I. N. E. F. As propostas deverão ser enviadas até 20 de Dezembro, com os nomes dos candidatos, cargos que desempenham, «curriculum» científico e profissional, plano de estudos com a indicação da duração da bolsa e local de estágio no estrangeiro.

A iniciativa é credora dos mais rasgados encómios.

O novo ministro do Interior

manifestou aos servidores do seu Ministério a confiança no trabalho a realizar

O sr. tenente-coronel Arnaldo Schultz, novo ministro do Interior, assumiu as suas funções esta manhã, tendo recebido por esse motivo as saudações ãos funcionários superiores do Ministério e das corporações armadas dele dependentes. Também compareceram no gabinete do ministro muitas outras individualidades, entre as quais o governador civil de Lisboa e mais chefes de distrito que se encontram na capital, os comissários- adjuntos, o secretário-inspector e outros dirigentes da Mocidade Portuguesa, e o corpo docente do Curso de Estado-Maior do Instituto de Altos Estudos Militares.

Falou em nome do funcionalismo o sr. dr. António Pedrosa Pires de Lima, secretário-geral do ministério, que se referiu em termos elogiosos ao sr. prof. dr. Pires Cardoso, que deixou o cargo por motivos de saude, e assegurou ao novo titular da pasta a colaboração sempre pronta de todos quantos trabalham no ministério, para arredar obstáculos auxiliar a resolver os problemas que se suscitem e garantir a execução da politica do Governo. A terminar, afirmou que, com a sua vasta cultura e o seu animo forte, de que tem dado amplas provas através de brilhante carreira militar, o sr. tenente-coronel Arnaldo Schultz saberá enfrentar com galhardia as tarefas do alto cargo, dominando as dificuldades que se deparem e despertando a fé daqueles que, porventura, a tenham adormecida.

O agradecimento do ministro

Ao agradecer os cumprimentos, o ministro, depois de lamentar a doença do sr. prof. dr. Pires Cardoso, que considerou muito ilustre colaborador do Governo, que constituia para si muita honra ocupar aquelas funções, que não ambicionava e que aceitara com sacrifício. Mas outra coisa — acrescentou — não tem feito o sr. presidente do Conselho, dedicando toda a sua vida ao País — e nenhum Português tem, por consequência, o direito de se negar sacrifício igual. Esperava — continuou o ministro — que aquele acto correspondesse á sua primeira sessão de trabalhos e não a uma cerimónia formal. Via reunidos ali tantos amigos e Portugueses de boa têmpera, que não podia deixar de lhes dizer, francamente, da sua satisfação por se sentir tão bem apoiado. A sua missão não lhe parece extraordinàriamente difícil, desde que todos os Portugueses se unam, redobrem esforços, acabem com a rotina e, cada um na sua esfera de acção, feche os ouvidos á maledicência e pense em produzir o mais que puder, com a máxima honestidade e com exames de consciência frequentes.

Concluiu com estas palavras: «E agora, com fé e confiança, vamos ao trabalho».

O novo ministro do Interior agradece os cumprimentos do funcionalismo

Uma conferência do comodoro Sarmento Rodrigues

VISEU, 29. *(Pelo telefone)*. — Na próxima segunda-feira, o antigo ministro comodoro Sarmento Rodrigues fará, no Rotary Clube desta cidade, a que preside o engenheiro Amaral Fuschini, uma conferência sobre o grande Visiense que foi o contra-almirante Afonso de Cerqueira.

Estão convidadas, além das entidades oficiais, numerosas personalidades em destaque neste distrito.

GAZCIDLA

CAMPANHA DO NATAL

COMUNICADO

Para simplificação do serviço, vantagem do público e também dos nossos serviços de distribuição, seria da maior conveniência que os clientes fizessem as suas compras ou pelo menos registassem as suas encomendas a tempo de evitar que, como se verificou nos anos anteriores, se dê uma aglomeração de pedidos (e consequentemente de entregas) na segunda quinzena de Dezembro.

Nas vendas a prestações, liquidadas por meio de letras, a CIDLA comunica que o vencimento da primeira letra será sempre estabelecido para depois de 31 de Dezembro.

RIBATEJANO

SALVATERRA DE MAGOS — Telefone 14

DIAS 30 E 1 DE DEZEMBRO (FERIADO)

ALMOÇOS COM EMENTAS REGIONAIS

4—RANCHOS FOLCLÓRICOS ✱ 2—FESTIVAIS TAURINOS—2

INFORMAÇÕES E RESERVA DE MESAS EM LISBOA
TELEFONE 770320 (6 ANOS)

A morte de Robles Monteiro

A ultima vez que o vimos — pobre e querido Robles Monteiro — foi á porta do seu escritório no Teatro Nacional. Costumava ali emergir, pela tardinha, a comprar os jornais, a observar o Rossio, e havia sempre um amigo com quem se entretinha, afável e bondoso, dizendo pouco mal do teatro, e sempre bem da sua arte.

Já estava uma ruína, mas ainda acalentava esperanças. Simplesmente, aquele sorriso doce, que era, porventura, o seu segredo de artista, desaparecera-lhe dos lábios cremados.

—Um bocado cansado! — desculpava-se. Viera de Madrid, onde se sujeitara a um tratamento severo, e o bom Robles, que, nos principios da vida fora jornalista, gostava sempre de ouvir novidades. Apesar de grande no teatro, julgava-se ainda dentro da profissão.

Dias depois, no palco do D. Maria, aquele arcaboiço robusto, vacilou, para subitamente se abater:

—Já não posso! Não posso mais!

Foi através de um véu de lágrimas que Robles Monteiro entreviu, pela ultima vez, o seu lindo teatro. Que recordações, meu Deus! A tiara preciosa do lustre com ás pedrarias de cristal, como bizalhos de diamantes, cintilava.

No tecto, as figuras de Columbano, pareciam ter descido, a amparál-o, a socorrê-lo. Como uma musa desolada, vencendo a dor, Amélia Rey Colaço, olhava-o com infinita doçura.

Foi nesse instante que Robles Monteiro morreu, como artista, no seu próprio teatro, museu de glória, que o homem, consumida a argila física, no quebranto da enfermidade só ontem sucumbiu, tão perto de Deus, como a sua crença desde tamanino.

Mas foi pungente esse derradeiro olhar. Era o final da peça da sua existência, tão vivida, multiplicada em personagens, tanto as de alta roda, a que o monóculo que usava, como Augusto Rosa, com o qual, por vezes, tanto se parecia pela verdade e a bonomia da representação, emprestava nobreza, como as rusticas, sobretudo as da Beira, onde nascera, carregando nos ss e sempre esbanjando «bem hajas» *do seu coração cheiinho de ternura humana. Essas, sobretudo, eram magníficas, vicentinas, rudes, ásperas, expressivas do seu próprio físico, da sua própria alma.*

O seu mundo foi sempre o teatro. Com Amélia Rey Colaço, pode dizer-se que se essa fulgurante e opulenta tradição da grande arte do teatro do século XIX, em Portugal, chegou a nossos dias, a ele se deve, numa obra de paixão dignidade, de devoção e de paixão incessante.

Com que amor ele reintegrou, há anos, a velha Casa Garrett, pintando-a, alindando-a, embelezando-a desde os bustos sagrados dos deuses tutelares, no peristilo verde, até ao pequeno «foyer» dos artistas, em que tantas notas de arte ressaltam, conjugando-se num ambiente requintado. E aquele homem, de fala lenta, simples e metódico, de uma sensibilidade «exquise» que nem todos captavam—realizou com a grande actriz Amélia Rey Colaço, uma total renovação da mise en scene, *com os valores plásticos mais modernos e até mais ousados, numa autêntica revolução estética. Tinha ainda tempo de ensaiar, de representar, como se tudo isso fosse, afinal, espiritualmente a sua existência. E foi-o! O seu nome merece ficar assinalado no teatro D. Maria, o seu lar extremecido, numa lápida imorredoira.*

Quando a filha, Mariana Rey Monteiro, ali se estreou, dir-se-ia que Robles Monteiro andava com o coração nas mãos. Uma chama, um sorriso, a beatitude de um pai enamorado pela sua ultima estrela! Encheu-a de lágrimas e de flores — e o publico de aplausos.

Quão numerosas são as criações que lhe sobrevivem! As que ele interpretou no proscénio, as que encenou, as que ensaiou. Mais de cem peças, todos os géneros, comédia e drama, o clássico, o romantico e o realista, de dezenas de autores nacionais e estrangeiros — obra enorme, prodigiosa que, no Teatro D. Maria II, vem desde 1929 — quase trinta anos — de um labor que nunca afrouxou, e que, devolvendo aquele palco ás suas tradições históricas, o tornou, sem contestação, a nossa primeira cena.

Mas há ainda outro aspecto a assinalar na carreira deste actor e realizador teatral, de imaculada probidade artistica: as suas representações ao ar livre, tendo como fundo os porticos das igrejas e catedrais, como na Sé de Lisboa, no adro do mosteiro de Alcobaça, ou na severa moldura de granito histórico de Guimarães, berço da nacionalidade.

Foram deslumbrantes essas representações, sonhos luminosos de beleza, onde as grandes figuras, por vezes, arrancadas aos retabulos dos autos vicentinos ou de Nuno Gonçalves, davam ao povo um teatro vivo, de cenários reais, numa formidável grandeza secular.

Obra cultural imensa, em que a aliança artistica e sentimental de Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, produzindo maravilhas, aproximaram o tablado português, se é que não o integraram no esplendor do teatro grego, representado nos anfiteatros majestosos, lembrados hoje pelas suas ruinas sagradas.

Robles Monteiro morreu com setenta anos. Num ultimo vislumbre do seu passado, recordou, decerto, quando no seminário da Guarda, numa peça de estudantes, o que mais tarde foi arcebispo de Evora o mandara chamar, e pondo-lhe a mão na cabeça, abençoando-o e predestinando-o, dissera:

— Meu filho, serás um grande artista, mas nunca percas a fé em Deus!

E assim foi, Robles Monteiro — pormenor curioso — dava lições de dicção num seminário dos arredores de Lisboa. No fim da existência, o mundano elegante e cordeal voltava a pisar o claustro. Poucos o sabiam. Sorria como uma criança travessa daquela actividade pedagóica. Aquilo era para o grande artista o seu violino de Ingres.

A' noite, no D. Maria II, em decénios consecutivos de representações brilhantes, Robles Monteiro impressionava o publico com as suas interpretações. Ronda enorme de figuras, recortadas de peças de Garrett, António Ferreira, Julio Dantas, Carlos Selvagem Ramada Curto, O'Neill, Virginia Vitorino, Alfredo Cortez, Vasco de Mendonça Alves, Garcia Lorca, Marcel Pagnol, Jacques Deval, Casona, e tantos outros, dezenas, em que temperamentalmente desenhava, incarnava um papel, sem nunca, no entanto, se desprender da sua personalidade, jogando com talento o famoso paradoxo de Diderot.

Desaparece com Robles Monteiro

(Continua na 14.ª página)

A acção dess... pela Marinha nos trabalhos do hidroavião

Os Ministérios da Marinha e das Comunicações e o Subsecretariado de Estado da Aeronáutica, forneceram á Imprensa a seguinte informação:

«O acidente ocorrido com o hidroavião CSTHB, na rota de Cabo Ruivo para o Funchal, no dia 9 do corrente, e que provocou 36 vítimas, enlutando a aviação comercial portuguesa e toda a Nação, determinou imediatas providências por parte das entidades oficiais. Teve-se com isso em vista, primeiro, encontrar esse avião e os possíveis sobreviventes; depois, apurar, através do rigoroso inquérito, quais as causas do acidente e inerentes responsabilidades; finalmente, estudar a melhor forma de assegurar ao arquipélago da Madeira ligações eficientes com o continente.

As operações de busca e salvamento foram iniciadas logo que no Centro de Controle de Tráfego Aéreo de Lisboa foi recebida a mensagem do hidroavião CSTHB informando que ia amarar de emergência, 58 minutos apos a descolagem.

Logo que teve conhecimento da mensagem o Ministério da Marinha, através do Estado-Maior da Armada, determinou que entrasse em acção um vasto dispositivo de busca e salvamento cuja missão foi a seguinte:

Intervieram nas operações:

— O Centro Naval de Busca e Salvamento, funcionando no Estado-Maior da Armada, que controlou as operações de superficie e assegurou a ligação com o Centro de Coordenação de Busca e Salvamento;

— a Rede de Comunicações Rá-

6-332

Em sua casa,

BRILH...

lavand...

NOV...

Son...

CONCE...

Lava vidros, louças, lãs, ... etc. com menos trabalho

envolvida
e pela Aviação
de busca
«Porto Santo»

iotelegráficas do Ministério da Marinha, que assegurou as comunicações com os navios e as ligações om Gibraltar e Casablanca;

— Os seguintes navios de guerra: fragatas «Corte Real», de 9 a 13 de Novembro, e «Pero Escobar» de 12 a 15; contratorpedeiros «Tejo», em 0 e 11, e «Dão», em 10 e 11; partuas (Boavista», de 10 a 12 e 13 a 15; «Brava», de 10 a 12; «Maio», de 10 a 14; e «Porto Santo», de 11 a 15.

— Os seguintes navios mercantes: «Santa Maria», de 9 a 10; «Zé Manel», de 9 a 10, «Funchalense», de a 10, e «Alvaladé», 9 (todos nacionais) e «Derwentdale» e «Flowergate» (ingleses), «Poeta Arolas» (espanhol), «Ivoorkust» (holandês), «Hoegh Silvermoon» (norueguês) e «Ferroland» (sueco).

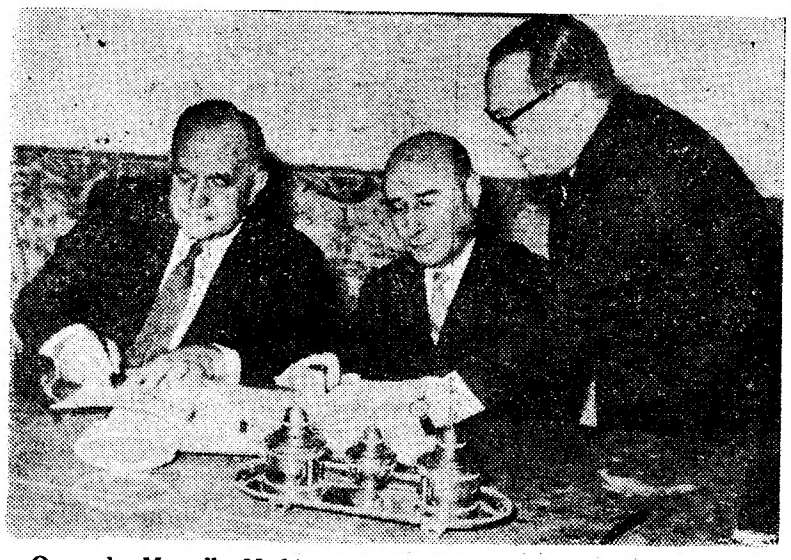
Como decorreram as operações de busca

De uma maneira geral, as operações de superfície consistiram, inicialmente, em pesquisar a área onde provàvelmente se poderia encontrar o avião da ARTOP e, mais tarde, em cruzar áreas donde se pulesse acorrer, sem demora, ás posições em que os aviões assinalaram destroços.

As condições de tempo em que se desenvolveram estas operações foram particularmente adversas (o vento atingiu, por vezes a velocidade de 50 quilómetros horários, e a vaga cerca de 3 metros de altura), tornando-se bastante difíceis e muito penosa a vida a bordo dos na-

(Continua na 11.ª página)

CONSIGA um
NOVO
com
asol
TRADO
ylons, estofos, tapetes,
e por menos dinheiro



O sr. dr. Marcello Mathias e sir Roy Walensky assinam o acordo

O acordo comercial
entre Portugal e a Federação das Rodésias e Niassalândia foi assinado esta manhã

No Palácio das Necessidades, foi assinado esta manhã pelo sr. ministro dos Negócios Estrangeiros, embaixador dr. Marcello Mathias, e por sir Roy Welensky, primeiro-ministro da Federação da Rodésia e Niassalandia, o acordo comercial entre o nosso País e a Federação.

O sr. dr. Marcello Mathias e sir Roy Welensky puseram nessa ocasião em relevo o espírito de amizade e cooperação que informa as relações entre os dois países.

Após a assinatura do acordo, houve uma sessão de trabalho em que tomaram parte, pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, além do respectivo ministro, os srs. secretário-geral, embaixador Henrique Queirós; director-geral dos Negócios Económicos, dr. Rui Teixeira Guerra; e oconselheiro de legação dr. Fernando de Oliveira; e pelo Ministério do Ultramar, além do respectivo ministro, contra-almirante Lopes Alves, o antigo subsecretário de Estado das Colónias eng. Rui de Sá Carneiro; o director-geral da Economia, dr. José Martinez; e o eng.º José de Oliveira Goulão, da Missão Geográfica de Angola. Por parte da Federação, tomaram parte nessa reunião, além do primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros da Federação, sir Roy Welensky, os srs. embaixadores da Grã-Bretanha, sir Charles Stirling; H. M. Perry e F. Parker, altos funcionários da Federação, e o sr. R. J. Felthan, conselheiro da embaixada britanica para os assuntos da Federação.

Ás 12 e 15, o primeiro-ministro da Feedração, que se fazia acompanhar do embaixador britanico, foi recebido pelo sr. dr. Oliveira Salazar, na sua residência.

Uma hora depois, chegaram á residência do sr. Presidente do Conselho as restantes individualidades portuguesas e britanicas, que tomaram parte num almoço oferecido pelo sr. dr. Oliveira Salazar a sir Roy Welensky.

O primeiro-ministro da Federação das Rodésias e Niassalandia, que ontem visitou os pontos de maior interesse turístico de Lisboa, segue amanhã, de manhã, de avião, para Nice.

A exposição de cartazes
da Escola António Arroio

Continua aberta, na Escola de Artes Decorativas de António Arroio, a exposição de cartazes feitos pelos alunos daquele estabelecimento de ensino. O seu director, o ilustre pintor Lino António, que deu á escola um notável desenvolvimento, têm sido vivamente felicitado pela feliz iniciativa, bem como os seus discípulos.

O secretário da Agricultura visitou a Estação Zootécnica da Fonte Boa

SANTARÉM, 29 — (Pelo telefone) — Cerca das 10 e 30, chegou a Estação Zootécnica Nacional, na Fonte Boa, o sr. eng. Quartim Graça, secretário de Estado da Agricultura, acompanhado do seu chefe de gabinete. Era ali aguardado pelos srs. director-geral dos Serviços Pecuários, dr. França e Silva; director daquela Estação Zootécnica, dr. Joaquim da Silva Portugal; governador civil, presidente da Camara e outras entidades oficiais.

Após os cumprimentos protocolares, efectuou-se uma sessão solene, presidida pelo sr. eng. Quartim Graça, ladeado pelos srs. governador civil, deputado Artur Duarte e presidente da Camara.

O sr. dr. Joaquim Portugal apresentou as boas-vindas ao secretário de Estado e focou vários aspectos da estrutura agrária do País ligados ao sector da criação de gados.

Em seguida, o sr. secretário da Agricultura empossou o Conselho Regional da 10.ª Região Agrícola, que ficou constituido pelos srs. eng. Manuel Monte Pereira, eng. Emílio Durão, eng. Correia Cunha, dr. Luís Barreiros Cunha, José Infante da Camara, D. Luís Margarido e António Branco Teixeira.

Visitou depois a vacaria n.º 1, de reprodução, a aula de touros reprodutores e, por ultimo, a aula viteleira.

Foi-lhe oferecido um almoço íntimo, após o qual aquele membro do Governo ainda visitou o laboratório da Estação.

As eleições americanas (6)

A conferência de imprensa do secretário da Defesa, Mac Elroy, bem como a nota oficiosa que a acompanhou e foi fornecida á guisa de esclarecimento, têm a data de 14 de Novembro. Ambas surgiram no rasto da profunda emoção que, dentro e fora dos Estados Unidos, causou o resultado das eleições que tiveram lugar dez dias antes e das declarações do senador Johnson que pôs como condição para estabelecer uma base eficaz de colaboração com o governo republicano «a revisão da política externa de forma a poder pôr em prática os planos novos e a ter a garantia de que os dirigentes responsáveis dão mostras de mais imaginação do que no passado».

A maioria democrática do Congresso está decidida a pôr termo á era do imobilismo, correspondente ao mandato presidencial do general Eisenhower, e da passagem do sr. Foster Dulles pela secretaria de Estado. As suas teses foram, antes do encerramento da ultima sessão legislativa, claramente enunciadas pelos senadores Humphrey, Fullbright e Kennedy, os quais condenaram em bloco a orientação simbolizada por aquele imobilismo.Ao mesmo tempo, sob a pressão dos acontecimentos e com receio de perder irremediávelmente a corrida dos armamentos, o governo americano tomou duas decisões capitais — confiar ao exército o encargo de fabricar os novos modelos de projécteis e satélites para fazer face á ameaça soviética e modificar as linhas gerais da sua estratégia, o que não pode deixar de ter profundas repercussões na estratégia da aliança atlantica, em vésperas de ser mais uma vez debatida na próxima reunião do Conselho do Atlantico.

A primeira pôs termo ás aventuras técnicas dos chefes da aviação que tiveram o seu epílogo numa série de desaires os quais afectaram o moral do povo americano e influiram, mais do que em geral se supõe, no resultado das eleições. O sentimento de humilhada frustração que resultou desses desaires, encontrou finalmente uma válvula de escape e não deixou de a utilizar. Os Americanos dificilmente se resignam á ideia de que a sua supremacia, nos campos da técnica e da ciência, foi contestada com êxito por competidores que, há quarenta anos, caminhavam a uma enorme distancia dos Estados Unidos. Esse sentimento agrava o desgosto sofrido com as sucessivas retiradas que, no campo militar, são o preço da intervenção americana desde a guerra da Coreia até ao desembarque dos «marines» no Líbano. Sejam quais forem as explicações dadas para interpretar esses episódios, eles avultam aos olhos daquele povo, como uma prova de que na sua política externa, como nas suas concepções estratégicas, alguma coisa há que não caminha bem.

«A verdadeira mudança da estratégia americana, lê-se no comunicado da secretaria da Defesa que esclarece a conferência de imprensa do sr. Mac Elroy, operar-se-á á volta de 1962, data em que o primeiro engenho balístico (projéctil) intercontinental de fabricação americana, accionado por carburantes sólidos, entrará em serviço». Esse engenho, o «Minutesman», que na panoplia militar dos Estados Unidos substituiu o «Atlas» cujos ensaios não deram resultados concludentes, está em estado adiantado e deve ser possível utilizá-lo dentro de quatro anos, nada havendo na nota que esclareça um ponto fundamental — se se trata de preparar para essa data os prototipos ou se se trata da fabricação do engenho em série, pois entre uns e outra medeia um intervalo de meses e mesmo de anos.

Na nota da secretaria da Defesa há uma passagem sensacional na qual se lê: «Os chefes da aviação americana chegaram á conclusão de que os projécteis — entre os quais os de alcance médio — acionados por carburantes líquidos nunca estariam aptos a dar a resposta imediata e fulminante exigida por um eventual ataque dos sovietes». Esta declaração reveste-se de uma importancia tal deixou espantados aqueles que seguem a evolução da estratégia americana, desde a subida dos republicanos ao poder em 1953, e as relações estabelecidas entre esta e a política externa dos Estados Unidos.

Em seguida aos episódios do Suez e da Hungria, no Outono de 1956, os dirigentes americanos procuraram atribuir uma importancia relativa ao avanço, alcançado na competição para o fabrico de projécteis de alcance médio, pela União Soviética. Tempos depois surgiu o oferecimento de os enviar para os países europeus, membros da aliança atlantica, desde que estes consentissem a instalação de rampas de lançamento no seu território. A revelação agora feita sobre os inconvenientes que para essa fabricação representa a utilização dos combustíveis líquidos surge como uma surpresa, pelo menos para aqueles que não estavam no segredo da produção dos armamentos nos Estados Unidos e da natureza e qualidade destes. Que essa revelação suscitasse um movimento geral de duvida, justifica-se plenamente pelo que foi necessário, quarenta e oito horas depois, publicar uma nota da secretaria de Estado que procurou atenuar os seus efeitos sem contestar o fundamento do seu conteudo.

MEIA DE VIDRO

Acaba de receber a ultima Novidade em MEIAS DE CORES FLOORESCENTES

MEIA DE VIDRO

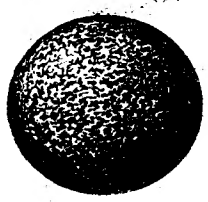
158 — R. Augusta — 158

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU!
UMA JOIA É SEMPRE UM VALOR.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
R. da Prata, 257

DENTES COMO ESTES SÓ COM
PASTA MEDICINAL COUTO
CONTRA AS DOENÇAS DA BOCA

NOVIDADE!

ESPANTOSA DESCOBERTA DA ESFEROGRÁFICA PARKER!



PONTA POROSA — EXCLUSIVA DA PARKER MUITISSIMO AMPLIADA

A NOVA PONTA POROSA SUPLANTA A DE TODAS AS ESFEROGRÁFICAS!

A nova esferográfica Parker T-Ball escreve ao mais leve toque... com suavidade, limpeza e quase sem pressão, com traço uniforme em toda e qualquer superfície de escrita — cheques, postais, papel lustroso de fotografia, documentos oficiais, papéis absorventes... e até sobre manchas de gordura e dedadas.

EIS A RAZÃO! Este novo tipo de escrita da nova esferográfica Parker resulta da sua extraordinária ponta porosa, que — alimentada de tinta em todos os sentidos —, se mantém com 166 vezes mais tinta do que as pontas sólidas das esferográficas vulgares.

A carga gigante da «Parker T-Ball» dura 5 vezes mais! Poupa-lhe dinheiro pois continua ainda a escrever por muito tempo enquanto que qualquer outra carga vulgar estaria já seca.

Parker T-Ball Esferográfica

PREÇOS: DE ESC. 60$00 A ESC. 350$00 — RECARGAS: ESC. 24$00
Representantes Exclusivos: **PAPELARIA DA MODA**
António Vieira, Lda. • Rua do Ouro, 167 • LISBOA

Sente-se assim?

É porque precisa de vitaminas e de ferro

BOVRIL contém vitamina B 12, essencial para fortalecer a saúde e a energia.
Misture uma colher de chá de BOVRIL com a sopa e os guisados. Estimula o apetite e a digestão.
Também pode tomar BOVRIL como bebida misturando-o com água quente.

Bovril em «sandwiches» é uma delícia.

PARA FORÇA E VIGOR

BOVRIL

Unico Agente Distribuidor em Portugal
J. CANDIDO DA SILVA, LISBOA-PORTO

V. Ex.ª deseja comprar um relógio?
Peça um ENICAR ULTRASONIC
O ENICAR ULTRASONIC
oferece-lhe:

absoluta garantia
modelos elegantes
acabamento ultramoderno
Preços modestos

ENICAR ULTRASONIC

O relógio Enicar Ultrasonic é o único relógio que não precisa de lubrificação durante três anos.

Cada relógio Enicar Ultrasonic tem um boletim de garantia. Há centenas de fabricantes de relógios na Suíça. Mas a Fábrica Enicar fabrica 8 % da produção total da Suiça, ou seja perto de um milhão de relógios por ano.

Também fabrica toda a relojoaria moderna em:
Automáticos com os últimos aperfeiçoamentos.
Calendários, com a lente de aumento.
Impermeáveis: 10 % — caixa SEA-PEARL.
Extra-planos: sensacionalmente planos.

O relógio Enicar está á venda nos cinco continentes

DEFENDA-SE DO INVERNO...

Com o sistema de aquecimento "SMITHS" o conforto do seu carro aumentará, evitando as baixas temperaturas.

Instalação rápida, seja qual for a marca e o modelo do seu carro.
Peça os esclarecimentos que desejar aos agentes

SOCIEDADE DE LUBRIFICANTES INGLESES, LDA.
Av. da República, 4, 1.º D. — Lisboa — Tel. 58141

Av. Praia da Victória, 73-A (Stand)

CÁLEM

VINHOS DO PORTO E BRANDY

Agentes em Lisboa: **ARTUR PAIVA, LDA.** — Telef. 812474

DINHEIRO

COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.as HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

CARPETES AXMINSTER

Os mais belos desenhos nas melhores qualidades inglesas
Representantes e depositários de **«Carpet Trades, Ltd.»**
RUA DA PRATA, 214, 1.º

GUILHERME SILVA, FERREIRA, LDA.

PELES HELEN

ULTIMOS MODELOS
VISONS E ASTRAKANS
AOS MAIS BAIXOS PREÇOS
Av. António Augusto Aguiar, 3, 2.º, Dt.º
Telef. 53735

Dentro de dois anos a Madeira e o continente serão ligadas por aviões de rodas

(Continuação da página central)

vios, em particular dos patrulhas, dois dos quais sofreram avarias, tendo sido impossível cozinhar a bordo na maior parte do tempo.

Resumindo, intervieram nessas operações, por parte da Marinha, 8 navios de guerra, 9 navios mercantes, o Centro Naval de Busca e Salvamento e a Rede de Comunicações do Ministério da Marinha. Os navios de guerra estiveram no mar 530 horas, tendo percorrido aproximadamente 5.000 milhas. Cerca de 750 oficiais, sargentos e praças da Armada colaboraram nos trabalhos.

A acção desenvolvida pela Força Aérea

Dentro da acção desenvolvida pela Força Aérea, é justo salientar a incansável actividade da Base Aérea n.º 6. De facto, desde o primeiro momento, verificou-se a vantagem de certas actividades do Centro de Coordenação de Busca e Salvamento passarem a ser desenvolvidas no Montijo, dada a maior facilidade que aquela Base tinha em coordenar os voos dos aviões á sua disposição com os realizados por outros aviões nacionais e estrangeiros.

A mensagem de emergência do hidroavião CSTHB, recebida no Centro de Coordenação de Busca e Salvamento do Continente, foi emitida ás 13 e 21 do dia 9, ou seja 51 minutos depois do aparelho ter assinalado que deixara o rádio-farol de Barcarena pelo través e 41 minutos após informar que atingira a altitude de cruzeiro dos 6.000 pés.

Aquele Centro pôde, assim, determinar, com apreciável rigor, a posição provável do acidente.

A situação relativa ás condições atmosféricas e do estado do mar, que, de um modo geral, viria a manter-se nos dias subsequentes, era a seguinte: visibilidade boa; vento do quadrante NE, com velocidade de 35 a 50 km/h; mar mau, com vagas da ordem dos 2 metros de altura.

Após o curto intervalo de 1 hora e 49 minutos, o local era sobrevoado pelo avião de serviço da Base de salvamento.

Entretanto, outros aviões convergiram prontamente para a zona do acidente, tendo sido coberta, até ao pôr do Sol, uma superficie circular de 40 milhas marítimas de raio.

Durante a noite, a área de pesquizas tomou a forma aproximada de um rectangulo de 85 milhas de largura.

Também é de assinalar a pronta colaboração oferecida pelas aviações americana, francesa e inglesa e a sua participação activa nas operações de busca. Dos aeródromos de Rota, Sidi Silimane, Port Liautey, Gibraltar e Agadir, dentro das disponibilidades dos meios, todos os dias descolavam aviões que iam contribuir, na área de busca, para o grande esforço conjunto que estava a efectuar-se.

Os aviões pesquisaram mais de 43 mil milhas quadradas

No dia 10, ainda com algumas esperanças de poder encontrar o avião sinistrado, apesar do mar e o vento terem piorado, efectuaram-se 11 voos diurnos, quase todos simultaneos, com larga sobreposição das zonas atribuidas a cada avião.

Efectuaram-se, em cada dia, 12 voos diurnos, quase simultaneos. Os voos nocturnos foram apreciavelmente reduzidos. Muitos destroços foram assinalados e alguns recolhidos pelos navios, por indicação dos aviões. Porém, nenhum foi identificado como pertencendo ao avião sinistrado.

A partir do dia 14 e até ás 11 horas do dia 15, quando as pesquizas se deram por terminadas, os voos foram reduzidos.

Não contando com os aviões comerciais que, no dia 9, foram desviados das suas rotas para pesquizas, o Serviço de Busca e Salvamento efectuou 61 voos, num total de 495.5 horas, dos quais 33 realizados por aviões nacionais, que voaram 246,5 horas. A área total pesquizada sobre o mar foi de 43.214 milhas quadradas, mas a área coberta por todos os voos, não entrando em linha de conta com as sobreposições, foi superior a 252.000 milhas quadradas.

Não houve falha de comunicações de rotina

Das comunicações efectuadas com o hidro-avião CSTHB, que foram normais até ao momento em que se recebeu, ás 13 e 21 (T. M. G.), uma mensagem declarando que ia amarar em emergência, nada podia levar a supor qualquer anormalidade a bordo. O ultimo contacto efectuado antes dessa hora tinha sido ás 12 e 47 (T. M. G.) e, depois desta comunicação, só se esperava receber nova mensagem de rotina uma hora após o início do voo, para informar sobre a posição do avião. Como a mensagem de emergência foi recebida 58 minutos após a descolagem, não se pode considerar que tenha havido qualquer falha de comunicações de rotina.

Logo que se recebeu a mensagem de emergência, que não era, aliás, susceptível de grande erro, pois o tempo de voo era pouco, ao mesmo tempo que se obtinha uma previsão meteorológica para a área provável do acidente, informações estas que foram disseminadas pelas entidades que viriam a ser envolvidas na acção de busca e salvamento.

Além das unidades de busca aérea, já referidas, colaboraram nas operações aeronaves comerciais das companhias Air France, KLM, Aerolineas Argentinas, TAP, Panair e Artop.

O problema das ligações com a ilha da Madeira

Entretanto, prossegue o inquérito ás possíveis causas do acidente, cujas conclusões serão tornadas publicas logo que os trabalhos — naturalmente dificeis e morosos — estejam concluidos.

Não descurou, também, o Governo o problema das ligações para a Madeira. Assim, pelo Ministério das Comunicações, ao mesmo tempo que se mandaram activar os trabalhos relativos aos aeródromos da Madeira e de Porto Santo, ambos previstos no próximo Plano de Fomento, foi incumbida a Direcção-Geral da Aeronáutica Civil de rever o problema das ligações aéreas, por meio de hidroaviões, dado que se entendeu, em face do acidente agora verificado e de outros ocorridos no estrangeiro, com hidroaviões de outros tipos, mas todos de fabrico antigo, ponderar, na medida do possível, se é de aconselhar o reatamento das carreiras ou se há que aguardar, por um espaço de tempo que se presume de dois anos, a utilização do aeródromo da Madeira por aviões de rodas.

Por outro lado, o Ministério da Marinha tomou providências imediatas para a solução do problema do transporte de passageiros de Lisboa para o Funchal e vice-versa. No sentido de se atenuar a presente situação, agravada com a suspensão da carreira aérea, vão fazer-se, a titulo experimental, mais duas viagens extraordinárias por mês, apenas para o Funchal, com os navios «Carvalho Araujo», partindo de Lisboa nos dias 4 de Dezembro e 1 de Janeiro; e com o «Lima», nos dias 17 de Dezembro e 15 de Janeiro, regressando, respectivamente, do Funchal, a 6 de Dezembro e 3 de Janeiro e a 19 de Dezembro e 17 de Janeiro.

O «Diário de Lisboa» vende-se no SEIXAL, na casa Firmino de Oliveira Pinto.

A Polícia procura um burlão que era gerente duma casa de modas

A Polícia Judiciária descobriu agora mais uma série de burlas, que ascendem a muitos milhares de contos, as quais foram praticadas pelo gerente de uma firma comercial, denominada «Modas Zizi», situada no Largo Martim Moniz.

Aquele individuo de nome Susane Candido de Matos Gomes, filho de Francisco da Trindade Gomes e de Jerónima Candida de Matos Gomes, de 44 anos, natural de Olhão e residente na Rua da Costa Pinto, n.º 68, em Paço de Arcos, revelou-se, no decorrer de todas as suas proezas, não só um astuto burlão como, ainda, um individuo perdulário, pois ultimamente frequentava os vários casinos do País, onde jogava largamente. A P. J. que entretanto começou a investigar numerosas queixas, tem já largas provas dos factos e apurou, também, a maneira como o Matos Gomes, como é muito conhecido, pôs em prática os seus processos de burlar o próximo, usando um raro poder de insinuação.

Para que se esclareça totalmente toda a sua actividade, a P. J. está a fazer porfiadas investigações, a fim de prender o Matos Gomes, que se ausentou dos locais que normalmente frequentava, logo que se apercebeu que andavam no seu encalço.

De ontem para hoje

A CRISE DO ALENTEJO

O Alentejo, quadro de belos contrastes em que se fundem a vida e a morte no mesmo, estilo de cor, de solidão e nostálgicos sufocamentos, é a terra da pobreza e da fartura. A anormalidade das condições atmosféricas e a falta de chuvas dessa resultante reclamam uma distribuição de regas compensante e um povoamento florestal compensador. A's suas crises ciclicas de água correspondem graves crises de trabalho e perturbações económico-sociais. Este ano, é mais prolongada a seca. Os perigos do desemprego também, pelo que os chefes dos distritos têm pedido ao Governo medidas especiais que façam face á crise dos trabalhos rurais. Uma comissão estudou as sugestões e os problemas em si. Deste modo, o Governo habilitou-se a poder anunciar que vai ser executado um novo plano de trabalhos para intensificar o combate ao desemprego rural. Dizem as fontes oficiais que o Ministério das Finanças concedeu fundos para a execução.

FEIXE DE IMAGENS

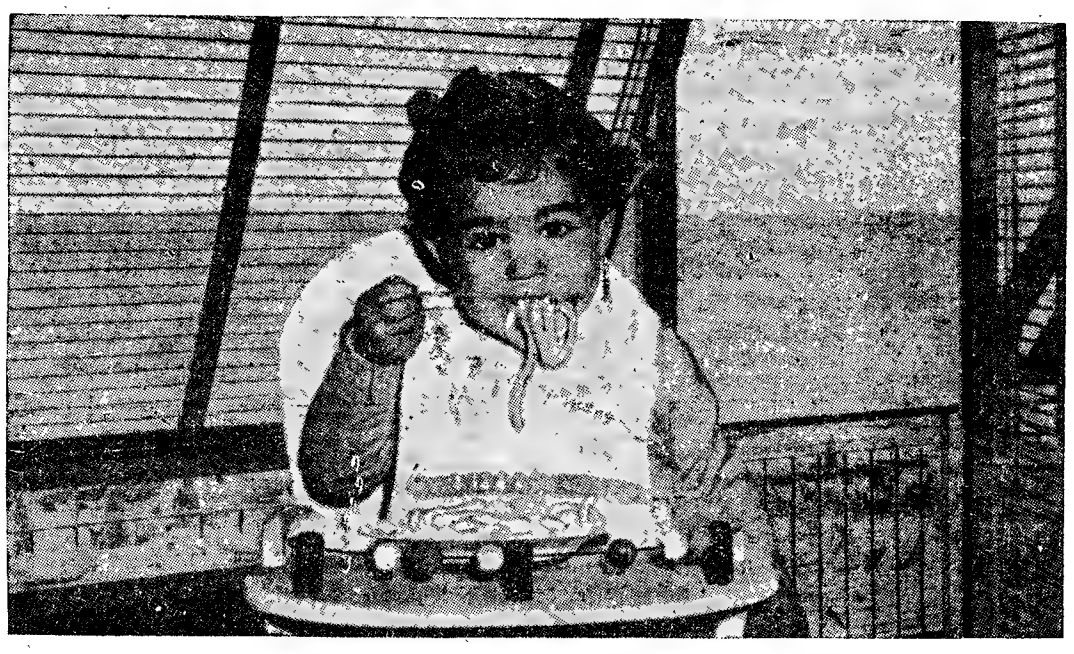
ENCERRARAM-SE os trabalhos do II Congresso Nacional de Turismo. Debateram-se graves problemas referentes á máquina turística e falou-se, em especial, das razões que podiam ser o melhor cartaz da nossa terra sem monumentos mas rica de formosuras naturais e valores etnográficos. O povo, porém, abandona-os. E assim se lamenta — e lamentou no Congresso — o desaparecimento das filarmónicas populares e dos trajos caracteristicos de cada região.

*** A directora do Instituto de Serviço Social (D. Maria Carlota Lobato Guerra) falou no Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, sobre «Vida social na adolescência», quando os jovens mal saídos do ambiente familiar, se lançam bruscamente em meios de trabalho. As relações entre o lar e a família e esses meios de trabalho seriam, pois, sempre de propor e fomentar, assim se facilitando ao adolescente a dura entrada na vida social.**

*** Teve a maior importancia a visita dos proprietários de Leiria e das regiões limítrofes ao ministro das Obras Publicas. Vieram-lhe entregar uma representação de 750 proprietários, por hipótese beneficiários da obra de rega do Lis (diz-se por hipótese, porque os mesmos negam tais benefícios por agora). A importancia deste magno encontro ficou expressa nas palavras dos visitantes e do próprio ministro das Obras Publicas, anunciando estar elaborado um projecto de diploma que ajusta a legislação ás explorações hidroagrícolas.**

JORNAL PEQUENO

O Presidente da Republica recebeu o ministro do Exército e o dr. Frederico Margay. No seu livro de cumprimentos, inscreveram-se o embaixador James Bonbright, general Luís Perry de Sousa Gomes, comandante Pedro Correia de Barros e António Ferreira Trindade de Sousa, dr. Francisco Pereira Neto de Carvalho e António Afonso Sabreta. * Com o Presidente do Conselho trabalharam os ministros da Presidência e do Ultramar. * O tenente-coronel Arnaldo Schulz, acompanhado do Chefe do Governo, foi ao Palácio de Belém, onde perante o Chefe do Estado prestou o compromisso de honra. * Em Lurenço Marques, o marechal Craveiro Lopes recebeu do presidente da Camara Municipal um exemplar da acta daquele Município que o nomeia cidadão daquela capital. * Pontével inaugurou, jubilosamente, a estação dos C. T. T. * Regressou de Paris a missão militar portuguesa á reunião dos Estados-Maiores da N. A. T. O., chefiada pelo general Beleza Ferraz.



todos comem massas...

ovio

O ALIMENTO IDEAL PARA TODAS AS IDADES, QUE CONSTITUI UMA REFEIÇÃO DE TODOS OS DIAS.
FÁCIL E RÁPIDO DE PREPARAR, UM BOM PRATO DE MASSAS, É SEMPRE APETITOSO, LEVE E NUTRITIVO, ECONÓMICO E DE EXCELENTE APRESENTAÇÃO.

É bom... é saudável, por isso... o Homem das Massas aconselha:

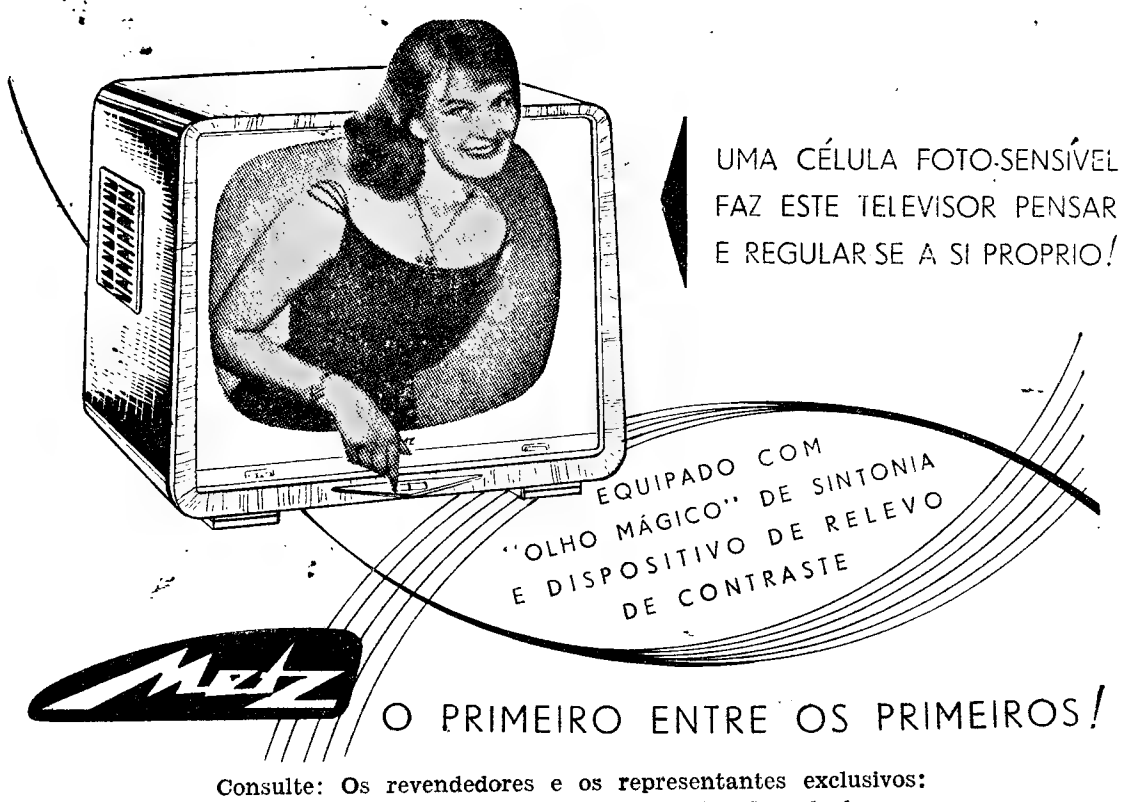
RECEITA 7

Sopa «Éclair»

É uma das sopas francesas de mais rápida execução. Cozem-se 125 gramas de aletria em 1 litro de água, com sal e uma boa dose de manteiga. Batem-se, na terrina, 3 ovos inteiros, como se fossem para omeleta. Junta-se, pouco a pouco, um copo de leite quente, mas não a ferver, e despeja-se por cima o caldo de aletria, mexendo sempre, para não deixar esfarrapar os ovos. É uma sopa gostosíssima.

COM MASSAS... A VIDA É MAIS GOSTOSA

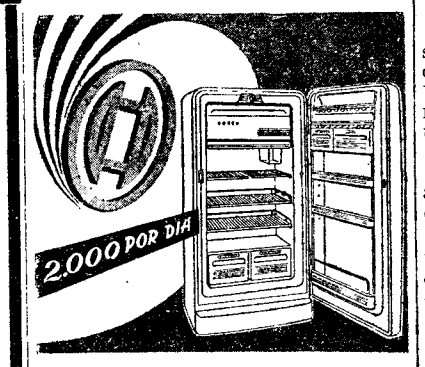
OIÇA TODOS OS DIAS EM RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS O «HOMEM DAS MASSAS»



Consulte: Os revendedores e os representantes exclusivos:
FÓCUS, LDA. — Largo de Andaluz, N.º 1 — Lisboa
Telefs. 730131/2/3

REDEX
PROTECÇÃO ECONOMIA SEGURANÇA FORÇA
SERVICE

Para suprimir a auto-ignição
USE SEMPRE
REDEX
NA GASOLINA
Dirija-se ao seu garagista ou à Agência Geral
ROMA, LDA. — Rua do Salitre, 84, 5.º, D.º — Tel. 46541
LISBOA



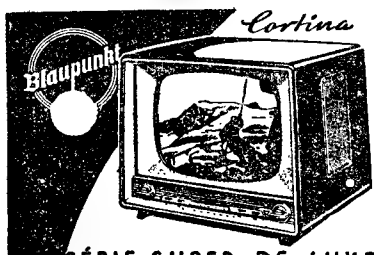
BOSCH
O 1.º FRIGORÍFICO ALEMÃO
em qualidade, economia, técnica e preço

Os frigoríficos BOSCH de fama mundial são agora produzidos no ritmo de 2.000 por dia

8 modelos diferentes. Todos os tamanhos. Preços acessíveis. Facilidades de pagamento. Assistência técnica eficiente.

Refrigeração POLAR
A MÁQUINA DE COSINHA BOSCH
RUA DA EMENDA, 66-1.º-FRENTE-LISBOA-TELEFONE 2 8 0 6 1

Blaupunkt Cortina



SÉRIE SUPER-DE-LUXE
COMPLETO AUTOMATISMO
ÉCRAN DE 43 CMS.
ROBOT-REGULADOR
PARA SINTONIZAÇÃO AUTOMÁTICA
OLHO MÁGICO DE CONTRASTE
PARA REGULAÇÃO AUTOMÁTICA
GERADOR DE IMAGENS NÍTIDAS
FORMADOR DE SOM BLAUPUNKT
COM REGULADOR ACÚSTICO
2 ALTIFALANTES PARA SOM EM 3D
COM COMPRESSOR DE RESSONÂNCIA
BÚSSOLA COM FITA MÁGICA
ANTENA BIPOLAR INCORPORADA
Preço Esc. 7.990$00
À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS
PONTO AZUL

A Administradora dos Senhorios
com sede na R. DOS FANQUEIROS, 235, 1.º, vem comunicar a todos os seus Ex.mos Clientes e amigos que passa a ter os telefones: 28225 e 23657.
Mário Prazeres

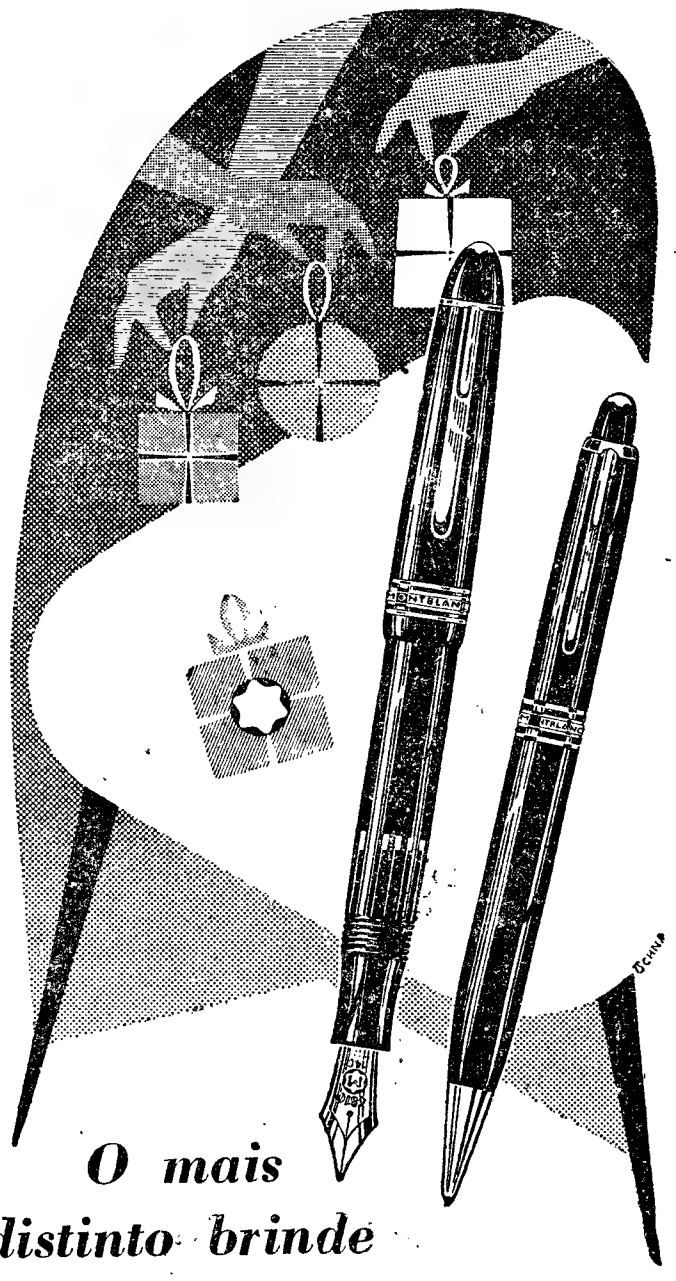
CONTRA A TOSSE
Rebuçados Peitorais de S. Paulo
A PRIMOROSA LDA.
Rua de S. Paulo n.º 130
Telefone 26511

João Artur Alves do Nascimento
Julieta do Laço Carreira do Nascimento e Família, impossibilitados por desconhecimento de moradas de manifestarem pessoalmente o seu reconhecimento a todas as pessoas amigas e conhecidas que os acompanharam no seu grande desgosto, vêm por este meio fazê-lo muito sensibilizados, agradecendo também a todas as pessoas que se dignaram assistir á missa por sua alma.

APPARTEMENT NO ESTORIL
Independente. Cinco divisões. Muito bem mobilado. A 100 metros da praia, estação e Casino. Aluga-se por qualquer período. Trata Av. Biarritz, 12-B, r/c., Esq. ESTORIL ou Recepção Hotel Palácio do Estoril, Tel.060400 ou pelo Tel. 060715.

Escola de Adultos (das 9 ás 23 h.)
3.ª e 4.ª CLASSES
Exames ráp. c/ dipl. garantidos
L. Chão Loureiro, 1-2.º T. 862244

MONT BLANC



O mais distinto brinde

Em ALVALADE—SADO o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» são vendidos por António D. S. Ferreira.

DESPORTOS

(Continuação da 7.ª página)

do motor esquerdo. Felizmente, não houve desatre e os jogadores já se encontram em Bruxelas.

Destacamentos de polícia protegem os árbitros argentinos

BUENOS AIRES, 29 — Na Argentina, os árbitros dos desafios da 1.ª Divisão passam a ser protegidos por destacamentos especiais de Polícia: haverá dois agentes nas passagens debaixo das tribunas, e haverá mais quinze nos vestiários; além disso, um automóvel da Polícia, á guarda de um oficial e dois agentes, assegurará a saída do árbitro depois de cada desafio. No princípio desta semana, os árbitros tinham declarado não poderem continuar a dirigir desafios da 1.ª Divisão se não lhes concedessem protecção suficiente. — (F. P.).

HOJE, À NOITE

Aniversário — O Clube Académico comemora, ás 21 e 30 horas, a passagem do 6.º aniversário, com uma sessão solene e distribuição de prémios.

Badminton — No ginásio da Escola Nuno Gonçalves, ás 21 e 30 horas, realiza-se a final do torneio de apuramento entre o Sporting e o Triangulo.

Hóquei em patins — Num restaurante da Baixa, efectua-se o jantar comemorativo da passagem dos 42 anos de existência da modalidade em Portugal.

No Benfica — A's 22 horas, na secretaria do clube, termina a eleição dos sócios com mais e menos de 10 anos de filiação que hão-de formar a assembleia dos representantes.

Ténis de mesa — Na 3.ª secção da F. N. A. T., ás 21 e 30 horas, fecha a inscrição para o campeonato corporativo.

Reunião magna — A's 21 e 30 horas, no Oriental, para apreciação de uma proposta da direcção e dar conhecimento de todos os assuntos.

VOLEIBOL

O Atlético recebeu uma lição...

Logo que uma equipa, qualquer que seja a modalidade, sobe de divisão, o primeiro cuidado dos seus mentores deve consistir em proporcionar-lhe meios por forma a apresentar-se em boas condições contra adversários nitidamente superiores. Ora isto parece não se ter verificado em relação ao Atlético que, no primeiro contacto com uma equipa da Divisão de Honra, revelou uma pronunciada debilidade. Com efeito, os «alcantarenses», apesar de toda a sua boa vontade, raramente puderam ganhar um ponto ao Benfica, seu primeiro adversário no Torneio de Encerramento. E assim os «encarnados» sem forçar, íamos a escrever quase sem jogar, averbaram um expressivo 3-0 (15-0; 15-4 e 15-2).

Que esta derrota sirva de ensinamento é que a equipa ainda a certa distancia do regional possa vir a dar um rendimento compatível com o título que briosamente conquistou.

No outro encontro da sessão, o Técnico, alinhando com alguns novos, venceu também por 3-0 (15-5; 15-6 e 15-6) a segunda formação do Sporting. Neste encontro, porém, já se puderam observar alguns bons lances apesar dos «leões» apresentarem um grupo que não é mais que a sua reserva. — N. M.

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

O medalhão de oiro com uma abelha

Texto integral do conto de **Félix Langer**

QUEM viaja de comboio com estranhos, pensa logo em quem serão e de onde vêm. Daquela vez, o meu companhero era um homem extremamente pálido, que estaria doente ou... Realmente, aquilo que eu supunha não andava longe da verdade; e, de repente, como se adivinhasse as minhas cismas, ele começou a falar:

— Quer-me parecer que está a pensar no que me terá acontecido e no motivo do meu silêncio quando se me depara esta excelente oportunidade para falar!

— Tem razão! — acudi, prontamente —. Estava, de facto, a pensar em si, mas devo dizer-lhe que, quanto a conversa, não gosto de travar conhecimento com qualquer ocasional companheiro de viagem. E, como vê, tenho comigo muitos livros e jornais...

— Já o havia notado — respondeu —. Com livros interessantes e jornais, é fácil escapar á monotonia de uma viagem. Um relance de olhos pela janela, de quando em quando, também distrai. Assim, as horas passam breves. Depois, enchemo-nos de paciência se sabemos que, antes do anoitecer, chegamos ao nosso destino e começaremos, na manhã seguinte, um novo dia noutro ambiente. Contudo, para quem sabe que o amanhã será como hoje e o dia seguinte igual ao anterior, e sempre assim, meses e anos, a luta com o tempo torna-se absolutamente inutil. Então, não servem de nada nem livros nem jornais. A unica ajuda poderá vir de Deus, se acreditarmos nele, ou dos nervos, se os temos afinados... Acabo de sair da cadeia onde estive durante muito tempo!...

Talvez um gesto meu revelasse surpresa, pois o homem logo procurou tranquilizar-me:

— Não tenha receio: não sou um facínora perigoso, embora fosse condenado por assassínio!...

E, após um breve silêncio, continuou:

— Depois de lhe ter dito isto, acho que o melhor é contar-lhe toda a história. Não se preocupe se parar de vez em quando e olhar pela janela, pois há muito tempo que não via estes diluvios de Sol, nem me deliciava com o cenário verdejante da erva e da folhagem! Só quem não viveu num ambiente inalterávelmente acinzentado pode avaliar como é lindo o verde!...

Prosseguiu na narrativa:

— Eu era advogado, numa cidade de certa importancia, que naturalmente, não quererá saber qual era. Embora no começo da carreira, eram boas as perspectivas, cheias de promessas. Um advogado novo aceita tudo o que lhe aparece, por uma ninharia ou mesmo graciosamente, na mira de conseguir a absolvição de um homem com passado tenebroso. E foi um desses casos que acabou por me levar á prisão! Apaixonei-me, então, por uma rapariga encantadora, dessas mulheres que bem podem simbolizar a Primavera. Ainda sem futuro assegurado, sem grande clientela, os pais, como é natural, não consentiriam que ela casasse comigo. Assim, teríamos de esperar por tempos melhores, e isso, claro está, era, para mim, um constante incentivo ao trabalho aturado. Ora, uma tarde, estava eu embrenhado na consulta dos códigos, entraram no meu gabinete dois agentes que me deram voz de prisão. — Preso por quê? — perguntei-lhes, pois não me pesava qualquer crime na consciência. — Vai sabê-lo não tardará muito! — responderam. — Queira acompanhar-nos á esquadra...

... Soube, depois, horrorizado, que me acusavam de ter cometido um crime de morte e iam proceder a investigações. — Que fez hoje, principalmente nas ultimas horas. Quando viu a sua namorada pela ultima vez? — Tais perguntas eram de fácil resposta, pois estivera com Gertrudes na véspera e haviamos combinado novo encontro no dia seguinte áquele em que fui preso. Estava a ler um trabalho importante e precisava de o fazer com urgência. Como não havia telefone na casa onde me hospedava, depois disso não trocámos qualquer palavra. Fiquei, porém, alarmado quanto á rapariga e, mal acabei de responder, não me contive que não inquirisse: — Que houve com Gertrudes? Qual o motivo dessas perguntas extraordinárias? Por que me prenderam?...

...Naquela tarde, ela fora visitar uma amiga a uma aldeia próxima. Tinha de voltar a casa por um atalho, través dos campos e passando por um bosque, até alcançar a linha do «eléctrico». Foi nessa vereda que descobriram o seu cadáver. Era um caso nítido de assalto e roubo. Gertrudes defendera-se com todas as suas forças, mas despojaram-na da carteira que levava na malinha, assim como o cordão que trazia ao pescoço com um medalhão oferecido por mim. Não havia, nem podia haver, quaisquer duvidas sobre a minha inocência. As pessoas da casa onde eu morava sabiam perfeitamente que não saíra durante todo o dia...

...Como, naquela tempo, lutava com muita falta de dinheiro, o unico par de calçado que possuía levara-o o sapateiro para consertar, naquela manhã, e só mo entregara pouco antes do ser preso. Não fora, porém, descoberto o assassino e eu estava profundamente abatido. Algum tempo depois, fui advogar para outra terra, visto que se me tornara insuportável, odiosa, a cidade onde conhecera Gertrudes. Não podia esquecê-la, mas tinha, inadiávelmente, de ganhar a vida, pois meus pais estavam velhos e era preciso sustentá-los...

...Certo dia, fui incumbido da defesa de um homem acusado de assassínio. A sua inocência era evidente. Apresentava um álibi irrefutável e nele me estribei para defendê-lo. Uma vez que o acusado, na minha opinião, estava inocente e como eu já fora, uma vez, alvo de injusta acusação, defendi-o tão calorosamente como a mim próprio me defenderia e de tal maneira que o juiz proclamou a sua inocência.

A minha eloquente defesa mereceu a aprovação geral e foi aquele êxito retumbante que torna célebre os advogados. Rejubilava, mas sentia-me, ao mesmo tempo, muito infeliz, sempre que me lembrava da imensa satisfação que daria a Gertrudes. Naquela tarde, aí por volta das seis horas, o homem, que fora restituído á liberdade, subiu ao meu cartório, para me agradecer. A princípio não estava muito disposto a recebê-lo, pois, embora, naquele caso tivesse sido injustamente acusado, o seu passado não era recomendável. Resolvi-me, porém, a recebê-lo, depois de ter colocado ao meu alcance uma pistola carregada...

...Ele sentou-se desajeitadamente, como pessoa pouco acostumada a estar em aposentos decentemente mobilados, fazendo girar o chapéu nas mãos, enquanto manifestava os seus agradecimentos: — Bem sei que o senhor doutor não recebeu a devida compensação, nem eu estou em condições de lhe pagar devidamente. Mas dê-me licença que lhe ofereça uma pequena lembrança. — Não quis molestá-lo com uma recusa e, além disso, tinha a certeza de não me poder dar qualquer coisa de valor que me acanhasse de receber. Aceitei, pois, a caixa que me entregou e, ao abri-la que vi eu? O medalhão que eu oferecera a Gertrudes. Não era possível a mínima duvida, pois tinha gravada, nas costas, a abelha, símbolo da minha decisão de trabalhar como o laborioso insecto para abreviar o nosso casamento. O homem notou que eu empalidecera e, adivinhando qualquer coisa de anormal, foi-se encaminhando para a porta, pensando em fugir. Saltei, porém, mais lesto e perguntei-lhe: — Onde arranjou isto? — Oh! comprei-o em qualquer parte... Não! realmente, não comprei... Achei-o na rua... — Miserável! mentiroso! — gritei. — Nem o comprou, nem o achou!...

...Infelizmente, a minha empregada já tinha saído, pois ela acorreria ouvindo-me berrar daquela maneira. Agarrei-o pela gola do casaco e dei-lhe um safanão: — Quero saber a verdade! Tem de ma dizer! — E como ele lutasse para se escapulir, fechei a porta e meti a chave na algibeira. Abri, então, a gaveta da secretária, peguei da pistola e exclamei: — Assassino! Tu mataste-a! — Não! Não matei! — disse ele. — Ela já estava morta quando a encontrei e não fiz mais do que tirar-lhe o medalhão de oiro! — O seu aspecto feroz denunciou-o. Passou-me pela mente toda a cena: Gertrudes vinha pelo atalho e saltou-lhe o bandido á frente. Procurou fugir-lhe e ele atacou-a para roubá-la. Gritou por socorro, gritou por mim, que não podia ouvi-la para lhe valer. Ressoando, agora, na minha imaginação o seu desesperado apelo, desfechei a arma para a defender, para salvá-la... Só quando o homem tombou aos meus pés compreendi que dera ao gatilho.

O meu companheiro de viagem arfava de comoção e eu disse-lhe, também emocionado:

— Acalme-se! Será melhor não falar mais no assunto.

— Não se importe — atalhou. — Já estou bom. O senhor é a primeira pessoa com quem falei, de há dois anos para cá!

Suspirou profundamente e prosseguiu:

— Só compreendi claramente o que fizera quando umas pessoas arrombaram a porta. Ouvindo um tiro e o baque de um corpo, pensaram que me tivesse suicidado. Logo, porém se inteiraram do sucedido. Fui preso e julgado. Acreditaram na minha versão e, como militassem fortes atenuantes a meu favor, condenaram-me a uma pena relativamente pequena, por assassínio, o qual, não obstante a arma, não fora premeditado. Além da sentença que tive de cumprir e do resto, morreram meus pais. Não tenho irmão ou irmã, nem talvez qualquer parente...

— E não tem amigos?

Encolheu os ombros, e depois disse ainda:

— Agora vou para a cidade universitária onde conheci Gertrudes, para a cidade de onde me parece chegar contínuamente um angustioso apelo de socorro, desde aquele momento em que ela gritou em vão!

E nada mais disse o meu companheiro de viagem — nem eu sabia o que havia de lhe responder em face de um destino para o qual parecia não haver qualquer outro rumo.

Charutos PRINCEPS Cigarrilhas

ACABE COM ESSA TOSSE

Não sofra mais. **Trate já** essa tosse com Xarope Famel.

Alívio rápido. O Famel acalma as dores e a irritação, permitindo-lhe descansar e dormir de noite.

- O Famel actua com eficácia, atacando a tosse onde quer que ela se instale.
- As propriedades específicas do Famel favorecem a convalescença.

Xarope Famel

NO ANO PASSADO

OS ELÉCTRICOS TRANSPORTARAM 281 MILHÕES DE PASSAGEIROS

OS AUTOCARROS TRANSPORTARAM 88 MILHÕES DE PASSAGEIROS

Pense nestes números sempre que pretenda realizar uma eficiente campanha publicitária

COMPANHIA CARRIS • PUBLICIDADE
CALÇADA DA BICA PEQUENA, 4 • LISBOA
TELEFONE 35035

A última lição do sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira

(Continuação da 1.ª página)

que a mais alta figura portuguesa pela sua hierarquia da Igreja retoma por instantes a sua cátedra universitária precisamente no lugar em que há 40 anos brilhantemente conquistou a sua láurea doutoral, agradeça respeitosamente e consideradamente ao eminentissimo cardeal-patriarca e ao querido e venerando colega D. Manuel Gonçalves Cerejeira, a honra da sua presença e a sua lição. Tão fulgurante e intensa foi a irradiação em perto de vinte anos de Coimbra, tão profunda e duradoira foi a sua influência nos seus discípulos, muitos deles sentados hoje nestes doutorais e tão alto elevou depois o seu magistério na cátedra patriarcal de Lisboa, que a sua voz será escutada, não só por nós, que temos êsse privilégio de estar presentes, mas por muitas gerações, com palavras de Mestre em que se reflecte a imagem da própria sabedoria.

A lição magistral

O sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira começou por dizer que voltava «á velha Universidade de Coimbra, ao fim de trinta anos de ausência — para morrer nela como professor», acrescentando:

— A minha volta aqui é romagem de saudade, certamente. Mas quer ser sobretudo de homenagem á prestigiosa Universidade, que deu brilho ao meu obscuro nome, inscrevendo-me no áureo catálogo dos seus «lentes». Recordo agora que lhe chamei, ao começar, velha. Noto, porém, ao revê-la, que está mais nova. Quem está velho sou eu...

Anunciou o tema da sua lição: «A condição do cristão na construção histórica do Mundo», dizendo:

— Todos reconhecem que o Mundo cresceu, quebrando os antigos limites: a ciência e a técnica estão aí a tentar alargá-lo aos espaços interplanetários; louco de orgulho, já desafiou o Criador, proclamando que também o homem pode povoar o espaço; até promete fabricar um mundo novo e um homem novo. O problema, todavia, o grande problema, o problema trágico, é se há lugar para o homem no mundo novo, se o homem novo ainda é homem. Em 1946, consagrado escritor francês abria, na Sorbona uma solene conferência da Unesco nos seguintes termos: «No fim do século ultimo, a voz de Nietzsche retomou a frase antiga ouvida no arquipélago: Deus morreu. Sabia-se muito bem o que queria isso dizer; isso queria dizer que se esperava a realeza do homem. O problema que se põe para nós hoje é saber se, nesta velha terra da Europa, sim ou não, o homem morreu». Não tem faltado quem creia cegamente no movimento da história. Cada momento seria um avanço. A evolução constante, necessária, do mundo, desenvolver-se-ia em progresso indefenido. — Mas não equivalerá isto, sem insistir agora no que históricamente há de errado, a dizer que a história não tem sentido? Neste conceito da história, o que sucede é o que devia suceder. Bem e mal identificam-se na raíz; o êxito consagra tudo. O unico critério de valor é o facto da existência histórica. Porque falar então de progresso onde só há movimento? Porque dizer melhor, onde só vale sucessivo? Para julgar a história torna-se necessária uma escala de valores superior a ela.

Referiu-se, de passagem, ao «pessimismo existencialista que pretende é este um mundo «sem caminho», e o homem «uma paixão inutil». Afirmou que «é missão do cristão na história salvar a pessoa humana», e que se as palavras Europa e civilização ocidental «têm ainda sentido comum, quero dizer conteudo positivo (e não simplesmente situação geográfica) deve-se ao resíduo de valores cristãos. Nasceram «não sobre uma unidade política, mas sobre uma unidade eclesiástica, sob as asas maternais da Igreja. Desta origem provém o humanismo que é nota essencial da civilização cristã».

Recordou que «foi Dawson, o sociólogo inglês, hoje professor na Universidade americana de Harvard quem notou que o mesmo humanismo ateu era fruto restante da árvore cristã», observando: «E, na luta de gigantes que se trava aí ante nossos olhos assustados, é ainda ele, «por mais enfraquecido que esteja, que, apesar de tudo, constitui, em face do comunismo, a unica unidade de fé que subsiste no Ocidente».

Disse que, «numa visão cristã da história, pode afirmar-se que tudo, na criação, é para o homem, e o homem é para Deus»; que «não é destruindo em si o homem que o cristão se tornará cristão»; que «pelo contrário, o cristão tornará em si o homem mais homem, na medida em que mais ele for de Deus; explicando, na medida em que melhor se conformar com o Homem-Deus, realizar o Pensamento e o Amor que o criou»; e que «para todo o cristão o cristianismo significa a plenitude da história».

Comentou a doutrina filosófica de Sartre, exposta no seu drama «Mouches», afirmando que «ordem natural, lei natural, ordem divina do mundo, não quer dizer alguma coisa de externo, de arbitrário, mas sim fidelidade á natureza íntima, á finalidade intrínseca da criação. E' expressão do ser, autenticidade ontológica, esplendor da verdade».

A certa altura, observou:

— Porque ignora ou esquece a Lei de Deus, a Lei natural e a Lei cristã (a lei cristã consagra e eleva a primeira), é que o mundo actual recai no pecado de idolatria, adorando ídolos. E estes ídolos são como os crueis ídolos da antiguidade, que devoram os adoradores. No culto deles, o homem espera a libertação, e torna-se mais escravo; celebra os «amanhãs que cantam» e chora sempre no desespero do presente; anuncia as searas que amadurecem, e nunca chega a colher-lhes o fruto.

Acentuou que «é missão do cristão no mundo de hoje desmistificar as realidades, as esperanças humanas, ou, como disse certo escritor insuspeito, «desengordurar definitivamente a política da mistura impura do absoluto»; que em tudo, «o cristão trabalha eficazmente pelo mundo»; que «o Cristianismo não se deixa aprisionar», nem pelos da direita, nem pelos da esquerda, que «existindo para regenerar e salvar o homem, o Cristianismo eleva toda a história»; e que «a grande vaga mística do nosso tempo é o comunismo marxista» «religião dos que não têm religião» e «a maior mistificação dos tempos modernos».

E afirmou, a certa altura do seu brilhante trabalho:

— Também se morre daquela fome, quero dizer, da falta de alimento de alma. Os países escandinavos são apontados como os que atingiram maior nível social. Pois sofrem deste mal; os suicídios dos satisfeitos, dos fartos de viver, daqueles para os quais, segundo a frase de Bergson, «já não há prazer de tanto amarem o prazer», tornam-se contagiosos; já alguém (não sei onde li) afirmou paradoxalmente que, para serem felizes, lhes faltava o sofrimento. Não será a conclusão final do romance de Pasternack esse vazio, vazio absoluto, do homem que tudo esperou da revolução? O homem novo desse mundo novo duramente construído sobre o materialismo é afinal o homem vazio de si mesmo, sem fim na vida e já sem desejo.

Palavras do reitor

Falou, por fim, o reitor da Universidade, professor Maximino Correia:

— Não fora o dever que me obriga a dizer algumas palavras e não cometeria esta quase profanação de quebrar o encantamento em que a oração de Vossa Eminência nos envolveu. Sinto, porém, que é preciso exprimir primeiro a nossa gratidão e jubilo por um acontecimento que nas páginas da história da Universidade ficará como efeméride gloriosa. Nem sequer pesa em ensobrado a melancolia dos actos similares. Vossa Eminência vai, por mercê de Deus, continuar a exercer o altissimo numus em que está investido, guiando espiritualmente, a gente portuguesa, que tanto lhe deve na formação de uma consciência nacional. Não se afasta de nós, antes, cada vez mais próximo, quis significar-nos por um facto inolvidável, aquele em que por palavras e tantos outros passos de uma vida explendente e meritória nos haveis já afirmado: «Trago fraternalmente a cruz peitoral que me ofereceram os colegas de então e ela recorda-me, na inscrição, que se deixei Coimbra, não deixei de pertencer á Universidade».

Os agradecimentos que a Universidade deve ás ingrégias pessoas aqui presentes, e cumpre-me especialmente dirigirmos a Sua Ex.ª o sr. ministro da Educação Nacional es ses agradecimentos, resultam, bem sabemos todos, da gratissima presença que aqui nos congregou. Subiu Vossa Eminência a essa cátedra por direito de conquista para nos falar como mestre insignissimo. A autoridade como o fez não decorreu apenas na sabedoria que os louvores académicos consagraram; nisso seria igual a nós outros. Essa autoridade reveste-se do prestígio e dignidade da mais alta figura da Igreja portuguesa, que nós todos reconhecemos e acatamos. E é perante essa dupla qualidade de príncipe da Inteligência e de príncipe da Igreja que a Universidade enobrecida com tão alta presença se curva reverente e afirma a Vossa Eminência a mais indefectível fidelidade espiritual.

Terminada a cerimónia, todas as individualidades citadas se dirigiram para a sala do Senado, onde o recem-jubilado recebeu cumprimentos.

Um telegram do Chefe do Governo

Por fim, no Paço das Escolas, houve um almoço a que presidiu o ministro da Educação Nacional e em que se leu um telegrama do sr. Presidente do Conselho, dirigido ao reitor da Universidade, cujo texto reproduzimos:

«No momento em que a Universidade recupera, por instantes, um dos seus mais ilustres professores, hoje e desde há muito elevado á altíssima dignidade de patriarca de Lisboa e cardeal da Igreja Católica, desejaria estar presente, como muitos roubados á cátedra pelo exercício de outras funções. Não o podendo fazer, apresento-me, por este meio, ao meu reitor e permito-me partilhar, em espírito, do regozijo de todos os colegas da Universidade. Congratulando-me com acto de tão elevado significado, os meus mais respeitosos cumprimentos e votos».

O ministro da Marinha presidiu à homenagem em Penamacor à memória de Jacinto Cândido

PENAMACOR, 29 (Pelo telefone) — Para presidir á homenagem á memória do conselheiro Jacinto Candido da Silva, deslocou-se hoje a esta vila o sr. almirante Quintanilha Mendonça Dias, ministro da Marinha, que era aguardado, no limite do concelho, pelo presidente do Município local, sr. tenente-coronel João Mário Prazeres Milheiros e por outras individualidades oficiais e particulares.

A' entrada da vila, aquele membro do Governo recebeu honras militares, prestadas por uma companhia disciplinar, aqui aquartelada.

Seguiu-se uma sessão solene, no Passeio Publico. Após terem usado da palavra os srs. tenente-coronel João Milheiros, presidente da Camara, dr. José Lopes Dias, delegado distrital de Saude, dr. Frederico da Costa Conde, provedor da Misericórdia de Castelo Branco e rev. Wenceslau Ferreira Filipe, em representação do bispo da Guarda, foi ali descerrada uma glorieta e o busto de bronze do falecido conselheiro. A esta cerimónia assistiu também, o comandante da III Região Militar e o chefe do seu Estado-Maior.

Houve, depois, uma romagem ao cemitério local, para onde, há dias, conforme o «Diário de Lisboa» noticiou, foram trasladados os restos mortais do conselheiro Jacinto Candido da Silva.

Ao fim da tarde, na residência do filho do homenageado, foi servido um «copo-de-água», ao mesmo tempo que eram distribuídas refeições a pobres e aos antigos e presentes servos da Casa Agrícola Conselheiro Jacinto Candido da Silva.

O artigo que ontem consagrámos á memória do conselheiro Jacinto Candido é da autoria do sr. Joaquim Parro e não Ferro, como saiu por lapso.

VEM A LISBOA

o governador de Angola

LUANDA, 29. — Partiu, de avião, para Lisboa, acompanhado de sua esposa, o governador-geral de Angola, tenente-coronel Sá Viana Rebelo, que vai tratar de vários assuntos ainda relacionados com a visita do ministro do Ultramar a Angola, nomeadamente o Plano de Fomento. — (A. N. I.).

DE LUTO
A morte de Robles Monteiro

(Continuação da página central)

ro, não apenas um brilhantissimo artista, de genuino caracter português, mas um excelente, um paternal professor de teatro. Dezenas de artistas se estrearam, no D. Maria II, sob o seu patrocinio. Muitos lhe ficaram a dever a sua carreira, mesmo o seu triunfo.

Não o devem esquecer! A sua obra bem grande está presa, agarrada ás pedras da Casa de Garrett. Hoje, tudo ali é silêncio e negro luto. Mas, amanhã, quando reabrirem as portas, e mais uma vez se repetir o milagre da vida, no palco iluminado, a voz de Robles Monteiro descerá até nós, como o seu «bem haja» amigo, abraçando o publico que o soube amar e fazer justiça a tão prodigiosa tarefa. A sua alma ficou ali!

As manifestações de pesar pela morte do artista

A presença de um numero impressionante de pessoas, das mais diversas condições e tendências, no funeral de Robles Monteiro foi bem a expressão da geral estima e do alto apreço de que o conscienciosso artista e probo empresário gozava entre os que haviam tido ocasião de com ele contactar em vida e apreciar as suas qualidades morais e profissionais.

Muito antes da hora marcada já uma massa compacta de gente, entre a qual se notavam individualidades de alto relevo social, se aglomerava junto da residência do saudoso empresário do Teatro Nacional, na Rua Ribeiro Sanches, 28, a fim de apresentar pezames á sr.ª D. Amélia Rey Colaço e demais família do ilustre finado.

Também á porta do cemitério dos Prazeres em cujo campo de repouso, por expressa vontade do falecido, o seu corpo será sepultado em campa rasa, se juntaram muitas pessoas que ali aguardavam a chegada do féretro.

Durante a noite e ainda na manhã e tarde de hoje, o corpo de Robles Monteiro foi constantemente velado pela família, os amigos íntimos e todos os artistas componentes do elenco do Teatro Nacional. Pelas 10 e 30, num altar colocado na camara ardente, foi rezada missa de corpo presente pelo director do Colégio Manuel Bernardes, rev. Augusto Gomes Pinheiro.

Meia hora depois, foi celebrada outra missa pelo sobrinho do extinto rev. Albertino Robles Monteiro Barroso. Estiveram presentes a estes dois actos religiosos, além de todas as pessoas da família do saudoso actor, muitas senhoras, entre as quais as sr.as marquesa do Cadaval, condessa de Vivalva, viscondessa da Merceana e D. Isabel Burnay Belo, e os srs. prof. Martinho Nobre de Melo, condes do Lavradio e de Mafra; dr. Tito Arantes, dr. Joaquim Rasteiro, dr. João do Amaral, Tomás Ribas, e outras personalidades, além de uma delegação do Colégio Manuel Bernardes.

Durante o dia passaram pela residência do extinto e ali deixaram cartões, entre outras individualidades, os srs. profs. Gustavo Cordeiro Ramos e Ivo Cruz; generais D. Fernando Pereira Coutinho e Afonso May; dr. Augusto de Castro, coronel Pereira Coelho, dr. Guilherme Pereira da Rosa, Carlos Pereira da Rosa, Manuel Nunes Correia, António Silva, Redondo Junior, dr. José Rodrigues Fernandes, António Almeida Gil, Julio Cayola, Angelo Pereira, D. Manuel de Bragança, marquês de Rio Maior, Leitão de Barros, Artur Portela, dr. Mário Neves, Renato Boaventura, Amadeu Gaudêncio, José Cardoso, Guilherme Pereira de Carvalho, César dos Santos, visconde de Carnide, Felix Bermudes, que representava a Sociedade de Escritores; José André, visconde de Merceana, condes de Estarreja, Carlos Branco, Manuel Nunes, dr. José Pessoa, eng. José Carlos dos Santos, Tito Castelo Branco, Luís Norberto, Eduardo Correia de Barros, Manuel da Costa, António Cunha Barreiro, Rui Ferrão, Rogério Paulo, António Horta de A. Vellez, Orlando Rodrigues, António Certima, António Barreiro, Fernando Sousa, Jacques Ménard, António Palma, Pierre Hourcade, A. Vítor Lopes, Américo Covões, Acurcio Pereira, Olavo Eça Leal e Carlos Leal que representava o nosso camarada na Imprensa, Mário de Figueiredo, chefe da redacção de «O Primeiro de Janeiro».

O «Diário de Lisboa» fez-se representar no funeral pelo seu director, sr. dr. Norberto Lopes.

Pequenas notícias

SESSÃO SOLENE

Com uma sessão solene em que serão distribuidos os prémios dos torneios desportivos, o Clube Académico de Portugal encerra hoje, ás 22 horas, as comemorações do seu 6.º aniversário. A sessão será ilustrada com recitativos pelos actores Henrique Viana e Celestino Silva.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Esta noite, efectuam-se bailes na Academia 1.º de Setembro de 1857, na Associação Luís Braille, e nas Casas das Beiras, do Algarve e de Trás-os-Montes e Alto Douro. Amanhã, haverá «matinées» dançantes, no Clube Atlético de Campo de Ourique e nas Casas do Alentejo, dos Tabuenses e do concelho de Tomar, e «soirées» dançantes, nas Casas de Lafões e Ferreira do Zêzere.

AEROMODELISMO

No aeródromo de Alverca, o Clube de Aeromodelismo de Lisboa, promove amanhã, das 11 ás 17 horas, o campeonato, de ambito nacional, «Taça Outono — 1958», destinado a planadores da classe FAI. Além do C. A. L., estarão representados nesta prova o Académico, do Porto, e o Vilanovense, de Vila Nova de Gaia. Simultaneamente, realizam-se torneios, também de ambito nacional, nas modalidades de motomodelos e «Wakefield».

AS HOMENAGENS

a Belo Marques

O Grémio Lisbonense presta hoje homenagem ao seu associado maestro Belo Marques. Num jantar que se efectuará na sede daquela colectividade, ás 20 e 30, serão postas em evidência o seu excepcional carácter e a sua prestigiosa vida artística.

D. Maria Garção Costa

Maria G. Costa

Faleceu a sr.ª D. Maria Garção Costa, de 78 anos, viuva, natural de Vila Flor, funcionária dos Hospitais Civis de Lisboa, e mãe extremosa do sr. Francisco Nunes da Costa, inspector da Mabor. O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se amanhã pelas 11 horas, da Igreja de Nossa Senhora da Pena, para jazigo no cemitério do Alto de S. João.

Álvaro Fernandes

Faleceu o sr. Álvaro Fernandes, de 55 anos, natural de Lisboa, director do Banco Inglês, aposentado, casado com a sr.ª D. Emilia Ferreira Fernandes, pai do sr. Álvaro Vasco Ferreira Fernandes, estudante, e irmão do sr. Francisco Fernandes e de D. Teresa de Jesus Fernandes. O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, ás 12 horas, da Rua Alto Duque, 59, para jazigo no cemitério do Alto de S. João

António Calado

Com 55 anos de idade, faleceu o sr. António Calado, natural de Lisboa, gerente comercial, casado com a sr.ª D. Laura Marques Calado, pai do sr. João Marques Calado, empregado de escritório. O funeral, a cargo da Agência Barata, efectua-se amanhã, ás 11 horas, da Igreja de Santo Condestável para o cemitério da Ajuda.

SUFRÁGIOS

D. Encarnação Duarte de Almeida Pechôrro

Amanhã, ás 11 horas, na igreja de S. Cristóvão, celebra-se missa de sufrágio por alma de D. Encarnação Duarte de Almeida Pechôrro, esposa que foi do sr. José de Almeida Pechôrro, funcionário da administração de «O Século». Também pela mesma intenção, será celebrada missa na segunda-feira, ás 10 horas, na basílica de Nossa Senhora dos Mártires.

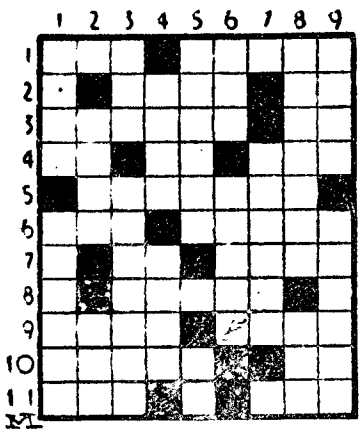
Morayma Celeste Salgado do Carmo

Passando amanhã, o primeiro aniversário do falecimento de Morayma Celeste Salgado do Carmo, sua família, manda celebrar, na igreja da Madalena, ás 10 e 30, missa por sua alma.

DIARIO DE LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS
(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1435



HORIZONTAIS: 1 — Preposição. Alimentar-se. 2 — Escavar. Título do soberano da Pérsia. 3 — Separe. Pronome pessoal. 4 — De inferior qualidade. Interjeição de dor. A favor. 5 — Fixara. 6 — Recusa. Planta cesalpiniácea 7 — Nociva. Embaraçado (pop.). 8 — Escolhe. 9 — Vontade. Avalie. 10 — Faz saber Existe. 11 — Econ. Oeano.

VERTICAIS: 1 — Ressudam. Pequenos espaço.. 2 — Politeista. Fracção da unidade 3 — Rale. Republica da Europa oriental. 4 — Desumana. Fileiras 5 — Prisioneiro Figura. 6 — Rezc. Inundo 7 — Agrado. 8 — Arrançou. Infusão. 9 — Corisco Pôr-se estranho.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 1434

HORIZONTAIS: 1 — Asas. Leva. 2 — Autun. Im. 3 — Resuma. O. 4 — Ar. Tunes. 5 — Má. Bónus. 6 — Arai. DOCE. 7 — Isto. Um. 8 — Réu. Ora. 9 — Oros. Amen. 10 — Uis. NUNCA. 11 — Só. Alie.

VERTICAIS: 1 — Aa. AMARGOU. 2 — Surrar. Ris. 3 — Ate. Airoso. 4 — Sus. Bises. 5 — Nuto. Tu. Vá 6 — Mundo. Lua. 7 — Anuo. Omni. 8 — Vi. Escurece. 9 — Amos. Emana.

Provérbio: O DOCE NUNCA AMARGOU.

SEMANA DO CONTRIBUINTE

Prédios devolutos

Colocação de escritos

Verificar se estão colocados escritos em todos os prédios ou andares devolutos, de que se obtiver do arrendatário, ou inquilino declaração de que se considera despedido ou equivalente.

Cód Proc. Civil, 970.

Contribuição Predial
Prédios ou andares devolutos

Apresentar dentro de 15 dias, a contar daquele em que o facto se verifique, na competente secção de finanças, a participação respeitante aos prédios e andares que fiquem devolutos.

Reclamações: Reclamar, no prazo de *90 dias*, a contar do dia imediato inclusive, ao da abertura dos cofres para a sua cobrança, a anulação da colecta correspondente ao período em que os prédios ou andares estiverem devolutos no corrente ano.

IMPOSTO PROFISSIONAL — Participar na competente secção de finanças, no *prazo de 15 dias*, a contar daquele em que o facto se verifique a cessação do exercício de profissão.

Imposto sobre a aplicação de capitais, secção A

Letras comerciais protestadas. Manifesto.

Nos *15 dias* seguintes ao do protesto ou áquele em que este deveria ter sido feito, ou em igual período a partir da data da hipoteca que as garantir.

Licença de estabelecimento comercial e industrial

Lançamento
Até 31 de Dezembro

A liquidação desta licença terá por base o lançamento da contribuição industrial e as declarações dos contribuintes, quando se trate de sucursais, filiais, agências, delegações, correspondências ou estabelecimentos que sejam colectados por outro concelho.

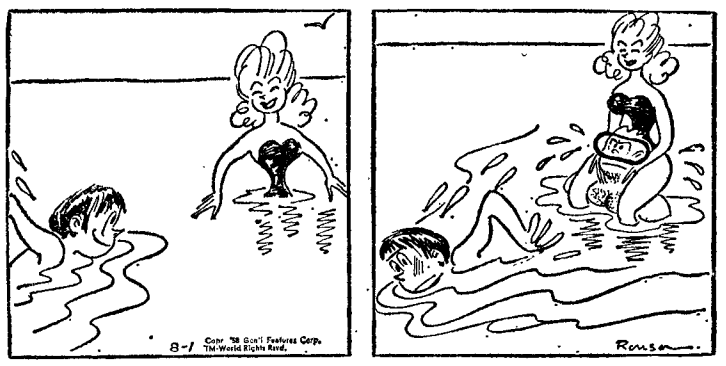
Observações—As declarações compreenderão o ramo de comércio ou industria, o rendimento ilíquido da sociedade ou da empresa e o da sucursal, filial, agência, delegação, correspondência ou estabelecimento devendo ser apresentadas na secretaria da Camara.

Código Administrativo, art.º 712.º, § 1.º.

EFEMÉRIDES

No dia 29 de Novembro de 1926 foi eleito Presidente da Republica Portuguesa o general Carmona.

ELE & ELA



Ilusões perdidas

TELEVISÃO

Ás 21, abertura; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, «Jornal de Actualidades Internacionais»; 21 e 20, «Juventude no Mundo»; 21 e 35, «Music-hall»; 22 e 15, «Tele-Desporto»; 22 e 40, «Miradoiro»; entrevista com o dr. Leopoldino de Almeida, presidente da comissão executiva do I Congresso Nacional de Ensino Técnico; 22 e 55, «Na rua e na estrada»; 23 e 15, actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 30, fecho.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — Ás 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa A — Ás 18: Noticiário e danças, 18 e 40: Musica de filmes; 19: Emissão infantil; 19 e 30: Trechos em piano; 19 e 45: Aguarela brasileira; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica ligeira Sinfónica; 20 e 30: Que quer ouvir?; 21: Junção dos emissores — Noticiário; 21 e 15: Trechos em viola espanhola; 21 e 30: Comentário político; 21 e 45: Serão para trabalhadores. No intervalo «Vozes do Mundo»; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa B — Ás 18: Obras de Carlos Seixas, por Felicia Blumental; 18 e 15; Transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos, do 7.º concerto da série, organizada pela E. N., em que colaboram a Orquestra Sinfónica Nacional, dirigida pelo maestro Frederico de Freitas, o violinista Antonino David e o violetista François Broos. No intervalo, noticiário e canções, pelo soprano Felbermayer; 20 e 15: Musica de camara; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: 2.º acto da ópera «Tristão e Isolda», de Wagner; 22 e 45: «Sonata n.º 29, op. 106», de Beethoven, por Kempff; «Balada em sol menor», de Chopin, por Stefanska, e «Jogos de Água», de Ravel, por Bruins; 23 e 45: Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE — Ás 18: Ritmos de baile; 18 e 30: Fados e guitarradas; 19: Quer um conselho?; 19 e 15: Orquestras; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Solistas; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por musica; 21 e 30: Lingua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Trechos recreativos; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Cançonetas; 23: Concerto; 23 e 30: Nilla Pizzi; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Conjuntos; 0 e 30: Noticiário; 0 e 40: Ritmos de baile.

Estação de Miramar — Ás 18: Paisagem infantil; 18 e 30: Cançonetas; 19: Palestra de lingua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Conjuntos vocais instrumentais; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Canta Dalila; 21 e 30: Orquestras ligeiras; 22: Programa para a mulher; 22 e 5: Brasil; 22 e 30: Conjuntos instrumentais; 22 e 45: Melodias; 23: Trechos de operetas; 23 e 30: Programa do restaurante Patricio; 23 e 45: Artistas portugueses; 0: Ritmos de baile.

RÁDIO RENASCENÇA — Ás 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: França, horizonte do Mundo; 19 e 45: Valsas; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 5: As ultimas novidades; 21 e 30: Cançonetas sul-americanas; 21 e 50: Melodias; 22: No reino das musas; 22 e 25: Revista da Imprensa francesa; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30: Rádio Peninsular; das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; das 22 ás 2 horas: Clube Radiofónico de Portugal.

HÁ TRINTA ANOS

Do «Diário de Lisboa» de 29 de Novembro de 1928:

«Foi brilhantíssima a festa que a ilustre escritora sr.ª D. Olga de Morais Sarmento ofereceu na sua casa de Paris em honra do grande escultor Teixeira Lopes. Entre outras pessoas, assistiram: princesa de Polignac, masqueses de Clermont Tonerre e de d'Argenson, condes de Chabannes e de Boisrouvray, Lucie Delarue Mandues, Darius Milhaud, Ricardo Viñes, etc.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL Á 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE:

Em Portugal continental o vento era fraco ou moderado de vários rumos, o Céu estava geralmente muito nublado por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação de uma depressão centrada a Nordeste da Madeira.

Temperaturas ás 9 horas: Porto e Coimbra, 8°; Lisboa, 7°; Portalegre, 9°; Faro, 11°; e Funchal, 16°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ:

Céu geralmente muito nublado, vento moderado de Sueste, períodos de chuva especialmente nas regiões a Sul do sistema montanhoso Montejunto-Estrela.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO C — União — Estrada de Benfica. 592-594. Tel. 780092; Vitex—Estrada de Benfica. 373-B. Tel. 780548; Curie—Avenida Madame Curie. 15-A. Tel. 778139; Leal de Matos—Rua Neves Costa. 33-35, Carnide Tel. 780181; Laranjeiras (Das)—Rua Filipe da Mata. 160-162. Tel. 761035; Central do Lumiar. 77. Tel 779480; Brasil—Avenida Rio de Janeiro. 66-66-A. Tel. 722368; Sanex—Avenida da Igreja, 31-C. Tel 776905; Belmar—Avenida de Roma. 53-A. Tel 776314; Algarve — Avenida de Roma. 7-B. Tel. 777478; Garantia — Avenida Padre Manuel da Nóbrega. 5-A-B, á Praça do Areeiro. Tel. 727300; Onilda—Avenida João XXI. 13-A. Tel. 726848; Campo Pequeno (Do) Avenida da Republica. 58-D-E. Tel. 771661; Vale—Avenida Marquês de Tomar. 45-49. Tel. 773043; Universal—Rua Actor Taborda 5-7. Tel. 44158—A— Novais—Avenida Luís Bivar. 11-13. Tel 44324; Ascenso—Rua 27 41, Bairro da Encarnação, Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia. 19. Tel. 389237; Conceição—Calçada D Gastão. 30-32. Tel 381279; Pereira, Suc. — R. do Paraiso. 98-100. Tel. 863224; Silva—Calçada de Santo André. 16. Tel. 862074; Branquinho—Rua dos Sapadores. 87. Tel. 842725; Luzmar — Rua 2, 16. Bairro de Santa Engrácia Tel. 728395; Ibéria —Rua Barão de Sabrosa. 235-A, á Alameda. Tel 728277; Bastos — R Morais Soares. 91-D. Tel. 844350; Castro—Avenida Almirante Reis. 76-A-B. Tel. 44373; Peninsular — Campo dos Mártires da Pátria, 117-118. Tel. 53308; Vicente de Jesus — Largo do Rato. 3-C-D. Tel. 681947; Salutar — Rua B. 75-A-B. Bairro da Liberdade. Tel. 683694; Júdice de Oliveira—Rua de Campolide. 54-A. Tel 684424; Pinheiro —Rua de Campo de Ourique 131-133. Tel. 663640; Janeiro—Avenida Alvares Cabral. 100. ao lado do Liceu Pedro Nunes. Tel. 661453; Tagus—Praceta Possidónio da Silva. lote 3. Tel. 669485; Ocidental—Rua D. Jerónimo Osório. JPM. 3. Tel 610256; Gomes, Suc (Gonçalves)—Rua da Junqueira. 326. Tel. 638193; Costa—Rua dos Lusiadas. 32 Tel. 636704; A. César — Rua Prior do Crato. 74. Tel. 660187; Guerreiro da Costa—Rua das Janelas Verdes 90. Tel. 662327; Mota Capitão—Rua de S. Félix. 45-A-B. Tel 660720; Fénix—Rua da Cruz dos Poiais. 52. Tel 21031; Sanitas —Praça Luís de Camões. 24. Tel. 22798— A — Liberal—Avenida da Liberdade. 217-219. Telef 43641; Ferrão—Rua da Mouraria. 12. Tel. 860464; Portugal — Rua Augusta. 216-218, Tel. 22073—A—; Farmácia Remisio—Rua dos Jerónimos, 14-C, Telefone 631699.

VIDA MUNDANA

DR. MÁRIO GUIMARÃES

De passagem para o Rio de Janeiro encontra-se em Lisboa, acompanhado de sua esposa, o sr. dr. Mário Guimarães, ministro jubilado do Supremo Tribunal Federal dos Estados Unidos do Brasil.

Alvaro Fernandes

FALECEU

Emília Ferreira Fernandes, Alvaro Vasco Fereira Fernandes, Francisco Fernandes, filho e nora, Teresa de Jesus Fernandes, e mais familia, participam que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença o seu querido marido, pai, irmão, tio e parente, e que o funeral se realiza amanhã, ás 12 horas, da Rua do Alto Duque, 59, para jazigo no cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA BARATA

Alvaro Fernandes

FALECEU

BANCO INGLÊS (BANK OF LONDON & SOUTH AMERICA, LTD.), com o mais profundo pêsar, participa o falecimento do seu prezado ex-director, e que o funeral se realiza amanhã, ás 12 horas, da Rua Alto Duque, 59, para jazigo no cemitério do Alto de S. João.

TREZENTOS

CAMISARIA

RUA DO CARMO, 100

REABRIU

CONTINUANDO OS BONS PREÇOS

CONDECORAÇÕES

Foram agraciados: com o oficialato da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada o sr. Mário de Sampaio Ribeiro; e com o grau de cavaleiro da Ordem de Instrução Publica o dr. Francisco Alambre de Oliveira Santos.

CONFECÇÕES DE
CRIANÇA
LINDOS MODELOS

SÉCIA

BOUTIQUE

31, RUA DA CONCEIÇÃO
Telefone 30546 -- LISBOA

António Calado

FALECEU

Laura Marques Calado, João Marques Calado e sua mulher Maria Isabel Marques Calado, Victória da Conceição Calado Isabel Calado de Oliveira Ferreira, seu marido e filho, Raimundo de Oliveira Calado e sua mulher, e mais familia, participam que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, sogro, filho, irmão, cunhado, tio e parente, e que o funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, da igreja do Santo Condestável, para o cemitério da Ajuda

AGÊNCIA BARATA

A CANETA MAIS IMITADA E NUNCA IGUALADA

UMA CANETA INVULGAR A PREÇO POPULAR ESC. 39$00

Garantida pela fábrica contra todos os defeitos de fabrico

SOC. POLLUX, LDA.
R. dos Fanqueiros, 276

Descontos para revenda

A reunião das potências ocidentais

para estudo da proposta soviética sobre Berlim

foi hoje pedida pela Grã-Bretanha

(Continuação da 1.ª página)

erróneo interpretar a atitude russa como imperativa.

Dito isto, parece haver duas soluções. A primeira, a mais radical, é rejeitar qualquer negociação com a U. R. S. S. Em tal caso, pelo que Kruchtchev afirmou, a U. R. S. S aplicaria, pela sua parte, as decisões que tomou a respeito de Berlim. A segunda solução seria apresentar contra-propostas que a U. R. S. S. — sempre segundo Kruchtchev — estaria na disposição de estudar e discutir. Ora, na sua conferência de Imprensa nos meados desta semana, Foster Dulles declarou que não eram impossíveis conversações com o Governo da Alemanha Oriental. Neste caso, seriam forçosamente impossíveis conversações com a U. R. S. S.? Kruchtchev parece estar convencido de que a população de Berlim-Oeste deseja que a sua cidade se transforme em «cidade livre». Será isso seguro? Que resultado daria um referendo, por exemplo? Os observadores estrangeiros em Moscovo manifestam pessimismo, de maneira geral e até desenvolvimento ulterior da questão. Mas os dirigentes russos não parecem pessimistas. Por isso, alguns observadores estão em crer que, embora haja maior tensão por agora o futuro não se apresenta tão ameaçador como poderia surgir. — (F. P.).

A opinião de Eden

LEAMINGTON (Inglaterra), 29. — Sir Anthony Eden afirmou não ter quaisquer duvidas de que um dos motivos que estavam por detrás das propostas soviéticas sobre Berlim era o facto «de os Russos saberem que, nos ultimos anos, milhares de refugiados passaram do Oriente para a liberdade através de Berlim».

Eden fazia, ontem á noite, o seu primeiro discurso político, desde que se demitiu, em Janeiro de 1957, do cargo de primeiro-ministro e de membro do Parlamento. Acrescentou: «Por uma questão de mercê, não deviamos fechar essa porta». Falou na sua antiga circunscrição eleitoral de Leamington, depois de lhe ter sido oferecida uma cadeira de braços antiga em reconhecimento pelos seus serviços parlamentares.—(Reuter).

Consultas entre os «Três Grandes» e conversações com os países da N. A. T. O.

WASHINGTON, 29. — Nos círculos autorizados há a impressão de que só decorrido muito tempo será enviada ao Governo russo a resposta ocidental á ultima nota sobre o estatuto de Berlim. No entanto, afigura-se provável que a rejeição da proposta russa seja acompanhada por contra-propostas relativas não só ao estatuto de Berlim, mas também, e principalmente, ao problema da reunificação da Alemanha. Como a redacção da resposta ocidental é muitíssimo delicada, e visto não haver já perigo iminente de crise grave, tudo parece indicar que os Governos ocidentais não vão apressar-se a responder.

Dentro em breve, começarão consultas entre os Governos de Washington, Londres e Paris. E é natural que as três potências ocidentais aproveitem a próxima reunião do Conselho de Ministros da N. A. T. O., em Paris, a 15 de Dezembro, para troca de impressões com os restantes membros da Aliança Atlantica.

Continua a considerar-se inaceitável a proposta russa, que levaria o Ocidente a abandonar Berlim-Oeste, sem nenhuma garantia suficiente de segurança para os habitantes dessa parte da cidade. No entanto, crêem, nalguns círculos informados que o chefe do Governo russo teve de fazer marcha atrás, para sair da posição jurídica insustentável em que se colocou quando anunciou a intenção que formulara a respeito da antiga capital alemã. Mas, «largando lastro», afigura-se que Kruchtchev foi induzido, talvez involuntariamente, a reconhecer que o problema alemão está sob a alçada dos «Quatro Grandes» e não apenas na das duas Alemanhas, como o chefe da U. R. S. S. pretendera até agora. Os Governos ocidentais mantêm-se firmes, entendendo que é impossível abandonar Berlim-Oeste, enquanto não estiver resolvido o problema alemão em conjunto. Perante esta decisão, que, decerto, já deu frutos em Moscovo, pode prever-se que qualquer contraproposta ocidental procurará colocar a questão de Berlim no quadro geral da reunificação alemã. Kruchtchev declarou estar disposto a examinar as contrapropostas do Ocidente. Portanto, terá de tê-las em conta se foi sincero. Com o tempo, diluir-se-á o aspecto de propaganda do plano soviético, á medida que o problema puder ser visto nos termos devidos. Então, o Governo da U. R. S. S. será obrigado a dizer se está disposto, como afirmou, a cooperar no apaziguamento e a negociar com o Ocidente, não apenas a respeito de Berlim, mas, também, do problema da Alemanha em geral.—(F. P.).

Actividade diplomática em Bonn

BONN, 29 — Os embaixadores das três potências aliadas, François Beydoux de Clausonne (França, sir Christopher Steel (Grã-Bretanha) e David K. Bruce (Estados Unidos), foram recebidos, esta manhã, por Hilger van Scherpenberg, secretário de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

De fonte oficial alemã, limitam-se a indicar que os embaixadores ocidentais procederam a uma consulta com o seu interlocutor alemão a respeito da situação criada pela ultima nota soviética relativa ao problema de Berlim.—(F. P.).

A Grã-Brtetanha solicita a reunião dos «Quatro»

LONDRES, 29.—A Grã-Bretanha solicitou hoje a reunião das quatro potências ocidentais, para estudarem numa conferência, a proposta russa para fazer da zona ocidental de Berlim uma «cidade livre», dentro da Alemanha Oriental.

Um informador do «Foreign Office», afirmou que a confernêcia se realizaria em Bonn, apesar de não se ter verificado qualquer reunião preparatória.

«Além de consultas a realizar no ambito da N. A. T. O., as quatro potências devem reunir-se imediatamente. Essas quatro potências são a Grã-Bretanha, os Estados Unidos, a França e Republica Federal Alemã» — declarou aquele informador.—(A. N. I.).

Kruchtchev vai a Berlim?

BONN, 29 — O jornal de Frankfort (Abendpost», cita notícias do Leste de Berlim, segundo as quais o primeiro-ministro soviético, Kruchtchev, visitaria Berlim, dentro em breve, chefiando uma delegação governamental.

Contudo, um informador da Embaixada soviética no Leste de Berlim declarou não ter conhecimento de tal visita. — (R.).

240 mil ferroviários

estão em greve na Argentina

onde se fizeram milhares de prisões

BUENOS AIRES, 28. — Estão em greve 240.000 ferroviários, não obstante ter sido publicado um decreto a mobilizá-los. Entretanto, mais de 60 dirigentes sindicais ferroviários já foram presos. Informa a agência «Saporiti» que 6.000 ferroviários que teriam desacatado a ordem de requisição do Governo estão, também, presos em quarteis.

O Sindicato dos Ferroviários, com 208.000 componentes e do qual só não fazem parte os maquinistas e os fogueiros, pediu ao Supremo Tribunal de Justiça para declarar nulo o decreto do Governo mobilizando os ferroviários, o que foi indeferido.

O general Hector Lambardi foi nomeado comandante geral dos Caminhos de Ferro. As instalações ferroviárias estão guardadas por fortes destacamentos das forças armadas.

Três redes ferroviárias em cinco funcionam quase normalmente. A greve é sensível, principalmente, nos arredores imediatos da capital. Nos grandes centros do interior, Cordoba e Rosário, o tráfego é tido como práticamente normal.

Criaram-se em Buenos Aires três novos conselhos de guerra para julgar os casos de infracção á ordem de mobilização.

Segundo remores persistentes, que a agência «Saporiti» reproduz, o Governo projectaria chamar ao activo outra classe militar e suprimir as licenças dos soldados incorporados. — (A. N. I. e F. P.).

Churchill

escreveu argumentos

para o cinema

NOVA YORK, 29 — O comentador Leonard Lyons, do jornal «New York Post», disse ontem que «nos arquivos deixados pelo famoso produtor cinematográfico Alexander Korda se faz referência a dois argumentos cinematográficos escritos por Winston Churchill».

O primeiro desses argumentos intitulava-se «Lawrence da Arábia» e o segundo «Kubilee». Neste ultimo, Churchill incluia duas cenas em perfeito contraste — dois ditadores andavam rodeados de guarda-costas para onde quer que fossem, numa das cenas, enquanto na outra o rei de Inglaterra andava sozinho, a cavalo, cruzando com um jardineiro que lhe tirava o chapéu. — (R.).

TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: máxima, 12°,1; mínima, 7°. No mesmo dia do ano passado: máxima, 16°,4; mínima, 8°,9

Tahm Beach No vosso Restaurante Music-Hall em Cascais
MARJANE
HELENA TAVARES — IVONE e CLARA
Adultos (Maiores de 17 anos)

A eleição do presidente da França

foi marcada para 21 de Dezembro

e haverá segundo escrutínio

em caso de necessidade, no dia 28

PARIS, 29. — O «Jornal Oficial» publica hoje um decreto fixando o dia 21 de Dezembro para a reunião do colégio eleitoral que elegerá o presidente da Republica.

Em caso de necessidade de segundo escrutinio este realiza-se oito dias depois, isto é, em 28 de Dezembro.

O presidente será eleito por um mandato de sete anos, por intermédio do colégio eleitoral, constituido por deputados, conselheiros distritais e representantes dos Conselhos Municipais. — (F. P. e R.).

Mantêm-se algumas incógnitas sobre os resultados das eleições na metrópole, que terminam amanhã

PARIS, 29. — Dentro de 48 horas, após a segunda volta do escrutinio a composição da primeira Assembleia Nacional da V Republica será conhecida. Estarão providos os 465 mandatos da Metrópole, os 10 dos departamentos ultramarinos e os 71 da Argélia, do Sahara e di Saura.

Já se enxergam os traços dominantes desta Camara. A representação parlamentar comunista sofre uma grande quebra. Os observadores políticos atribuem-lhe um numero de lugares que não vai além de 20, estando certamente mais próximo de 15. O Partido Radical (Valoisiano ou não) terá uma representação da mesma ordem.

Contudo, talvez o maior dos vencidos seja a ultima Assembleia da IV Republica. O numero dos parlamentares cessantes derrotados será, prevê-se, da ordem dos 350. Numa Camara cujo efectivo metropolitano somava 537 membros, em Junho, apenas 100 ou 120 serão reeleitos. Esta, de longe, a mais sensível hecatombe que se conheça numa eleição legislativa. Outra certeza: o êxito da União para a Nova Republica (degaullista). Deve-se-lhe, em grande parte, a notável derrota dos deputados cessantes. Os homens novos, frequentemente desconhecidos, que apresentou foram, para esta formação política nascente, um dos factores essenciais da vitória.

As incógnitas, se o êxito da U. N. R. é certo, a sua amplitude levanta, naturalmente, uma interrogação. Os prognósticos oscilam entre 130 e 160 deputados, margem importante que se explica pela competição com os independentes em muitos sectores. Os moderados (independentes) podem esperar uns 130 eleitos, mas também podem conservar, com ligeiras diferenças, a mesma representação que na Assembleia anterior. O M. R. P. poderá contar de 40 a 60 eleitos. Resta a S. F. I. O. O Partido Socialista registou progressos em votos, mas feitas as contas, o numero dos seus 71 deputados diminuirá (efeito de haver apresensato, na maioria das circunscrições, deputados cessantes). — (F. P.).

As eleições na Argélia

ARGEL, 29. — Conhecem-se já algumas percentagens de votantes na Argélia. São muito variáveis essas percentagens, em parte devido ao mau tempo: Djidjelli e Mila: 50%, em média, com grandes diferenças de assembleia para assembleia: Constantina: duas percentagens, uma de 39,5 % e outra de 80 %, ou seja a média de 60%; Ain Mille: 60 a 70 %; Ain Beida: 55 %; El Milia: 48 %.

Tem sido grande a participação de mulheres na votação.

Eleitores das áreas rurais, desafiando a ameaça de actos de violência e os tormentos provocados pela neve e por chuvas torrenciais, voltam hoje ás urnas, para elegerem os represenatntes para a Assembleia Nacional francesa (46 Muçulmanos e 21 Europeus).

A votação durará três dias para permitir ao Exército guardar mais fácilmente os eleitores contra as ameaças dos rebeldes de actos de sabotagem e de emboscadas.

Um grupo de «Commandos» rebeldes atacou já um centro de votação, mas foi repelido, com a perda de 20 homens, pelas tropas francesas. Em Tlencen, um terrorista alvejou e feriu gravemente a tiro um candidato «suplementar». (Candidato «suplementar» é aquele eleito para substituir o candidato escolhido, no caso de falecimento ou demissão).

A votação, que principiou ontem, terminará hoje nas áreas rurais. A maior parte dos que votam é formada por Muçulmanos, os quais participam, pela primeira vez, numa base igual com os Europeus, numa eleição parlamentar. A votação em Argel e em outras grandes cidades realizar-se-á amanhã. — (F. P. e R.).

Elementos da F. N. L. presos em França

BELFORD (Sul da França), 29.— A Polícia revelou, durante a noite, que prendeu 80 membros da Frente Nacional de Libertação Argelina e acabou com a organização naquela região. — (R.).

Greve em estaleiros navais italianos

ANCONA, 29. — Dois mil trabalhadores dos estaleiros navais declararam-se hoje em greve, por 24 horas.

Durante a noite, a Polícia teve de dispersar grupos de trabalhadores, os quais, depois de participarem numa reunião publica que não fora autorizada, atravessavam a cidade em cortejo. — (F. P.).

*

NAPOLES, 29. — Onze paquetes estão imobilizados neste porto em virtude da extensão da greve dos marítimos. Os passageiros dos transatlanticos «Cristoforo Colombo», «Vulcania» e «Ausonia» resolveram continuar a viagem pelo comboio ou avião. — (F. P.).

MORTE TRÁGICA

de quatro crianças

LENS, 29 — Hoje, ao meio-dia, á saída da escola municipal de Harmes, um automóvel galgou o passeio e colheu 4 crianças, que tiveram morte imediata.

As crianças, de origem norte-africana eram: uma menina de 14 anos, Monique el Micki, e uma irmãzinha, de 5, Annick; outra de 16 anos, Sahia Berrho, e um irmão de 3, Abdel Kader, todos residentes em Courrières. — (F. P.).

Bote Dourado
Boite de Nuit
R. da Misericórdia, 12
Telefs.: 368649-35634
HOJE — REAPARIÇÃO
das extraordinárias bailarinas inglesas
JUNE Y JOSEPHINE
e ainda a voz doce da cançonetista mexicana
SOLEDAD
(Para maiores de 17 anos)

RESTAURANTE, BAR E SALÃO DE CHÁ
«NOVO RIOMA»
MAFRA — TERREIRO DE D. JOÃO V — TELEF. 14
VAI A MAFRA? Visite as novas e modernas instalações deste estabelecimento, onde, com pessoal habilitado, se servem as melhores ementas, com pratos regionais
Uma especialidade do «RIOMA»: PERDIZ À D. CARLOS I

magazine

A CONQUISTA DO CÉU

Por: MANUEL SALGUEIRO

Perguntávamos, no segundo capítulo de «A conquista do ceu» se viria o homem a conseguir libertar-se da prisão. Afirmávamos que sim.

Evidentemente, não nos referiamos á prisão de Sing-Sing ou da Ilha do Diabo, de onde se diz nunca haver ninguém fugido. A prisão cipal á realização do voo interplanetário?

O balão e o avião não nos servem; para voarem, necessitam de ar — coisa que não existe no espaço cósmico.

Há só um processo: imprimir á astronave uma velocidade capaz. Como?

A LUA PRIMEIRA ETAPA

era, nem mais nem menos, que o nosso planeta, a Terra...

Essa evasão tem sido possível até agora empregando um carburante de largo consumo industrial chamado «literatura cor-de-rosa». O cinema também contribuiu, e muito, com novas facetas desse carburante, produzido em série.

Isto no que diz respeito á evasão imaginária. Quanto á outra, á

Com os musculos do homem nem pensar nisso. O campeão do Mundo sobe a pouco mais de dois metros. A pedra arremeçada pela tua mão eleva-se a trinta ou quarenta metros. Uma flecha voa a centenas de metros, a bala de espingarda, a alguns quilómetros — um obus de longo alcance atinge os quarenta quilómetros.

Não poderiamos arremessar uma

evasão física, real, cumprida em carne e osso, essa oferece dificuldades bem maiores. Uma delas, a mais importante, as grilhetas medonhas que temos agarradas aos pés, chama-se «força de gravidade».

Comecemos por não ser injustos. Esta força representa um papel fundamental na natureza. Se ela não existisse, o Universo não teria esta estruttura, altamente organizada. Não haveria sistema solar, nós próprios não existiriamos. Esta «aliança» com a Terra, que permite a vida no seio dela, transforma-se em cativeiro, pois impede ao mesmo tempo que nos afastemos dela...

Como destruir estas cadeias de atracção?

Como vencer este obstáculo prin-

pedra á Lua? Teóricamente, sim. Mas necessitariamos de uma força descomunal.

Quando levantamos o peso de 1 quilo á altura de 1 metro, exercemos determinado esforço equivalente a 1 quilogrametro. Se quisermos levantar esse peso, á altura de 384 milhões de metros (isto é, até á Lua) teriamos, de produzir um esforço de 384 milhões de quilogrametros (se a força da gravidade permanecesse ao longo do trajecto, com o valor que possui á superfície da Terra). Esse trabalho é produzido por um motor de 1.500 CV, no decurso de uma hora. Mas a astronave mais leve pesa dezenas, se-

(Continua na ultima página)

Diario de Lisbôa

SUMÁRIO

«O Finezas»
ALEXANDRE CABRAL
A caminho do Céu
MANUEL SALGUEIRO
Os críticos e o 1.º Salão de Arte Moderna
FERNANDO PERNES
Flores para Anne Franck
ALFREDO BRÁS
A Tuna
ANTUNES DA SILVA
Bilhetes Paulistanos
MIGUEL URBANO RODRIGUES
Fim-de-semana feliz
CICERONE
Apontamentos para os tempos futuros
DIÓGENES
Um intimo furor
KAMALA MARKANDAIA
Postal ilustrado
MANUEL AGRA
Ganhe 100$00 com um sorriso nos lábios
O que só tinha a perder a garganta
AUGUSTO DA COSTA DIAS
Ouvir bater o coração do Mundo
WILLIAM SIMPSON
Saiba comer
As proteínas — energia atómica da cozinha
M.ª CAROLINA FREITAS
Eduquemos o nosso filho
M.ª LÚCIA DA SILVA ROSA
Comentário humorístico ilustrado
STUART
Página da Mulher

O QUE SO' TINHA A GARGANTA A PERDER

Por AUGUSTO DA COSTA DIAS

«... como o povo de Lixboa o tomou por seu regedor e defensor ...»

A MORTE de D. Fernando não encerrara os tristes sucessos de um reinado infeliz. O pior não tinha vindo. Muito pior na verdade que toda uma política antipopular — o seu casamento com Leonor Teles, as aldeias e os campos fumegando (forçoso fruto dos insultos da guerra), a lei das sesmarias — muito pior que tudo isso era a sua herança: no trono onde se sentara um português havia lugar marcado para el-rei de Castela, marido de sua filha unica. Ao fim de mais de duzentos anos de independência, tudo voltava, pois, ao princípio: era forçoso repetir a luta de São Mamede, como na longínqua manhã de D. Afonso Henriques, e voltar a terçar armas com o estrangeiro em outras Cernejas e Valdevez. Com uma diferença, porém: a luta de hoje era mais difícil. E porque mais difícil? Há lá coisa mais dolorosa, mais difícil do que um povo acordar para a certeza sem duvidas de que «esta» terra lhe pertence, tanto como a lingua comum em que se fala, tanto como as tradições comuns que se transmitem e por meio das quais se sabe que o amor, a convivência e a luta comuns são antigos, antigos e criaram raizes?

Há. Há o empenho desesperado de cobrar tudo isso, quando tudo isso ameaça perder-se. E porque se perderia? Não bastara a convivência de mais de duzentos anos — hoje, amanhã, depois... — no comer do mesmo pão, na folgar das mesmas festas, no chorar das mesmas dores? Eis o que perguntaria o poeta inocente. Mas nem o pão nem as festas tinham sido iguais para todos. E isso tudo se sabia e tinha de ajustar-se ao fim dos tais duzentos anos. O programa de salvação parecia simples a quem o traçasse no tampo de uma mesa: para sobreviver impunha-se acalentar o que era, na verdade, na verdade comum, e extirpar o que era na verdade, na verdade alheio. Mas onde estava o comum e onde estava o alheio? Só a luta o diria: isto é, quando todos fossem chamados a dar opinião sobre aquele trono vazio que uma jovem, casada com um

rei estrangeiro, deveria ocupar. Então se precisariam as atitudes, se definiriam os campos e denunciar-se-ia o que era comum ao país e o que lhe era alheio. Ver-se-ia quem,

(Continua na página central)

FLORES PARA ANNE FRANK

por ALFREDO BRÁS

EXISTE naquela rua da cidade de Amesterdão uma velha casa que tem um acanhado «anexo» onde durante dois anos, duas famílias judias, os Van Daan e os Frank, viveram escondidas dos carrascos da Gestapo. Os Van Daan tinham um filho: os Frank, duas filhas. Das oito pessoas que habitaram o «anexo» — esquecia-me de dizer que também lá foi parar, mais tarde, um dentista chamado Dussel — uma houve que imortalizou a velha casa da Prinsengracht, 263: foi a filha mais nova dos Frank. E de tal modo que o chão do estreito quarto onde dormia, justamente no sítio outrora ocupado pela sua cama, está sempre juncado de flores. Essa é a homenagem da juventude de todo o Mundo á malograda autora do célebre «Diário». São flores para Anne Frank.

Flores para quem tanto as amava, para quem se enchia de esperança quando olhava o céu, as nuvens, a lua e as estrelas, embora só pudesse contemplar a natureza — «e mesmo isso por excepção — pelas janelas sujas com cortinas cheias de pó». Flores para a pequena mas corajosa Annie, supremo símbolo do ga-

(Continua na 7.ª página)

Desenho de António Domingues

A TUNA

Por ANTUNES DA SILVA

BELAS madrugadas de Inverno! Corre um vento pingado, cumprimentador, que faz rebentar lágrimas nos olhos dos componentes da Tuna. E' um vento seco, esguio, brincalhão, que traz á vila o ar puro dos campos. São Jacinto acorda ao som dos bandolins, das guitarras, dos violinos e das pandeiretas. A Tuna vai passar nas ruas da vila celebrando mais um aniversário do 1.º de Dezembro.

Duma ponta a outra do céu, nem um rasgo de azul. Só o frio madrugador, que faz encolher os peitos e ataca saudávelmente os ossos da mocidade. Brr! Brr! Vai nascer a bela aurora! Os musicos da Sociedade Filarmónica, depois de beberem cálices de aguardente medronheira para espantar o sono, vestiram as suas fardas azuis, listradas de branco, e estão preparados para sair da sede, mal nasça o sol.

Mas a Tuna, é a surpresa da temporada. Os seus elementos são formados pela rapaziada folgazã e estudantil e um ou outro carola mais velho que entra na função para dar força ao conjunto. Juntaram-se desde as 3 horas da manhã na Praça da Republica, debaixo das arcadas e á luz dos candeeiros de iluminação, mudaram as cordas e afinaram os instrumentos. O Pompeu trouxera uma garrafa de conhaque, que imediatamente se esvaziou, passando de boca em boca e cada um dava uma golada, depois de limpar o gargalo com a palma da mão, ou os punhos da camisa. Alguns, mais esquisitos, a disfarçar, até limparam o gargalo aos coletes e aos bonés.

Perante a demora de certos elementos, não tardou muito que o sr. Luís, o veterano, a alma da Tuna, assobiasse um sinal e, como não fosse ouvido, desse um berro, para que todos preparassem os instrumentos e se compusessem em filas. Primeiro, os violinos, com o Berto, o Castro, o Sidónio, o Gamaliel e o menino Francisquinho Real. Os pandeiretas também se puseram á frente, um de cada lado, a enfeitar o naipe. A seguir, os bandolins, as guitarras, os banjos, as gaitas de beiço, os ferrinhos do Manuel Pombo e o resto dos pandeiretas, os que só sabiam marcar dois compassos e fazer barulho, que era levantar os braços, dar o sinal para começar o hino e catrapumba, delizavam o pandeiro contra o punho e o cotovelo e daí não

(Continua na 3.ª página)

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

Ralf Vallone na vida real

Escondido num armário, Ralf Vallone, ouvia aproximar-se o oficial alemão... Isso significa a prisão e — quem sabe! — a morte...

O grande actor italiano Raf Vallone deu uma entrevista á Radiotelevisão francesa. Foi um êxito.

Os críticos franceses salientaram o alto nivel dessa entrevista, durante a qual «tivemos ocasião de ver toda a inteligência e sensibilidade inscritas no rosto expressivo do grande comediante».

Durante essa entrevista, Raf Vallone recitou Garcia Lorca e Liopardi, mostrando uma perfeita compreensão e adesão aos poemas. Sem a mínima afectação, respondeu á pergunta «Quais as suas alegrias mais profundas?» da seguinte maneira:

—As minhas alegrias mais profundas não são publicas. E as que eu pudesse evocar aqui são demasiado oficiais...

Não se recusou, no entanto, a dizer quais as suas primeiras alegrias:

—Uma árvore numa planície imensa, a minha pequena aldeia da Calábria voltada para o mar para sorver a sua enorme sede de espaço...

Vida movimentada, a de Raf Vallone. Internacional de futebol universitário, praticante de todos os desportos; autêntica luta, dia a dia, para conquistar e merecer um lugar ao sol, estudante de Medicina; depois, de Direito; finalmente, de histórico-filosóficas, em que se licenciou e de que nunca se serviu, pois a paixão pelo teatro despertou nele e afogou todas as outras paixões... Depois, foi a guerra em que Mussolini mergulhou a Itália. Vallone não podia ficar indiferente ao destino da sua pátria — e participou da resistência...

Embora as suas emoções mais profundas sejam íntimas e ele não tivesse a mínima intenção de as tornar publicas, Raf Vallone relatou um facto passado durante a Resistência que impressionou vivamente todos os telespectadores.

Atravessava-se um dos período mais agudos, mais difíceis, da guerra. As tropas alemãs controlavam a Itália e não perdiam, é bem de ver, a mínima oportunidade de anular os incómodos compatriotas. E foi por isso que o oficial huno se dirigiu á casa onde, segundo informações que obtivera, Raf Vallone se encontrava refugiado.

Raf não podia fugir. Era demasiado tarde. Ouvia já no corredor as botas pesadas do junker. Apenas uma alternativa: esconder-se num armário... Refúgio precário, mas, de qualquer forma, um refúgio...

Suspendendo a respiração, dava conta de todos os movimentos do oficial, abrindo, fechando portas, empurrando mesas e secretárias, arrastando móveis.

Eis que ouve abrir a ultima porta, aquela da sala onde se encontrava.

—Aí é salinha de visitas, ninguém se encontra lá — dizia a dona da casa.

—Óptimo! — respondeu o oficial. — Nesse caso, porque me impede de de entrar nela?

Impossível impedir, claro. A porta abriu-se. Raf Vallone viu-se perdido, mas ali, venderia cara a liberdade, a vida...

Mas o momento que temia (e que era inevitável, pois não havia outro móvel na sala senão aquele onde se escondera...), demorava.

—Oh, musica — ouviu o oficial exclamar, em alemão, ao mesmo tempo que remexia nos discos dispersos sobre a mesinha. E volvidos alguns minutos, compridos como séculos, nova exclamação:

—Mozart...

Um assobio modelou as primeiras frases da 39.ª Sinfonia.

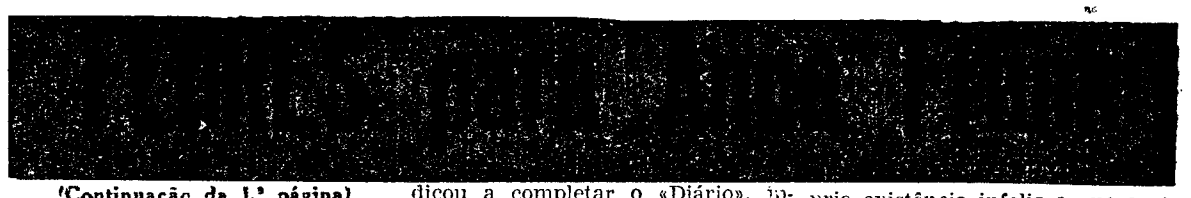
—Tem um «pick-up»? — perguntou á dona da casa, em italiano.

Tinha. Não demorou que os acordes da 39.ª Sinfonia enchessem a sala, acompanhados pelo bater tumultuoso e angustiado do coração de Vallone. Longos minutos correram num fio ténue. Subitamente, a torrente musical estacou como se um raio a fulminasse.

—Bem — dizia o oficial, com um suspiro e numa voz lassa.— Nada mais tenho a fazer aqui. Perdoe, minha senhora, o incómodo. E obrigado pela sinfonia...

... ...

Na máscara expressiva de Raf Vallone reflectia-se todo o dramatismo da situação — que bem poderia fazer parte de um filme neo-realista italiano...



(Continuação da 1.ª página)

crifício de milhões de inocentes numa épocaem que a ferocidade humana atingiu inultrapassáveis requintes.

Não sei se o leitor já leu o «Diário» ou, pelo menos, viu a peça que dele foi extraida. Se o não fez, talvez por medo de ter de sujeitar a sua sensibilidade á difícil prova de um drama dilacerante, aviso-o de que não deve ter receio. Não é assim tão pungente o livro de Anne Frank. A tragédia é sabermos que essa criança que tanto amava a vida e era tão meiga, sã e generosa, foi levada para o tenebroso campo de exterminação de Bergen-Belsen e aí morreu aos quinze anos de idade, separada de seu pai que tanto amava, longe de Peter com quem estabelecera um idílio encantador e puro como só o pode sonhar a alma de uma adolescente.

Se o leitor ainda não leu o «Diário» e se ainda não viu a peça, aconselho-o a que o faça quanto antes. E' um dever moral conhecer esse espantoso e comovente depoimento de uma criança que, mergulhada num sofrimento capaz de fazer vacilar a mais temperada coragem de um adulto, ainda soube escrever: «Creio no que há de bom no homem»; mas que os homens, para nossa eterna vergonha, assassinaram, dois meses antes de a humanidade ter sido libertada do infernal pesadelo nazi, num campo de concentração.

O «Diário», iniciado em 12 de Junho de 1942 e terminado em 1 de Agosto de 1944, nada mais contém do que as íntimas confidências de uma adolescente a uma amiga imaginária e é um livro que podemos —e devemos—sem qualquer receio, dar a ler aos nossos filhos. A visão teatral vai um pouco mais longe e procura reconstituir alguns dos acontecimentos do dia 4 de Agosto de 1944, data em que o «anexo» foi assaltado pelos esbirros da Gestapo e os seus oito ocupantes conduzidos ao horrível cativeiro de que sómente um conseguiu regressar. A peça, interpretada por uma criança de 13 anos, foi pelas autoridades limitada aos maiores de 17 anos, talvez com a meritória intenção de poupar aos mais novos um choque emocional demasiadamente violento para as suas idades. Não desejo discutir aqui uma decisão superior, que de resto já foi comentada nos nossos jornais, embora dela também discorde. Recordo, porém, que Ernst Schnabel, escritor que se dedicou a completar o «Diário», investigando a infancia e os ultimos tempos da vida de Anne Frank, colocou no seu livro a seguinte dedicatória: «A meus filhos, a fim de que eles saibam...». Eu também quero, todos nós devemos querer, que os nossos filhos saibam e, mais ainda, que eles nunca esqueçam como uma vida tão curta pôde atingir um tal grau de grandeza humana e como a voz fraca de uma criança conseguiu dominar o brutal tumulto do nosso tempo e sobreviver aos clamores guturais dos assassinos.

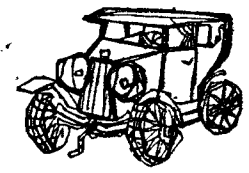
E como é bela e corajosa essa fraca voz que se eleva das páginas do «Diário! Como são cheias de candura infantil e, ao mesmo tempo, repletas de precoce sabedoria as palavras de Anne Frank! Nelas vibra ainda um puro riso infantil em confissões como esta: «...e mesmo nos momentos perigosos, vejo ainda o cómico da situação e não posso deixar de me rir». A's vezes aparece um juizo mais ríspido, embora sempre lucido, sobre o comportamento dos adultos, levados a extremos de nervosismo pelo forçado convívio num espaço estreito, ou esboça-se um tímido lamento: «Sinto-me como um pássaro a quem cortaram as asas e que bate, na escuridão, contra as grades da sua gaiola estreita». Logo, porém, se lhe sucede uma corajosa reacção e Anne escreve: «Sou jovem e forte e tenho plenamente consciência de viver uma grande aventura» e também: «Sei que há uma consolação para todas as dores e em todas as circunstancias», ou ainda: «O que sei é que a coragem e a alegria são os factores mais importantes da vida!». Mas nem uma palavra de ódio se encontra nesse livro que é o mais espantoso depoimento do nosso tempo contra a guerra, a mentira e a ferocidade dos homens! As palavras de fé e de amor, pelo contrário, abundam em todo o «Diário». Amor pelo seu admirável pai, pela natureza, pela arte, pela própria existência infeliz a que a condenaram e, finalmente, num maravilhoso germinar, o amor por Peter, tímido rapazinho com quem Anne viveu um idílio tão puro, belo e comovente como outro não conheço. «Quando Peter e eu estamos sentados num caixote duro — escreve Anne —, no meio de ferros velhos e de pó, muito juntos, eu com um braço em volta dos seus ombros, quando ele brinca com uma madeixa do meu cabelo, quando lá fora se ouve o chilrear dos pássaros, quando se vêem as árvores a pintarem-se de verde, quando o Sol nos chama e o ar é todo ele azul, oh! então os meus desejos são infinitos».

E' assim o «Diário de Anne Frank». O resto é uma história muito triste que agora não tenho tempo de contar-vos. Primeiro, o campo de Westerbork; depois, o de Auschwitz, onde foram chacinados quatro milhões de judeus; por fim, Bergen-Belsen, cuja vala comum a admirável Anne compartilha com mais 30.000 vítimas da demência racista. Os sobreviventes são unanimes em testemunhar que Anne conservou até ao fim a sua extraordinária coragem. Contam, também, que ela sofreu muito e que, quando os seus companheiros de infortunio já nem sequer tinham forças para se comover, ainda ela chorava pelas meninas ciganas que um dia viu passar a caminho do forno crematório e pelos rapazinhos hungaros que, sob a chuva, esperaram 12 horas que se lhes abrissem as portas das camaras de gás. O resto da história podeis ou não contá-la aos vossos filhos. Mas dizei-lhes que foi um crime sem perdão a luz que assassinaram nos olhos desta jovem, ensinai-lhes que ela é o símbolo dos milhões de seres que sofreram anónimamente, que o seu espírito ajuda a manter desperta a consciência do Mundo e que se não esqueçam de mandar flores para Anne Frank.

ALFREDO RIOS

FIM DE SEMANA FELIZ

Para onde vai amanhã?



Dizer que me sinto envergonhado, é pouco.

Melhor diria que só metendo-me pelo chão dentro explicava bem a situação.

Eu a dizer que o frio, quando anoitece, que o relento, que o tempo incerto, que não sei que mais (tudo isto envolvido num xarope q. b. de poesia) e de repente, naquele próprio domingo em que aconselhei, para uma tarde feliz e livre de surpresas, o passeio pelo Tejo...

De repente o sujeito inglês, no cais de desembarque da praiazinha onde tenho uma concha, em calções, as pernas nodosas, vermelhas e cabeludas, passeando com a cara metade também de «short» também de pernas ao leu, aguentando as navalhadas do Nordeste por conta do bem que o Sol lhe sabia...

Do Sol percebem os Ingleses. Embebidos como andam no «fog» londrino, sonham com uma restia macia, e um travesseiro de ceu azul para repousarem os olhos. Dirão vocês, leitores práticos, que no sonho de todos os bons Ingleses entra, além de tudo isso e a servir de base a tudo isso, uma libra de cavalinho. Não discordo. Aliás a lei é tão geral, na sociedade em que vivemos que a maior parte dos homens fazem de burros — por causa desse cavalinho...

Mas não nos desviemos da narrativa — como diria o meu prezadissimo confrade Almeida Garrett das «Viagens da minha terra».

A nomeação — ou como se diz na minha pátria — a «alumiação» do inglês e da «mistress» foi só para mostrar como o meu brio nacional, ficou tão ofendido. Ora essa! Eles de perna ao leu e nós para aqui a aconselharmos sobretudo uns aos outros e passeiozinhos curtos e medrosos de atravessar o rio. Onde está a portuguesa valentia, a sua proverbial indiferença pelas intempéries? Deixa estar que para a outra vez...

E pronto, cá estou com outras vistas e outro programa. Qualquer que seja a catadura do boletim meteorológico (isso de «mentireológico» é calunia!) aconselho-te, leitor amigo, aconselho-te...

A hesitação começou aqui. Começo eu para trás e para diante, no mapa de Portugal á procura de um local favorável — e foram dezenas, centenas, que digo eu!, os que levantaram o dedo como os meninos que sabem resolver o problema.

Foi nesse interim que me veio parar ás mãos a revista «Life» (que teimo pacóviamente em ler *laife*, enquanto o meu amigo P. quer que se diga *life*, como fazem «nuestros hermanos), de 24 deste mês. Nela, na secção «Cartas ao editor», vinha publicada uma carta remetida de Vila Real de Santo António e assinada por Emilio Diogo Costa.

Fora o caso que aquela publicação efectuara uma reportagem de locais europeus merecedores de atenção desconhecidos do publico americano. Algarve, a linda provincia portuguesa, ficou no tinteiro e o senhor Emilio Costa saiu em defesa de sua dama e com inteira razão. A fotografia que enviou foi publicada, juntamente com a carta. Se nos lembrarmos que um anuncio naquela revista chega a custar novecentos contos, bem pode imaginar o turismo algarvio quanto fica a dever á iniciativa do correspondente lusitano.

Além de que justiça foi feita. O Algarve, com as suas noventa milhas de costa, oferece a todos que o procuram um clima primaveril— mesmo quando a Primavera já entregou a alma ao criador. Isto do «clima primaveril» parece uma frase barata de propaganda. Parece e é. Embora o não seja aqui. Esta secção não tem por objectivo a publicidade turistica seja de quem for, seja de que junta de turismo for. Só lhe interessa uma publicidade — a da terra portuguesa tão desconhecida, tão imerecidamente desconhecida, de certos Lusos enfatuados... Interessa-lhe, além disso, sugerir aos seus leitores um caminho, algumas horas de descontracção, de desanuviamento — de comunhão com a Natureza.

Algarve não fica muito longe. Investiga nos horários dos meios de transporte ao teu alcance e verás que algum te serve. Quem sabe se amanhã, a Praia da Rocha, por exemplo, não reserva para ti, leitor, um banho maravilhoso e uma hora de tranquilidade? Quem sabe, leitor, se não vais abençoar a hora em que leste esta modesta secção do Magazine?

Mas a respeito do Algarve há ainda muito para dizer. Como veremos...

CICERONE

disco da semana

O Hollywood Bowl, o mais vasto recinto de concertos ao ar livre, possui uma excelente orquestra sinfónica. O seu repertório, baseado em obras de perfeita aceitação popular, explica que seja hoje um dos agrupamentos mais em destaque entre o publico norte-americano.

No disco Capitol agora apresentado estão compreendidas as seguintes obras:

TCHAIKOVSKY — Valsa de «A bela adormecida».

KABALEVSKY — Galope dos comediantes.

GRIEG — Dança norueguesa n.º 2.

WEINBERGER — Polka.

RAVEL — Pavane for a dead princess.

GLIERE — Sailor's dance.

BIZET — Farandole.

MASSENET — Navarraise.

DELIBES — Piszicato, Polka.

KATCHATURIAN — Sabre dance.

SAINT SAENS — Bacanal.

Uma selecção capaz de satisfazer o gosto de qualquer amador de musica.

Symphonic Dances. Orq. Sinf. Hollywood Bowl. Capitol P8369.

A TUNA

saiam durante todo o trajecto. As instruções do sr. Luís tinham sido precisamente essas:

«Os pandeirinhos lá do fundo só acompanham o hino com dois compassos, punho e cotovelo. Os floreados, os «bonitos», são para os da frente. Estás a ouvir, ó Stélio? E tu também, Salamudio, atenção ás vozes!»

Os dois executantes perfilaram-se. Pandeiros no ar, as fitinhas multicores sacudidas pela ventoinha do Nordeste e o sr. Luís, depois de se associar, deu três passos para trás, pediu silêncio, com a cabeça pendente, armado em vítima, dando as ultimas instruções:

—Gamaliel, chega-te mais para o pé do Chico Ai-Ai. Rapazes, façam o possível por andar na rua com linhaça e compostura, hem! Não troquem os passos, sigam sempre em ordem, atrás uns dos outros. Tu! O' Pompeu, basta! Atira a garrafa fora. Ainda isto não começou já vocês querem andar de gatas? Assim não vale, está tudo estragado. Atenção ás vozes!...

O Pompeu pôs a garrafinha no chão, junto da porta da loja do sr. Sabino e murmurou para o grupo da cauda: «Já não tenho mais. Só trouxe duas. Chui, ele está a olhar p'rá gente!»

Na primeira fila, o Berto agachava-se, para atar os sapatos e o sr. Luís desabafou:

—«Então?! Vamos a isto, rapazes já são horas! Daqui a pouco sai a Banda e perde-se a tradição. A Tuna tem de ser a Tuna! Faz hoje anos que nos vimos livres da pata castelhana. A data do 1.º de Dezembro é uma data sagrada na História do nosso povo! Somos independentes, aos nossos antepassados o devemos. O povo é que se levantou contra a opressão da estranja, o povo é que morreu nas ruas para expulsar os ocupantes. Rapazes, o 1.º de Dezembro para nós, é um exemplo, é uma lição! Nunca os Portugueses quiseram que alguém mandasse nas suas casas e tratasse dos seus negócios. Essa é que é esa! Nascemos com costumes diferentes, temos os nossos próprios sentimentos, temos o nosso orgulho, pertencemos á nossa terra, porque aqui nascemos e vivemos! E' tudo.

— Eh Castro! O' Castro, tem maneiras, homem, amanha-me essa gravata, vamos embora senão a Banda sai primeiro do que nós e é um fiasco. Eh mocidade! Rompam esse hino da Restauração com toda alma, hem! Lembrem-se que Portugal é nosso! Atenção... Vamos!

Os acordes do hino reboaram no silêncio pesado da vila adormecida. Os pandeiretas da frente ensaiaram as suas habilidades portentosas, batendo com a caixa nas mãos, nos cotovelos, atrás das costas, passando-as por baixo das pernas, em rendilhados preciosos, cheios de jeito e fantasia, e tornando a bater nos joelhos, na cabeça, até que só ficavam a sacudir as fitinhas no ar, como se fizessem uma vénia de respeito á Pátria.

A Tuna ia saudar a vila. Nas suas camas, o povo acordava ao som mavioso dos instrumentos de corda e punha-se a pensar na data bendita. Apareciam ás janelas, em camisas de dormir, com casacos de lã, ou capotes, ou até mantas pelas costas, os homens e mulheres que queriam ver a Tuna a passar nas ruas. Crianças, ao colo dos pais, faziam chinfrineira, muito contentes. O sr. Luís, á frente, marcando o passo, de braços em movimento, de cabeça bem erguida. Os componentes, muito bem alinhados, atrás do mestre. Lá vai o Berto, tocando as estrofes do hino, na sua rabeca afinada. Lá vai o Stélio, lá vai o menino Francisquinho Real no meio, a acompanhar os acordes dos mais velhos. Lá vão os pandiretas da frente, gesto galhardo, aprumo guerreiro. No coice do agrupamento, vão Carrusca Silveira e o seu primo Augusto, tocando gaita de beiços. Como ainda é muito cedo, só três crianças, das que moram nas barracas da estrada de circunvalação, correm ao lado do sr. Luís. As crianças dão saltos, felizes, felizes!

Uma bandeira portuguesa, á esquina da Praça, é desfraldada por um popular e o hino sobe de emoção ao rumor argentino das colcheias, das fusas e semi-fusas, e as janelas abrem-se de par em par, indiferentes á frialdade da manhã que vai nascer.

E' 1. de Dezembro, dia da Independência, dia em que todos os Portugueses são irmãos, ou deveriam ser irmãos... — e a vila de São Jacinto comemorou o facto deitando foguetes no Largo dos Paços do Concelho, onde já se encontra muito povo, que bate as palmas á Tuna e dá vivas a Portugal.

O sr. Luís, sempre ufano com tantas demonstrações de simpatia, pára em frente do Mercado e ordena:

— Alto!

A Tuna aquieta-se. Os instrumentos abaixam-se e, acto contínuo, descem junto das pernas dos executantes, e o sr. Luís continua a dar ordens e todos se calam, os musicos e os populares:

— Vamos comer uma açorda oferecida pela ti Antónia do Monte Velho. E' já uma tradição de há quarenta anos, gente! Quero aprumo e virtude, hem! Hoje faz de conta que somos os filhos dos netos dos herois de 1640. Temos responsabilidades a defender!

O portão de ferro do Mercado abriu-se e a Tuna entrou de roldão.

Lá dentro do «cafézinho» da ti Antónia, a velha, mais duas ajudantes, ensinavam os mais azelhudos: «E', aqui, venham por aqui, sentem-se á mesa, não façam cerimónia, meus senhores. Esta casa é vossa!».

O cheiro dos coentros andava no ar, um rastro de alho batido no almofariz de cobre, ovos escalfados em água a ferver e azeitonas nos pires de barro de Orada enfeitavam a toalha branca da mesa. Os moços, contentes, espreitavam a sala decorada com papéis verdes e vermelhos e ao fundo, a moldura com a efígie da Republica, deusa da Pátria. Ti Antónia do Monte Velho, na sua voz um pouco trémula e cantada, orgulhosa por receber a Tuna, confessava,, muito ufana:

—O meu defunto marido morreu com os gases que apanhou na 1.ª Grande Guerra. Era um republicano dos quatro costados e se hoje fosse vivo, havia de gostar de os ver, rapazes...

O Stélio teve um ímpeto de ternura, pôs o pandeiro em cima de um banco, chegou-se ao pé da Ti Antónia, deu-lhe um beijo na fronte e um grande abraço, em nome dos colegas. Estrugiram palmas. Um dos banjos, gritou:

— Viva a Republica!

Já ti Antónia cirandava da cozinha para a casa de fora, da casa de fora para a cozinha, numa grande azáfama, trazendo grandes pratos de açorda com bacalhau e um ovo por cima, azeitonas e rabanetes.

O sr. Luís avisou:

— Vamos despachar, rapazes, que o dia vai nascer e a gente precisa de correr a vila de lés a lés. Uns não são filhos e outros enteados. Todos querem ouvir a Tuna e com razão!

Depressa os rapazes comeram a açorda. Levantaram-se, pegaram nos instrumentos e o sr. Luís botou novamente palavra:

— Ti Antónia, vamos tocar á memória do sr. Zé Rodrigues, que tenha a alma em descanso. E voltando-se para os musicos: — Um! Dois!

A «Portuguesa» entoou na casa e ouviu-se cá fora. Os seus acordes despertaram o sentimento do povo que também cantava, em coro.

Ti Antónia não se aguentou por mais tempo e agarrou-se a uma criada, chorando copiosamente.

A Tuna saiu na melhor ordem. Novos foguetes eram lançados das varadas e dos quintais da vila de São Jacinto. O Sol, a medo, espreitou, ensanguentado, junto das glebas bravas do monte da Silvaninha. Desaparecera a nevoaça, só um frio cortante enregelava as carnes. Já as pessoas se viam a distancia. Era o dia 1.º de Dezembro, o dia da santa Liberdade, o dia da Independência de Portugal! O povo das vilas sentia-o no coração, o povo das vilas punha a enxada, a enxó, a lima, a caneta de parte, e vestia os seus melhores fatos para respeitar os mortos de 1640. A Tuna era acompanhada por muita gente. Passara a Rua 5 de Outubro. Das janelas, deixavam cair flores sobre os musicos. Meninos ainda estremunhados acenavam com lencinhos.

Do outro lado da vila, a Filarmónica tocava marchas patrióticas, ia á redacção dos jornais, ás residências dos benfeitores, fazer os cumprimentos da praxe.

A Festa ainda agora começara...

A. S.

MORSE

O Fantasma

OS alpinistas que se aventuram por montanhas tenebrosas, enfrentam constantemente perigos de estarrecer. E' frequente lerem-se nos jornais italianos, franceses e suiços notícias de desastres — quantas vezes mortais — nas sessões de alpinismo. Mas a montanha não vence o homem. A pouco e pouco, apesar da sua ridícula pequenez, o alpinista desvenda mistérios e segredos...

Entre os piores inimigos do alpinista contam-se o nevoeiro e o Sol, que se aliam, por vezes, para criar uma situação verdadeiramente dramática...

A ascensão está a decorrer sem novidade. De subito, por detrás de uma montanha mergulhada em nevoeiro, surge uma sombra monstruosa, um fantasma que persegue o alpinista passo a passo. Muitos arrojados desportistas, tomados de terror diante da aparição inexplicável, por um triz não mergulham nos abismos insondáveis...

Mas de que se trata? Nem mais nem menos do que da sombra do próprio alpinista, que o Sol projecta no «ecran» do nevoeiro, em tamanho monstruoso, cintilando de todas as cores do arco-iris...

NOVOS E VELHOS

Vimos no numero 16 do Magazine alguns casos de homens e mulheres célebres que morreram jovens: Chopin, Rimbaud, Novalis, Emily Brontë, Toulouse-Lautrec e muitos outros.

Acontece com um certo numero de outros grandes homens um caso totalmente diverso. A glória colhe-os, já em provecta idade — ou continuam indiferentes ao peso dos anos, produzindo com entusiasmo verdadeiramente juvenil.

Diz-se: há homens que nascem velhos, há velhos que morrem jovens...

A este ultimo grupo pertencem, entre muitos outros, as celebridades que ilustram esta página.

Começaremos por *Georges Brague*, o escultor que das pedras trazidas pelo mar faz sonhos e asas, apenas com uma ligeira correcção de arestas. Tem setenta e quatro anos. Continua fiel ao cubismo, de que foi um dos criadores e de que é uma das glórias. «O segredo da minha juventude? Fazer da vida uma perpetua aventura. Cada tela é, para mim, uma nova exploração».

Pícasso

Le Corbusier

Goethe, o mais célebre dos poetas alemães, morreu com 83 anos. Nunca deixou de escrever e algumas das suas melhores páginas foram escritas pouco tempo antes de morrer.

Ticiano, o chefe da escola veneziana, morreu em 1576 quase centenário. Nunca abandonou o «atelier». Trabalhador infatigável, «não desejava morrer antes do tempo...»

O grande violoncelista *Pablo Casals* nasceu um dia depois do Natal há 81 anos. Apesar da sua idade, ainda no ano passado deu uma série famosa de concertos. Atacado desde há muito por uma difícil doença cardíaca qual a força que o mantém vivo? «A esperança de regressar á *sua* Espanha...» Mas talvez não sómente a esperança... também o Amor. Pablo Casals desposou, há pouco tempo, a sua aluna preferida, uma jovem de vinte e um anos...

Picasso, o artista mais célebre do Mundo, conta actualmente 73 anos. Pintor, escultor, gravador, poeta, ceramista, lançador de estrelas e de pombas... Tem em mão a maior tela da sua vida (200 metros quadrados) destinada ao edifício onde ficará instalada a sede da U. N. E. S. C. O. Em constante evolução; portanto, em constante juventude... Quer de Verão, quer de Inverno, não desiste de se banhar no Mediterraneo, alvo das camaras dos fotógrafos que o perseguem por todo o lado — o que ele sofre com grande bonomia e compreensão.

O *Doutor Scheiweitzer*, organista, médico, activista social, continua, com 82 anos, a trabalhar doze horas por dia no esgotante clima do Gabão.

O grande trágico grego *Sófocles*,

(Continua na 7.ª página)

Pablo Casals

O DEMÓNIO DA RECTIDÃO
de
François Mauriac
uma obra-prima
de esplendoroso
dramatismo
*
mais um volume da
Colecção Miniatura
publicado por
Livros do Brasil
R. dos Caetanos, 22 — Lisboa

UM INTIMO FUROR

Por KAMALA MARKANDAYA

MIRABAI completara os dezasseis anos quando seu irmão Kit chegou do Ocidente. Veio acompanhado por Ricardo, amigo e companheiro de escola, colocado, agora, na India.

Os festejos da chegada, com seus berrantes colares de flores, coroas, presentes, a família inteira até uma geração bastante adiantada, os velhos serviçais de lagrimita ao canto do olho — era uma novidade para o ocidental. Mirabai teve medo que ele achasse tudo aquilo muito ridículo, muito primitivo. Mas se achou, Ricardo fingiu que não. Olhava todos com inteira satisfação e até alegria. Kit já o tinha informado que a chegada seria assim mesmo, ainda nos velhos hábitos indianos que a civilização não tinha modificado.

A família de Kit era rica e de esmerada educação; para receber o hóspede do filho, aquele inglês louro e sorridente, despiu, em parte pelo menos, aqueles velhos hábitos e viveu um pouco á ocidental.

Durante o tempo que viveu naquela casa, Ricardo mostrou-se encantado com tudo e todos, até com Mirabaia, uma rapariguita ainda.

Também ela distinguiu o inglês, entre os homens que conhecia, como sendo o unico que lhe interessava. Calou a preferência; vivia numa terra e num tempo em que as famílias escolhiam os noivos para os filhos, ás vezes mesmo nem se conhecendo, mas sempre dentro da mesma raça. Que diria a família pela sua preferência por um estrangeiro?

Ricardo partiu, entretanto; dele ficou uma suave recordação em Mirabai.

A casa voltou ao seu luxo oriental; os dias voltaram ao sossego habitual. Havia, agora, tempo para pensar na família e Kit precisava que se pensasse nele, pois estava em idade de casar. A mãe escolheu a noiva; mas pensando que ele viera do Ocidente com hábitos novos, diferentes, tentou modificar um pouco a tradição e para isso, convidou a noiva para passar, com a futura família, algum tempo. A convivência certamente faria com que Kit viesse a gostar da jovem que lhe fora destinada pelos pais. E assim aconteceu.

A vida de casada de Premala não lhe enchia o muito tempo vago. O marido partia para o serviço, os criados eram diligentes, e a ociosidade pesava sobre ela. Para lhe fugir, interessou-se pelas obras da aldeia vizinha, onde trabalhava o missionário inglês Hickey. Kit não via com bons olhos estas visitas, cada vez mais assíduas á aldeia. Também Govind — o irmão adoptivo de Kit e Mirabai — se sentia aborrecido com o interesse da jovem pela obra do missionário.

Este Govind mostrara-se, sempre, uma pessoa esquiva e taciturna. Mais tarde, já depois do casamento de Kit, quando a animosidade antibritanica começa a fermentar na sombra, e depois quando, levedada, começa a borbulhar, Govind aparece como um revolucionário.

Duas vezes é preso; e outras tantas é posto em liberdade, por falta de provas ou com alibis convincentes. Mirabai que, aos dezasete anos, vai viver com o irmão, entra no jornalismo e conhece de perto, a atitude do povo; vibra com ele. Um dia, inesperadamente, volta a encontrar Ricardo. O amor renasce, mais violento. Nada já a detém; está violentamente apaixonada. Ao contrário do que esperava, a mãe aceita o seu noivado. Mas pede uma espera, Mirabai é tão jovem ainda! E os tempos parecem maus...

Voltam ambos á cidade onde trabalham. Mas o amor não espera, é por demais impaciente; Ricardo precisa de férias e ambos partem para a montanha. Ali, é a felicidade plena que os espera. Porém, a lua-de-mel não pode durar sempre, e eles têm de voltar, cada um, ao seu emprego. Com espanto verificam que a cidade mudou; paira no ar um silêncio intranquilo, que faz Mirabai tremer de medo. Por Ricardo, pois uma tentativa de agressão contra ele, mostrara-lhe a direcção que as coisas tinham tomado. Fugiram dos bairros escusos; na zona residencial era diferente. Estavam em «sua casa».

Uma noite, por sinal a tempestade violenta soprava sobre a cidade, rebentou uma nova manifestação antibritanica; a luz faltou, precisamente quando Kit e Mirabai estavam num baile do Governo. Govind apareceu, inquieto com a sorte de Kemala, que saira, inesperadamente, para a aldeia. Pela primeira vez na vida daquela família, a discórdia surgiu: Kit feriu-se com o interesse profundo e angustiado de Govind e Mirabai sentiu que era necessário impedir que jorrasse, um caudal escondido. Por isso lembrou que era urgente partir em busca de Kemala.

Na aldeia vizinha, uma surpresa os esperava: a escola do missionário inglês ardia; sombras corriam de todos os lados. O vento ateava a fogueira, tornando impossível penetrar naquele brasido.

Três brados simultaneos se ouviram: «onde está Kemala?».

Ajoelhado no chão, indiferente á tempestade violenta, o missionário rezava. Tinha o rosto descomposto e uma expressão de loucura nos olhos. Os aldeões rodeavam-no num completo mutismo, numa espécie de atitude protectora. Hickey voltou-se. Parou de falar quando deu com os olhos em Govind; encarando aquele rosto atormentado, começou a rir. Os restantes homens estavam rígidos, como seguros por força implacável; dir-se-ia o castigo por algum crime nefando ser forçado a escutar o som da voz de Hickey — um som vindo do inferno, entre espasmos de gargalhadas, entarameladas e esganiçadas, apenas dirigidas a Govind, mas que todos ouviam: «Com que então é você o Govind? Você amava-a, também sei disso, foi ela quem mo disse! Pois bem, ponha aí os olhos no que o seu amor fez! O seu amor!...». O som era um rugido, já não parecia uma voz, mas o silvo do vento. Kit correu para uma cabana próxima, perto da qual estavam alguns homens agrupados. Mirabai foi atrás dele; mas não a deixaram passar; os corpos dos homens fizeram parede firme. Govind veio também — e conseguiram então chegar até onde estavam os outros dois — Premala e Kit. Govind foi o primeiro a falar; a sua voz era crua, quando disse: «Ela amava-te. Tu nunca a amaste, tu não sabes mesmo o que significa a palavra amor. Nada lhe deste...». O rosto mostrava não só cólera, nem ódio, mas dor sincera. Estavam numa encruzilhada da vida. Como sair dela?

Do grande romance «Um intimo furor», da escritora hindo Kamala MacKandaia — empolgante narrativa de um periodo da História da India. Por especial deferência dos editores portugueses. — Publicações Europa-América, que acabam de lançar esta obra.

(Continuação da 1.ª página)

ao fim de duzentos anos, não adquirira os hábitos de ser português.

Quando o povo de Lisboa soube que o rei de Castela se preparava para invadir o País — nas mentes simples, mas objectivas e decididas a questão da sucessão do trono e da independência do País foi imediatamente posta nos seus termos verdadeiros: não havia que perder tempo a endereçar recados a D. Leonor Teles para que casasse ou não casasse com o Mestre de Avis. D. João, filho de el-rei D. Pedro; o caminho unico era pedir a esse mesmo Mestre que tomasse carrego de defender a cidade e o reino.

Enodoavam-se as ruas estreitas e os largos assimétricos com magotes de gente. E diziam: «E nós serviremos o Mestre com os corpos e averes, e lhe daremos todo quanto temos: e assim farom todollos outros do rregno *(reino)* que verdadeiros Portugueses forem».

A fulminante capacidade criadora das massas de uma assentada vira a questão; e lògo definira o partido nacional: «os que verdadeiros Portugueses forem»; *e todos os que a ele pertencessem se caracterizavam por dedicarem ao Defensor do reino, corpos e haveres. Assim se desenhava uma grande obra de consciência colectiva que provanascido em duzentos anos de alegrias e canseiras.*

Procurando o Mestre, «pediram-lhe por mercê que se chamasse Regedor e Defensor dos reinos». *Esta conversa foi na rua, que era a grande sala de reunião da gente de trabalho. E o Mestre disse que sim, mas pediu-lhes que se encontrassem com ele no Mosteiro de São Domingos para lhes falar sobre negócio tão importante. No dia marcado o Mosteiro encheu-se de povo da cidade e D. João começou contando, em conversa de amigos, como pensara partir do reino para «Imgraterra» para melhor segurança de sua vida, depois que matara o Andeiro. Mas que estava disposto a ficar* «por serviço e honrra do regno», *se lhe garantissem o seu auxílio.*

Os do povo «a huüa *(uma)* voz. nom esperando que falasse huü por todos, mas quantos hi erã juntos, altamente disserom que lhes prazia de o servir e ajudar com os corpos e averes até morrerem todos ante elle».

Estava feito o pacto simples, sem articulados jurídicos, sem ressalvas de interesses que não fossem os da Pátria. Apenas se levantava uma questão: havia na cidade gente burguesa muito honrada (rica) e que ali não estava presente. Seus grossos haveres eram necessários. De maneira que o povo comum pedia que o Mestre se reunisse, estando eles, na Camara.

Assim se fez. Então lhes comunicou o Mestre como todo o povo miudo o recebia por regedor e defensor e que chegara o momento de eles declararem a tenção em que estavam. Estavam ou não de acordo com o povo miudo? Queriam ou não dedicar ao partido nacional os seus bens e os seus haveres?

Nenhum respondia. Alguns cochichavam nas orelhas do parceiro. Duravam muito que tal epopeia pudesse ir por diante. E lembrando os grandes tormentos passados quando a cidade, capitaneada pelo alfaiate Fernão Vasques, se opusera ao casamento de D. Fernando com Leonor Teles — os burgueses receiam por seus haveres, quase tão pesados (ou talvez mais, quem sabe?) do que a vida. Ora enquanto o tempo se passava, foi-se juntando muito povo miudo. Estava entre eles um tanoeiro, o Afonso Anes Pencdo, que já presenciara a reunião de São Domingos. E vendo que nenhum dos ricos falava, acarinhou a espada que trazia á cinta, começou a comer a passos largos a sala, para cá e para lá, para cá e para lá. Depois, afrontando-os de subito disse com voz vibrante:

— Que estais vós outros assim cuidando, e que não outorgais o que outorgaram quantos aqui estão? E como! Ainda vós duvidais de tomar o Mestre por regedor destes reinos, e que tome carrego de defender esta cidade e nós outros todos? Parece que não sois vós outros verdadeiros Portugueses. Digo-vos que quanto por essa guisa *(que seguindo tal caminho)*, buscai-nos vós todos cedo em poder de Castelãos».

Nem mesmo ante um programa tão claramente tão claramente definido (se não resolvermos já, cedo cairemos nas mãos dos estrangeiros) os b... ram. Ent... de novo ... gritou am...

— Vós ... fazendo? ... vos dizem ... reis, cá e... nho mais ... ganta; e ... torgar, log... pela sua, ...

Toda a ... Os que só ... der encap... apoio. E ... honradas ... isto outro... garam e... tinham pr...

E desta ... nista Fern... toda a ma... bamos de ... mado por ... Reino: «r... defensão qu... pois sua ...

O QUE SÓ ...
A GARGANTA A ...

D. JOÃO I—rei por graça do ...

O Primeiro

Bartolomeu Cid

NOS salões das Belas-Artes, depara-se-nos agora um conjunto de obras donde transparece uma certa homogeneidade bastante mais nitida do que a revelada aquando da exposição da Fundação Gulbenkian.

Mesmo admitindo a falta de alguns artistas de primeiro plano, no panorama das artes plásticas nacionais, afigura-se-me ter-se conseguido agora uma mais evidente expressão de modernidade, o que aliás não advem da abundancia de obras não figurativas, como julgo se tem pretendido fazer crer. Tal preponderancia, aliás, não corresponde á realidade da pintura portuguesa, considerada, claro está, não no seu aspecto quantitativo mas qualitativo.

A ausência lamentável de alguns artistas figurativos de prestígio formado como Querubim Lapa e Jorge Vieira, ou António Quadros—entre as gerações mais recentes—, contribuiu, talvez decisivamente, para o aspecto geral da exposição, o que pode levar o publico a juizos erróneos sobre a nossa realidade plástica. Apenas se pode formular um juizo muito aproximado sobre os valores não figurativos da pintura portuguesa, pois as suas figuras mais representativas marcaram pela ausencia. Da análise das suas obras poder-se-á concluir encontrarmo-nos perante um novo academismo, fim natural duma corrente estética cujo limitado campo de acção só lhe permite um d... nos agrad... primir a ... nea.

Referênc... -nas: Edua... do que m... na pintura ... Hojan.

Relógio ... tista com ... des evocad... Kafka.

D

UMA ... tei... po... po... caminho d...

SÓ TINHA
NTA A PERDER

—rei por graça do povo

nquanto reis) os burgueses ricos se decidi-funtan-a entre ó Anes a reu-vendo va, aca-á cin-sós lar-á, para ando-os brante: assim s o que stão? E ertomar reinos, efender os? Pa-os ver-os que *seguin-*vós to-ãos».. *ograma nte de-á, cedo rangei-*

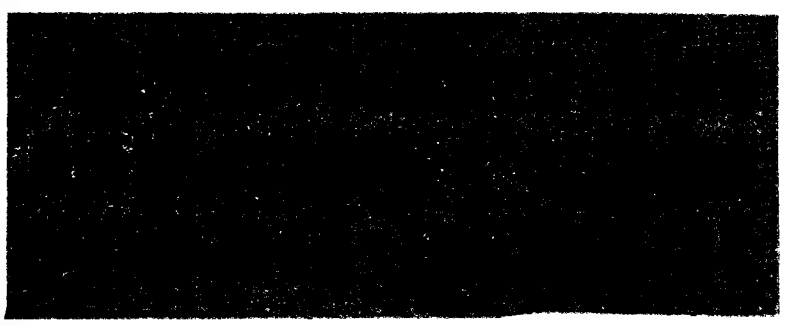
* * * * * * * * * *

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

Em pequeno sempre que passava em Sansão, nunca me esquecia de espreitar para a barbearia do Natalino. O hábito nasceu no dia em que perguntei á minha avó: «*Vòzinha olhe pró Natalino. Que está ele a fazer, avó? Não o vê a fazer caretas ao espelho?*»

Eu julguei que o Natalino andava a fazer tirocínio para tolinho, mas a ciência de minha avó era pelo menos tão antiga e tão certa como a de Salomão. Respondeu-me com os seus modos repousados: «*Está a dizer mal dele*».

Abri os olhos tanto quanto podia abri-los. Puxei pela mão redonda de minha avó e, á sua frente, a barrar-lhe o caminho, para que me dedicasse toda a sua atenção, admirei-me: «*O quê, vòzinha? A dizer o quê? Que está a fazer o Natalino?*»



Nem queria acreditar. Mas as verdades de minha avó eram escorridas, sem nenhuma gordura barroca: o que era preciso dizer, dizia-o em reduzidas palavras. Não acrescentou, portanto, mais nada que pudesse sofrear o meu pasmo: O Natalino estava era a falar mal dele próprio.

Pensei que não devia insistir. Porquê? Porque minha avó tinha no mais alto grau o sentido do a-propósito e do despropósito. De modo que eu disse cá para comigo: a avó acha que não é ocasião de explicar mais nada.

Essa ocasião chegou depois do lanche—diziamos, entao, merenda — quando eu, de manso, escorreguei uma pergunta no género económico de minha avó: «*Vó, e o Natalino?*». Eu já calculavá que iam estender-se ao comprido uns bons pares de segundos, o tempo necessário para minha avó fingir que não tinha ouvido nada. Então o meu jogo era este: ficar calado como um rato, mostrar muita paciencia, mostrar, homenzinho incapaz de maçar os outros.

Finda a minha demonstração a avó banhou-me c om aquele seu luminoso sorriso, que, por mais que me digam, era muito superior ao de Confucio. «*E' verdade!... O Natalino...*» — disse finalmente, de forma a prefaciar a minha chuva de perguntas... «*E' tolinho, não é?* — foi como eu iniciei o meu ataque. Resposta: «*Não, é má lingua*». E eu: «*Má língua?*» Resposta: «*Pois. E estava a dizer mal dele*». E de novo eu: «*ó vó, mas as pessoas podem dizer mal delas?*»

E foi então que a minha avó sem estar de cátedra, deu uma lição que nunca mais esqueci e que lhe vou reproduzir, embora sem aquela graça inimitável, filha dum infinito conhecimento da vida, — uma graça que só tem comparação com a delicada espiritualidade dos bons vinhos velhos generosos...

Natalino desprezava o género humano. Dentro desse género humano só conhecia uma pessoa digna do seu apreço: era Natalino. Seu olhar caía como um milhafre sobre os fatais defeitos do homem, sem se demorar, um nadinha que fosse, a contemplar as suas qualidades. Quando, diante dele, se falava de cicrano com bons emboras, certo era que Natalino arregaçava o lábio e arejava a dentadura. E vinha então o «*mas...*»

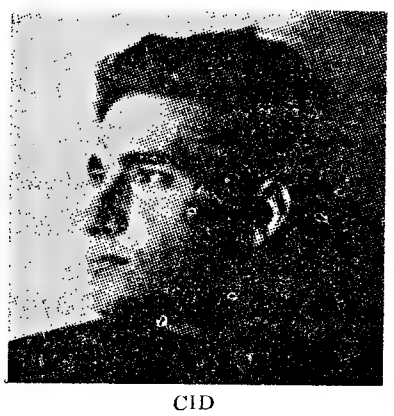
Ora Natalino era um museu de qualidades negativas, trastes que não serviam para nada. Natalino era atacado. Natalino era criticado. E para se defender ele acabou por descobrir que o melhor processo era dizer a todo o momento mal do seu semelhante. Assim teria sempre razão. Enquanto apertasse moralmente o pescoço a alguém e o espremesse como a um limão teria o seu pescoço a salvo e acabaria por criar nos outros a lenda da sua intangibilidade moral.

Este hábito tornou-se tão fundo que, quando estava só, se plantava na fachada do espelho a dizer mal dele próprio. Esta fatalidade enchia-o de medo. Dava-lhe a certeza da sua instabilidade. Já nem gozava com o bem que lhe batia á porta; só lhe interessava o mal alheio. Preferiria não ter a sorte grande a saber que algum cidadão pacífico arrecadara, numa cautela, o preço do custo.

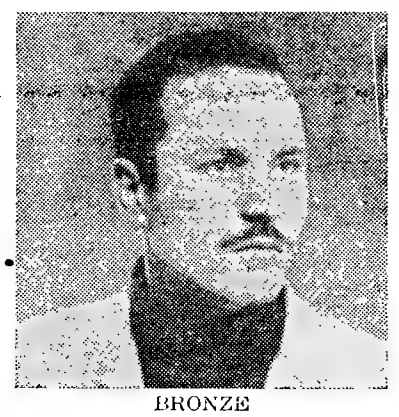
E sabendo que o seu futuro não prometia, porque nada promete uma semeadura de ventos, Natalino refinava. Quando homens de jornais queriam saber notícias frescas, faziam a barno fim de contas, que já era um ba na loja do Natalino. Era o antro da ortodoxia da cidade.

Minha avó chegou a um ponto em que mostrou um ar de enfado. Suspirou. Encolheu os ombros. E disse esta verdade extraordinária: «*O grande navegador Bartolomeu Dias escreveu uma vez: «Entre os Portugueses, alguns há, senhor, que mais se alegam com os males alheios do que com o bem próprio*». Ouviste, neto? *Bartolomeu Dias descobriu, dobrou e sofreu um outro cabo: o cabo moral das Tormentas. Foi um grande homem, neto*».

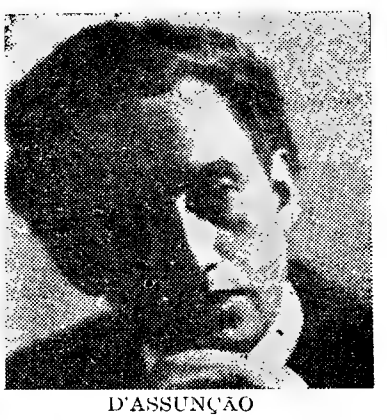
DIÓGENES



CID



BRONZE



D'ASSUNÇÃO

RELÓGIO

ro Salão de Arte Moderna

cu as-ativo.

alguns io for-e Jor-os—en-ntes —, te, pa-ição, o juizos alidade rmular sobre pintura s mais la au-ras po-mo-nos o, fim a cujo e per-

nite um decorativismo, mais ou menos agradável, insuficiente para exprimir a problemática contemporanea.

Referências especiais, merecem-nas: Eduardo Viana, mais moderno do que muitos «modernos», e ainda na pintura: Julio Pomar e Navarro Hojan.

Relógio revela-se um excelente artista com os seus desenhos de cidades evocadoras dum mundo á Franz Kafka.

D'Assumpção

UMA tristeza que só não é inteiramente confrange d o r a porque para além dela se pode ainda, vislumbrar um caminho de esperança. Esta exposição terá, pelo menos a grande utilidade de representar um estímulo para os jovens artistas afinal tão ignorados, quando não desprezados, pelos comentadores — recuso-me a chamar-lhes críticos —, da nossa Imprensa, a qual pela projecção de que certamente desfruta junto da opinião publica tanto contribui para essa falta de «gosto» e desenvolvimento intelectual, tão patente na grande maioria dos Portugueses.

Situação lamentável, correndo o risco de se tornar catastrófica para o futuro da arte no nosso País. Porém, se outras razões não houvesse, a presença de alguns artistas de real merecimento bastaria para justificar a abertura deste I Salão de Arte Moderna.

Pomar é, sem duvida, um excelente pintor e José Julio revela-se, para além duma aparente fragilidade formal, possuidor duma inquieta remibilidade, revestida de um sentido cósmico, raro entre os nossos plásticos. A secção de gravura e desenho, duma mancira geral, é bastante positiva.

Artur Bual

AS impressões são boas. A exposição é muito mais homogénea que a realizada sob os auspícios da Fundação Gulbenkian, e, porque duma maneira geral os artistas estão aqui melhor representados, creio tratar-se dum conjunto mais representativo da moderna arte portuguesa, embora tal panoramica seja um pouco ofuscada pela ausência de alguns pintores de indiscutível merecimento, caso de René Bertholo, Siqueira ou entre os figurativos António Quadros.

Salientam-se no desenho e na gravura, Relógio e Bartolomeu Cid. Os abstractos têm em D'Assumpção o seu valor mais expressivo, merecendo Julio Pomar especial referência entre os figurativos.

A apontar ainda uma nota discordante: a falta de interesse do publico que assim dá uma triste ideia dos seus acanhados horizontes.

José Bronze

DESTA exposição transpareee uma certa homogeneidade, uma unidade expressiva da qual só um ou outro trabalho poderão destoar.

O não figurativo domina a exposição mas, tal como está representado, pode levar o publico, menos consciente a uma lamentável confusão entre as obras que terão pelo menos o mérito de representarem tentativas para uma originalidade e o servilismo académico dalguns artistas desta corrente. Destacam-se na pintura. D'Assumpção, Bual e Pomar. Os desenhos e gravuras assinados por Relógio e Bartolomeu Cid são os de maior interesse.

PROTEINAS
A ENERGIA ATÓMICA DA COZINHA

QUANDO a ultima guerra terminou, os exércitos aliados descobriram, com horror, os campos de concentração; e neles foram recebidos por cadáveres vivos. A vista deste povo de esqueletos, uma pergunta angustiosa se pôs aos médicos: como trazer á vida estes homens, mulheres e crianças subalimentados durante tanto tempo? Alimentá-los, distribuindo saborosos pitéus de cujo gosto nem se lembravam já, seria condená-los a morte pior que a inanição; o estômago, contraído, seria incapaz de suportar o mínimo alimento Os sofrimentos mais atrozes esperariam aqueles que não pudessem resistir á tentação de uma alimentação normal.

Aos médicos pôs-se, então, a paciente tarefa de reeducar o tubo digestivo, por meio de bebidas ministradas com intervalos regulares. Mas para sacá-los do inferno em que viviam havia mais que dar-lhes de beber; era necessário dar-lhes força.

Mas os médicos tinham á mão uma arma recente — a bioquímica (química da vida)—arma pacientemente forjada em laboratórios: os aminoácidos.

Para alimentar aquelas criaturas que morriam de fome, seria necessário fazê-lo por meio de injecções; dar de comer ao sangue, uma vez que o estômago se tinha tornado inapto para comer. O líquido administrado aos agonizantes era, bem, alimento; uma alimentação que tinha passado as mesmas operações químicas que se dá numa digestão normal. Eram injecções de alimentos pré-digeridos, permitindo a um ser humano alimentar-se sem comer.

Depois desta formidável descoberta, tem sido possivel salvar milhares de doentes, operados, feridos. As proteinas aparecem, pois, como material mais importante do nosso corpo, assim como da nossa alimentação. São a fonte mesmo, da vida. E', portanto, natural que, mal fôram descobertas, as proteinas se tornassem a preocupação constante dos sábios e dietistas. Descobertas levaram á conclusão de que não existe uma só proteina, mas várias, mais ou menos ricas, conforme os aminoácidos que contêm. Claro que as mais ricas são as que os contêm todos. Conhecem-se, actualmente, uns vinte ácidos aminados; dez, sabe-se que é indispensável fornecer ao homem; os restantes, o próprio organismo os fabrica.

Os biologistas comparam uma proteina a um mosaico policromo, em que cada cor representa um aminoácido. Assim, uma determinada proteina corresponde a um determinado mosaico. Quando penetra no estômago, este mosaico é misturado como as peças dum puzzle. Não representa nada; as pedras (os aminoácidos) estão em completa desordem. Chega a digestão. Logo que os produtos dela atingem o sangue, produzem uma nova confusão: as pedras tomam uma nova posição, diferente da primeira. Formam um novo mosaico, mas já diferente. Uma nova proteina incorporou-se no organismo: a proteina-alimentação tornou-a proteina-humana. Ora o nosso organismo é formado de proteinas, tal como uma parede o é de tijolos. As injecções aplicadas aos prisioneiros famintos, para os alimentar, eram peças do mosaico desarrumado. Era material em estado bruto para construir a proteina humana; melhor, aminoácidos. A criança que se desenvolve, a mulher grávida, o ferido cujas feridas cicatrizam, têm, necessidade, sem duvida, dum reforço de proteinas. Mas todos nós, para desempenharmos as tarefas quotidianas, temos necessidade delas. A cada momento, queimamos a proteina-humana; a cada momento, milhares de células do nosso corpo morrem; e é preciso substituí-las por outras novas. A cada momento, é necessário reconstruir um pouco de nós próprios. Ora, há substancias, como o açucar e as gorduras, por exemplo, que nos aprovisionam de calor, que podem ser armazenadas pelo organismo quando em excesso; o mesmo se não dá com as proteinas :Não podendo nós fazer reserva delas, está bem de ver, que, diariamente, devem ser fornecidas ao organismo — isto é, deve-se-lhe fornecer o seu material de construção

No nosso clima, e para um adulto de actividade média, são necessários cerca de 150 gramas de proteinas diárias

Cem anos de estudos foram necessários para descobrir a existência das proteinas, o seu valor como fonte de saude para o organismo, como remédio contra a fadiga e alimento para a beleza. Foi, para o género humano, uma descoberta tão importante como a bomba atómica. Mas não são as proteinas a energia atómica que constróem?

Afirmar que as proteinas são uma alimentação cara é um preconceito sem valor: as carnes mais baratas são tão ricas como as melhores peças. O fígado é um alimento rico em proteinas, mas não é necessário que seja fígado de vitela; os de carneiro ou de bezerro são tão ricos como o primeiro. Mais ainda: o leite e o queijo são excelentes fontes de proteinas.

E pense que a saude não é um luxo. Vamos, por isso, dar-lhe um quadro das principais proteinas alimentares, na certeza de que o afixará na sua cozinha, para ter presente que o seu corpo, o dê seu marido e os de seus filhos vão poder fabricar vida humana.

SOPA COMER
OS LEGUMES
FONTE DE SAUDE E BELEZA

E' verdade, senhora amiga, mas Porquê? perguntará horrorizada com o alvitre. Parece-lhe detestável pensar que comerá cenouras, nabos, beterrabas ou couves cruas. Mas desengane-se: os sumos tomam-se com facilidade desde que componha com eles «cocktails» saborosos.

Os sumos têm a vantagem de absorver maior quantidade de legumes; os sais minerais e as vitaminas extraídas da polpa podem ser mais fácilmente assimiladas pelo organismo; evita-se a perda das vitaminas e dos sais minerais pela cozedura.

A prática dos sumos de legumes é de aconselhar ás pessoas que digerem com dificuldade e não podem suportar a irritação provocada pela celulose dos legumes; ás crianças que os detestam; ás pessoas idosas, com dificuldades de mastigação; a todos os que seguem regimes de emagrecimento. Beberão, assim, um concentrado de riquezas, numa verdadeira cura.

Claro que será necessário um aparelho especial; mas as vantagens compensam bem a despesa. Saude e beleza em troca de uns escudos.

Será indispensável escolher legumes bem frescos. E lembre-se que umas gotas de limão ou de laranja melhoram o sabor dos legumes e conservam-lhes a cor. E agora, que sabe o que a saúde e a beleza ganharão com isso, entretenha-se a pensar nos «cocktails» de legumes que irá fornecer á familia. E para que tenham o verdadeiro sabor de um «cocktail» perfume-os com licor «Cointreau». E veja como é bom!...

ALIMENTOS	QUANTIDADES	PROTEINAS
Vaca (magra)	*125 gramas*	*17 gramas*
Frango	*1*	*18* »
Coração, rins	*1*	*11* »
Costeleta	*1 média*	*10* »
Fígado	*100 gramas*	*19* »
Leite completo	*1 litro*	*33* »
Leite em pó	*1/2 chávena*	*35* »
Yogurte	*1 litro*	*33* »
Queijo	*100 gramas*	*12* »
Queijo branco	*3 colheres*	*10* »
Queijo creme	*1 colher e meia*	*8* »
Ovos	*1*	*6* »
Sopa-creme	*3/4 de chávena*	*4* »
Peixe	*100 gramas*	*12* »
Ostras	*100 gramas*	*6* »
Atum	*100 gramas*	*12* »
Amêndoas	*10*	*2* »
Amendoim	*2 colheres*	*8* »
Noz	*1/2 chávena*	*8* »
Feijão	*1/2 chávena*	*8* »
Soja seca	*1/2 chávena*	*51* »
Trigo	*1/3 de chávena*	*3* »
Lentilhas	*1/2 chávena*	*9* »
Ervilha seca	*1/2 chávena*	*7* »
Ervilha verde	*1/2 chávena*	*5* »
Batatas	*1 média*	*3* »
Levedura seca	*1 colher*	*18* »
Cevada cozida	*1/2 chávena*	*8* »
Pão completo	*1 fatia*	*3* »
Macarrão	*3/4 de chávena*	*3* »
Farinha de aveia	*1/2 chávena*	*3* »
Arroz	*3/4 de chávena*	*3* »
Germe de trigo	*1/2 chávena*	*24* »
Esparguete	*3/4 de chávena*	*3* »

Sopa de atum fresco

Coze-se o atum em água simples. Faz-se um refogado de cebola picada, alhos, salsa e um pouco de margarina e azeite; quando está louro, deita-se a água da cozedura do atum; deixar ferver durante dez minutos e passar por um passador. Deitam-se três ovos batidos, liga-se tudo e leva-se ao lume deixando ferver um pouco. Vazar sobre uma terrina com bocados de pão. Deve desfiar-se o atum e deitar na sopa.

Coração de vaca estufado

Corta-se o coração em fatias grossas, cada uma das quais se lardeia separadamente. Põem-se as fatias numa vasilha e temperam-se com alhos, sal, um pouco de pimenta e salsa. Cobre-se com bom vinagre branco (ou vinho) e deixa-se repousar oito horas. Escorrem-se então as fatias, põem-se num tacho com toucinho em tiras finas e salteia-se durante quinze minutos em fogo forte. Depois disto, colocam-se as fatias por camadas numa vasilha de loiça, alternando-as com cebolas pequenas e dentes de alho; cobre-se com o liquido em que marinaram, com todos os temperos, acrescentando com vinho branco até cobrir. Tapa-se e leva-se ao lume ou ao forno, até cozer bem. Passa-se o molho e serve-se bem quente, com couve-flor gratinada.

Couve-flor gratinada

Coze-se a couve em bocados grandes; colocam-se os bocados num prato de ir ao forno. Deita-se margarina, queijo ralado e pão ralado. Aloura-se.

Fatias rápidas e doces

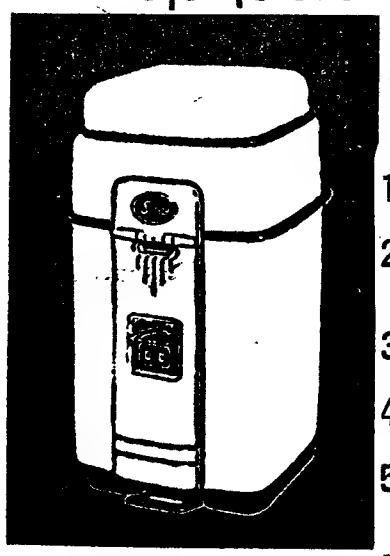
Faz-se uma calda com pouco ponto; cortam-se fatias de pão de forma da grossura de três centimetros, passam-se por gemas de ovos e deitam-se rápidamente na calda, voltam-se e retiram-se. Colocam-se numa travessa ou em pratinhos, polvilham-se com canela e, querendo, com amendoa passada pela máquina.

Tive

muitas razões para escolher uma

SERVIS

Hoje falarei apenas da



Comodidade..

1.º A SERVIS aquece *automàticamente* a água enquanto lava.

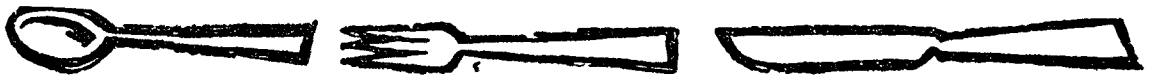
2.º Lava, enxagua e pára *automàticamente*, apenas comandada por um despertador.

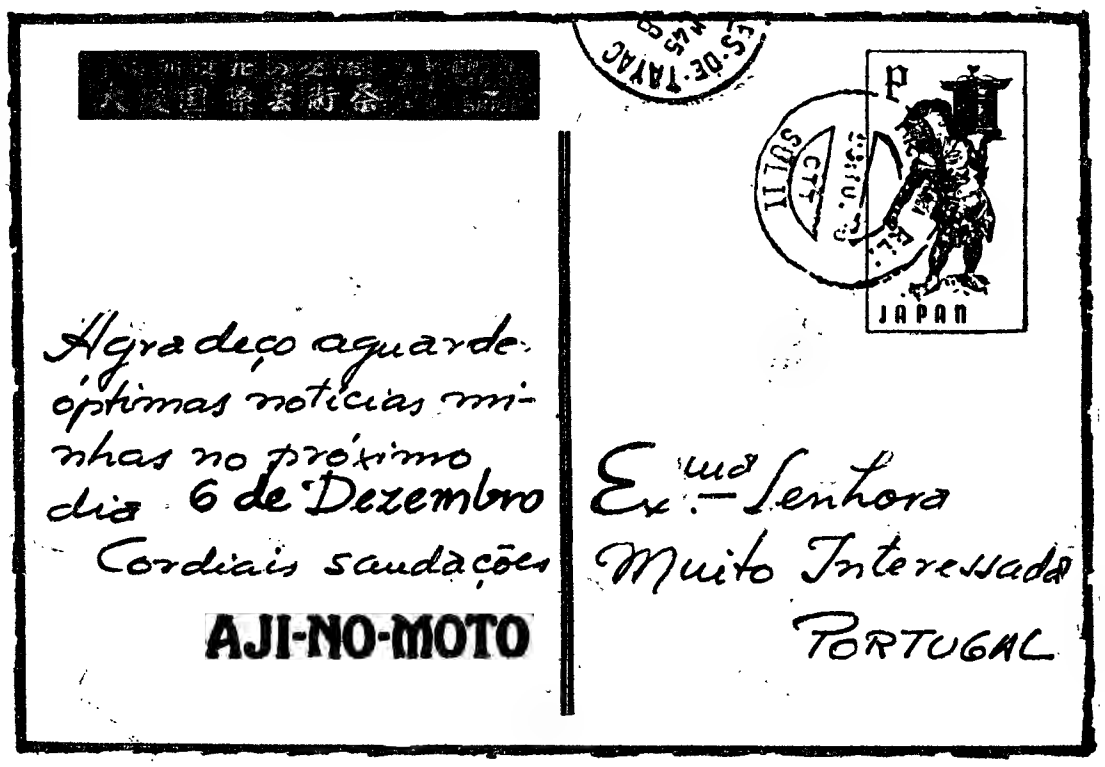
3.º A sua bomba esvazia o tanque *automàticamente*.

4.º O expremedor eléctrico passa a roupa *automàticamente*.

5.º Desliza sobre rodizios como se fosse uma pena, o que permite deslocá-la sem esforço.

Eu comprei a *minha* SERVIS na





GANHE 100$00

com um sorriso nos lábios

«ESPOSA PERFEITA É AQUELA QUE, AO PEDIR AO MARIDO UM CASACO DE PELES, ACABA POR CONCORDAR COM ELE QUE O QUE PRECISA É DE UM GUARDA-CHUVA» — eis uma definição que vale bem os «cem escudos» e o «sorriso nos lábios».

O vencedor desta semana, o sr. Vítor Gomes Nunes da Silva (Largo João Vaz, 5, 1.º, Dt.º, Lisboa-5) para reforçar a sua candidatura ao tal sorriso embrulhado na nota de CEM, ainda nos enviou esta definição:

«Esposa perfeita é aquela que, ao ver o marido entrar em casa ás três horas da manhã, se deixa convencer que são três horas da tarde».

Está portanto assente que a «Mulher Perfeita» é um anjo. Que ela agradeça a nomeação ao sr. Vitor Nunes da Silva. Claro que os restantes concorrentes não navegaram nestas mesmas disposições. Tenho muita pena de hoje me reservarem muito pouco espaço para publicar todos os que merecem o «sorriso» própriamente dito (quer dizer: o sorriso dos que vêem os CEM a caminhar para os bolsos de outro felizardo).

Diz o sr. Carlos dos Santos Cruz (Lisboa), e eu não contesto, pois não sou Desmancha Prazeres, que:

«Mulher perfeita — a minha» (na opinião dela, claro).

O nosso prezado leitor quer com isto dizer que as opiniões se dividem. Está certo. O sr. António Rodrigues Castelhano (Lisboa) transformou a «Esposa Perfeita» na «Sorte Grande» em bilhete inteiro da Lotaria:

«E' a esposa que pertence a um só marido e é cobiçada por todos».

Mas há aqui um bocadinho de exagero. Cobiçada por todos? E não houve ainda um crime?

O sr. Carlos de Miranda (Alto de Santo Amaro) ganhou verdadeiros direitos a diplomata de carreira com esta definição, que tem a vantagem de contentar ambas as partes em litigio (não falo das partes gagas):

«Esposa Perfeita é a mulher de um homem perfeito».

Agora uma notícia de necrológio com data de 1850, que nos envia o sr. Virgilio Duarte Ribeiro (Lisboa):

«a esposa perfeita é aquela que morre em plena lua de mel, porque só essa deixa saudades e só a essa se exaltam virtudes e se negam defeitos».

R. I. P. — P. N. A. M.

De Arruda dos Vinhos (sr. Evaristo dos Santos Marques) chega-nos este delicioso pedaço das «Memórias de um homem de 60 anos»:

«Esposa Perfeita é aquela que nos mantém em perfeito estado de... mantem em perfeito estado de... conserva».

E nós fazemos votos para que seja por muitos anos.

Claro que tudo tem fim; eu gostaria de publicar mais provas dos candidatos que passaram o exame do «sorriso nos lábios», sempre muito menos do que os que ficaram com o «sorriso amarelo»; não havendo espaço para mais, fecho o circuito de hoje com duas definições: a do sr. Pedro Alves de Carvalho (Figueira da Foz), altamente filosófica, e a minha (fora de concurso):

«Esposa Perfeita é um multiplicador que não faz operações com um quebrado» (sr. Pedro Carvalho).

«Esposa Perfeita é uma «blas... fêmea».

Espero ter tido imensa graça com a minha definição...

Para a próxima semana teremos a concurso a palavra

ANJO

As definições devem estar em «MAGAZINE», Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao próximo dia 9 de Dezembro.

Para quem, como eu, passou dois meses de férias naquela aldeia piscatória, é sempre grato voltar a encontrar amigos e conhecidos: os eucaliptos da beira da estrada, as acácias verdejantes, os meninos sempre na pedincha, os lobos do mar, que deixaram por lá os dentes e agora fumam a sua cachimbada sentados na areia ou no alegrete do caminho.

Tenho dificuldade em ligar-me com estes meninos, eu. Eu, de-quem os meninos tomam conta logo ao primeiro sinal. Com estes meninos terrìvelmente amadurecidos por dentro, de feições severas e de voz dura como se estivessem sempre em vias de proceder a um julgamento, onde seriam eles os juizes e nós os reus.

Não os vejo brincar nunca. Acabam o peditório e ficam para ali, encostados ao banco em que os homens discutem, ou sentados no rebordo do passeio, de cara apoiada nas mãos, meditando.

Fecham-se, se os interrogamos. Não dizem quantos irmãos, nem como é a casa, se a mãe e o pai lhes batem (minuto: aqui dizem muitas vezes que sim, com a cabeça, nervosamente), nem o que comeram ao almoço. Por sistema encolhem os ombros e tornam á lenga-lenga da esmola.

Em breve, canso-me. Vou por ali fora, na rua principal, onde está o velho quase cego, de rojo. Deito o óbolo do costume e a conversa do costume. Que o velho, aliás, parece ter mais em conta do que a moeda.

Diz-me que não teve nunca outro caminho senão o mar. Começou a ir á sardinha aos sete anos — e só deixou o leme aos setenta anos. Tem uma filha, mas «o senhor sabe, isto da vida custa a todos».

Apesar de pedir esmola está bem arranjadinho, um barrete novo que lhe ofereceram pelo Natal, as calças com remendos muito certinhos, os sapatos usados, mas, de qualquer forma, sapatos.

Não me sinto envergonhado por contribuir de quando em quando, para a manutenção do velho com uma moeda insignificante. Não. É da minha família e quem há-de cuidar de nós senão a família? Mas quando, em Agosto, via, as madamas ricaças, descer do automóvel e pousar o dinheiro no barrete escuro — sentia pena dele, e de mim.

Manias. O velho não se importava. Agradecia da mesma forma, recolhia ávidamente o dinheiro. Nunca lhe ouvi uma palavra de revolta. Isso aflige-me, porque não confessá-lo? Precisa de estar em bem com Deus e com o diabo, mas não é por isso. É assim mesmo. Adivinho que foi sempre assim, conformado.

E isso é o que, verdadeiramente, me aflige. É bom, para merecermos o nome de homens, que nos revoltemos sempre contra qualquer coisa.

Mesmo que não valha a pena.

* * *

Nem tempo para almoçar. A gente, diz, filosóficamente, suspirando: «É a vida!». A vida...

Bem, de qualquer forma, nem tempo para almoçar. Uma saída rápida da redacção, um bar aqui perto. Sande de fiambre, uma cerveja...

Não eu só. Muitos que não têm tempo nem para comer. A luta. A balburdia. A vertigem...

Olho em volta. Este, á minha ilharga, parece estrangeiro. Louro, olhos de um azul irreflectido, infantil, um azul de lacinho no cabelo...

Toca-me com o cotovelo, sem querer. «Pardon» — diz, com uma mesura exagerada. Digo, tanto em inglês quanto sou capaz, que não tem de quê, embora tivesse. A cerveja espingalhou-me o fato, a gravata. Fico preocupado, sem saber se deixa nódoa ou não.

Depois foi a conversa amável de duas pessoas que, de repente, se descobrem amigas. É sueco, veio aí para uma fábrica não sei de quê. Máquinas de costura, se não estou em erro. É um técnico.

Perguntei-lhe se gostava de Portugal. Hesitou. Pensava em ouvir o costumado «yes», «yes», do turista recheado de dólares para quem tudo caminha no melhor dos mundos desde que, evidentemente, continue a ter dólares para gastar.

— Bem, por um lado... — e esforçava-se por encontrar na lingua estranha a palavra onde estivesse o seu pensamento. Não encontrou. Por fim, resolveu-se a tomar por outro caminho:

—Sabe? Acho vocês... como direi... muito tristes. Estou aqui há meses e ainda não vi, na rua, uma unica pessoa rir. Nós *lá* somos muito mais expansivos, «Les portugais sont toujours gais», onde está o erro?

É difícil explicar a este amigo, pois começa exactamente por ser difícil explicar a mim mesmo. Até porque nunca avaliei o problema. Não somos alegres.

Bem, talvez nos falte o tempo. A alegria precisa de repouso, de descontracção, para ser saboreada. Tal como a felicidade...

Tal como esta sanduiche de fiambre e este copo de cerveja que, de tão rápidamente devorados, não deixaram o menor rasto na minha imaginação.

Novos e velhos

(Continuação da 3.ª página)

autor da «Antígona», da «Electra», do «Rei Édipo», obras-primas da literatura universal, morreu com 90 anos.

Impossível hoje falar em arquitectura sem trazer imediatamente á baila o nome de *Carbuser*. O grande criador das «cidades radiosas» encontra-se presentemente em Bagdad, não a passar férias (absolutamente merecidas com os seus 70 anos), mas a trabalhar. Dirige a construção de um estádio de 50 mil lugares. «Parar? Não me falem nisso. Ainda agora estou no princípio...».

Verdi — o da «Traviata», «Aida», «Otelo», etc., criador de melodias que o povo sabe de cor, entregou a alma ao Criador em 1901 com 88 anos de idade. E sempre activo. Porque pode parar aquele que compõe musica; mas não o que é composto de musica.

Nesta galeria de feições amadas há, bem o sabemos, faltas imperdoáveis. Duas nos vêm á memória: *Bernard Shaw* e *Tolstoi*.

Novos ou velhos, aumentaram a riqueza humana. Merecem a nossa gratidão.

escudo da catana de lata para esconder a mísera cobardia. Embora fosse do mais fino aço, esta de agora nem por isso deixava de ser uma desprezível catana.

«Compreendo! Finalmente, compreendo! Armado em «Pica-Chouriços!»

E assim que a verdade me saltou á vista, cobriu-se-me a cara de vergonha, como no dia em que o maltês, na loja do Porfírio, me mostrou as redondezas desnudadas.

Foi então que o ódio trasvasou — reprimido coco estava há dezenas de anos. Ódio que era simultaneamente um sentimento de confiança ludibriada, por me terem enfiado um barretaço de todo o tamanho.

Em face da vida há apenas duas atitudes, ambas e unicas válidas e legítimas: uma, vivê-la físicamente, mergulhando, para tanto, na torrente dos acontecimentos e considerando-se o próprio indivíduo uma das suas moléculas; a outra, é postar-se na margem e assistir ao deslizar da torrente, recriando a vida numa elaboração subjectiva.

Eu adoptei esta atitude e criei o meu mundo. E tudo quanto fora criação do meu espírito este encontro pulverizou.

«Poltrão! — murmurei, de dentes cerrados — Rapaziadas, hem!».

Seguidamente, mergulhei-lhe o olhar no fundo das pupilas (olhos macios, caramba!, donde desaparecera o inesquecível fulgor do metal temperado), e disse-lhe, enraivecido:

«Queira perdoar-me o engano. Conheci em garoto, com efeito, alguém que dava pela alcunha de «Finezas», mas seguramente não é o senhor... como é que é?... João Pereira? O «outro» tinha uma figura delgada, enxuta, viva. Parecia uma pacaça. (Respirei profundamente). «Equivoquei-me!»

E virei-lhe as costas.

Digam lá que uma tempestade não pode rebentar num copo de água!

Andei pelo cais, desaustinado, ás cotoveladas á multidão, resmungando impropérios, de todo insofrido, como criança mimada a quem tivessem dito que não podia agarrar a Lua.

De repente, senti o corpo esmagado nuns braços possantes e uma voz desconhecida bradava-me junto dos ouvidos:

«Muito gosto em conhecê-lo, irmão!»

Era o meu cunhado.

Fiquei perplexo. «Em que circunstancias já um outro sujeito se mostrara molestado por lhe terem dirigido este fraternal tratamento?»

V

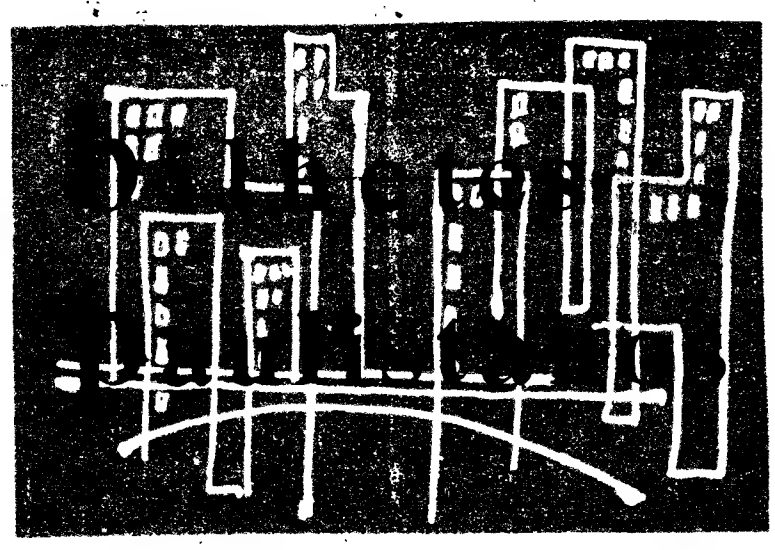
DIGAM lá que uma tempestade não pode rebentar num copo de água!

Inesperadamente, recebemos a notícia de que o irmão da minha mulher chegava aí. Eu nunca o vira. Sabia, vagamente, que era um colono matuta, possuidor de largos cabedais. Lembro-me também de um postal ilustrado, do mais reles gosto, que nos enviara por ocasião do casamento. Os bonecos grotestos aludiam á felicidade do matrimónio. Pois apesar disso cheguei a duvidar da sua existência real, de tal modo eram abracadabrantes as façanhas que a irmã, por hábito e para me aliviar da fadiga acumulada no escritório do «Pisa-Flores», todas as noites me impingia com transbordante cópia de pormenores. Façanhas incríveis de um novo Robinson. Algumas vezes desejei interromper a torrente do palavrório para inquirir de que fonte e porque meios chegaram tais factos ao seu conhecimento. Impossível! A cantilena entorpecia-me a vontade. E daí a pouco estava ferrado num sono profundo.

Como era de prever, seguiu-se um período de azáfama: uma serva a dias veio para o desencasque e arrumações mais pesadas, além de tarefas miudas do mesmo género. Transformamos a saleta de estar em quarto de dormir: um divã de sessenta mil reis, uma cómoda comprada á ultima hora num ferro-velho e diversas bugigangas que davam ao aposento um ar sertanejo. Agradou-me o arranjo.

Enfim, no dia da chegada, uma terça-feira por sinal, apresentei-me no Cais á hora fixada, de terno de alpaca azul e camisa de popeline ás riscas. Duas inovações na minha indumentária: um lenço amarelo, farfalhudo, no peito; um botão de rosa na botoeira. Extravagancias da minha mulher!

Pois bem! Aproximava-se o paquete da amurada, numa lentidão enervante, e começava o povoléu, impaciente no cais, a acenar com os lenços e a «reconhecer» as silhuetas postadas nos tombadilhos (segui a corrente de opinião e esforcei-me no reconhecimento; confesso não ter enxergado mais que umas manchas claras, que tanto podiam ser de gente como de



IONESCO E O ABSURDO

por MIGUEL URBANO RODRIGUES

SÃO Paulo (Novembro) — O Teatro é, nesta cidade, uma coisa muito séria. Tão séria que há grupos amadores estrangeiros que se apresentam regularmente. «Le Strapotin», que vimos agora pela primeira vez, no Teatro de Arena, é um conjunto que se deve ao amor da colónia francesa pela arte de Talma. Os seus membros, todos jovens, não vivem da cena, nem pensam consagrar-se a ela. O que, note-se, não os impediu de presentearem, o ano passado, o publico paulistano com a melhor montagem e interpretação de «La P... Respectueuse», de Jean Paul Sartre, atN hoje apresentada

O espectáculo a que assistimos não nos impressionou, no entanto, nem pelo equilibrio, nem pelo critério que presidiu á elaboração do programa. Quencau, Courteline e Ionesco são demasiadamente incompatíveis no tempo e nas perspectivas para que na mesma «troupe» os possa oferecer ao publico na mesma noite. A problemática burguesa de Courteline de «La paix chez soi» principia por não interessar uma plateia dos nossos dias; os «Exercices de Style», de Raymond Quencau são, antes de mais, um exercício de virtuosismo cénico e como tal mais válidos como ensaio de bastidores do que como realização teatral acabada. Resta-nos «La Leçon», de Engène Ionesco.

A simples ideia de revelar ao Brasil um autor cujas obras constituem um universo teatral á parte, é, já em si, altamente meritória. A escolha da peça não poderia, também, ser mais feliz, nem mais expressiva da maneira de Ionesco. «La Leçon» é uma experiência teatral em que o Absurdo está presente da primeira á ultima réplica. Tudo é desproporcionado em cena, tudo se situa á margem do esperado, do aceitável, do lógico: a puerilidade dos problemas a alucinante seriedade com que se debatem temas pretensamente científicos em linguagem fantasista; a inumanidade humanissima dos personagens. Contudo, é da própria inutilidade de «tudo» que «tudo» se encadeia de uma forma diabólica, ainda que sem sentido oculto. Cada palavra, por mais inadequado que seja o seu emprego, ganha uma personalidade própria, um valor fonético e musical, insere-se no jogo gramaticalmente perfeito e dramáticamente absurdo de Ionesco, preparando o espectador para o desfecho. Como diz, e bem, Jean Luc Descaves, o director de «Le Strapotin»: «E' o movimento orquestral da frase e do período que contém e exprime o pensamento e a acção «reais»; é este contraponto paralelo e independente, que elabora e amplia o tema verdadeiro...».

O texto opõe duas espécies de estupidez muito semelhantes: a do professor e a do aluno. Ionesco oferece-nos a radiografia de uma aula igual a todas as aulas, o drama monstruoso em que intervêm o que ensina e o que aprende. Às gentilezas iniciais, a timidez da discípula e a gravidade do mestre caem para só ficar gravada na memória do espectador a noção do absurdo da cultura e dos abismos de ódio e erotismo que separam e aproximam professor e aluna. Robert Srour e Elisabeth Fischbach, os dois jovens que atravessam brilhantemente o longo e espinhoso diálogo demonstraram ter compreendido todas as intenções do autor.

MAGAZINE AGRADECE — SUGESTÕES E CRITICAS

A CONQUISTA DO CÉU

(Continuação da 1.ª página)

não centenas, de toneladas. Imaginem a potência do motor e a quantidade do combustível necessárias para esse efeito...

Na realidade, o poder de gravidade vai diminuindo á medida que nos afastamos da Terra. Quanto mais avançamos, mais fácil, se nos torna vencer a força da atracção. Eis aí por que o esforço necessário para lançar o peso de 1 quilo até á Lua é 60 vezes inferior e equivale a 6,5 milhões de quilogrametros. Este esforço poderia ser comparado ao de um guindaste que deslocasse o peso de 630 toneladas á altura de 10 metros — perfeitamente ao alcance da ciência moderna.

Eis a importancia que assume para nós a diminuição da força da gravidade, conforme nos afastamos da Terra. A velocidade indispensável para vencer a «couraça de atracção» como lhe chamou um pioneiro da astronáutica é, como todos hoje sabem, 11,2 quilómetros por segundo, ou seja 40.000 quilómetros por hora.

Obtida ela (e temo-la perfeitamente ao nosso alcance) será uma brincadeira de crianças atingir a Lua. Mas a chegada á Lua não é mais do que a primeira etapa, a mais simples. O homem começa a deitar as vistas para os outros planetas do nosso sistema solar — e de outros sistemas solares.

Aventura verdadeiramente incrível, como veremos em próximos artigos, mas também incrivelmente verdadeira...

MANUEL SALGUEIRO

Para não perder uma das leituras mais empolgantes da sua vida

leia

(não pode deixar de ler)

«O OUTRO EU»

Novo romance de DAPHNE DU MAURIER

a autora de «Rebeca»

Edição de Livros do Brasil

roupa da marinhagem estendida ao Sol), quando esbarro de ventas com um sujeito especado na minha frente. Estaco por meu turno, dou dois passos á rectaguarda e arregalo os bugalhos.

«Com os diabos!»

Fixo o homem com impertinente atenção, os nervos crispados, um suor frio a cobrir-me o rosto, o coração a bater descompassadamente.

«Uma alucinação dos sentidos, sem duvida, perturbados pela ansiedade da espera!» — pensei.

Com efeito, a altura e as adiposidades estavam longe de corresponder ás dimensões que religiosamente guardava na memória. Mas eis que o indivíduo franze os lábios — um trejeito típico que vinha lá dos confins da minha juventude —, e desfizeram-se as duvidas. Era ele.

—«Finezas» — gritei.

O homem avançou os dois passos que eu tinha recuado, as mãos nos quadris, uns olhitos piscos de miope, e interpelou-me com brutalidade:

«O cavalheiro conhece-me?»

«Hom'essa! Com mil raios que te partam! — respondi, sem ligar importancia ao manifesto azedume. Há qu'anos não te via! O cabecilha das nossas purrias!; o campeão da fisga que com seis pedras escaqueirava outras tantas canecas no cimo do mais alto poste!»

A' medida que ia falando e depois de me ter calado — fenómeno curioso! —, as mil e uma recodações que estavam amortalhadas nos refegos do inconsciente, desembaraçavam-se com viveza dos limos que as prendiam e as desfiguravam, e subiam á tona. O assalto á Quinta do Boa-Alma, a sessão de espiritismo por detrás do cemitério... um nunca mais acabar.

Entusiasmado pelo imprevisto encontro, não me apercebia da estranha atitude do meu interlocutor. Realmente, o sujeito mantinha o mesmo semblante de desconfiança. Manteve-se calado um tempo, inspeccionando-me. Franziu o sobrolho, por fim, e disse:

«Não me lembro do senhor!»

«O Policarpo, homem! — interrompi, acrescentando num cicio de pudor —, o «Corpo-Sem-Alma», lembras-te «Finezas»?».

Esperei angustiado pela sua reacção.

«Tenho a certeza de que é a primeira vez que o vejo. De facto, nos meus tempos de rapaz tratavam-me de «Finezas», nunca soube porquê. Coisas do passado. Rapaziadas! (Ah! o desprezível gesto de enfado com que reforçou a insolência!) Olhe, chamo-me Pereira, João Pereira para o servir».

«Pereira!»

Olhei para o farrapo que tinha diante de mim como despreza da minha almá dilacerada.

«Bandido! Com que então rapaziadas!»

Percorri minuciosamente as camadas de banha que cobriam o que fora um esqueleto esgalgado. (A primitiva euforia dando lugar á má disposição, transformando-se em irritação, em desespero). Reparei na farda apinocada, no ridículo chapéu de pala com enfeites de latão, cobrindo-lhe a cumieira. Pendentes do cinto grosseiro, o coldre e o chanfalho.

«Por que demónio — cogitava eu —, deitara fora o «Finezas» a sua fisga certeira, substituindo-a por aquele estojo de couro?»

O mais chocante para mim, era o uso do chanfalho — um vexame á dignidade viril. Desde gaiulo, criara a ideia de que apenas os «fraquinhos» — o «Pé-de-Chumbo», eu e tantos outros — necessitavam do ilusório

Ó VIVA DA COSTA!

UM ASSUNTO POR SEMANA

por STUART

— Que linda pescadinha !
— Que feio charroco !

— Gostas mais do gato ou de mim ?
— Gosto mais do gato... Arranha menos...

— Enganaste-te no numero da porta... Farta de peixe ando eu !

— Andas à pesca ? Olha que pr'aqui vens mal !...

A alegria e a saúde começam com a pasta DEX-CREME

PAGINA DA

PERGUNTE para saber

Dona de casa — Para obter uma boa cera que tornará brilhante as tábuas do sobrado proceda da seguinte maneira: derreta ao lume vinte gramas de carnauba, duzentos e cinquenta gramas de cera amarela e trinta gramas de parafina. Quando tudo estiver bem derretido apague o lume ou vá com a vasilha para muito longe dele. É melhor mesmo ir para outro aposento. Misture, então, aos produtos derretidos um litro de aguarrás, mexa bem e deite a mistura, ainda quente, em latas. Depois da cera ter arrefecido tape as latas com as tampas para melhor a conservar, pois, de contrário, tal como acontece com as pomadas do calçado, a cera, em contacto permanente com o ar, seca, pelo menos na superficie.

BLUSA BORDADA

Para usar com o «tailleur» da meia estação é muito prática uma blusinha de corte camiseiro e sem mangas. Este modelo que lhes oferecemos é de «rioplex» vermelho «ciclamen» bordado, a ponto cretense, ponto de nó, ponto lançado e ponto de cadeia simples, com «filoselle» Ancora branca, vermelha «ciclamen» em tom mais escuro do que o tecido e azul escuro. O desenho do bordado importa em 5$00 e cada amostra explicativa de qualquer dos pontos empregados no bordado importa em 6$00.

O pagamento pode ser feito com selos. A' cobrança, mais 2$44. Pedidos á Página da Mulher, «Diário de Lisboa», Rua da Rosa, 57, 2.º, Lisboa.

TALVEZ NÃO SAIBA

como funcionavam

os Correios no século XVI

Durante o reinado de D. Manuel I, foi estabelecido em Portugal o serviço dos correios por carta de lei datada de 6 de Novembro de 1520.

Os empregados que nos diversos pontos do País faziam distribuições de correspondência, chamavam-se «Mestres da Posta», designando-se por «estafetas» os que faziam a condução a pé e «postilhões» os que dispunham de cavalos.

Com o andar dos tempos veio a «Mala-Posta», o serviço de correios intensificou-se e na época de D. Sebastião o correio-mor ganhava a quantia de duzentos mil reis por ano o que representava uma fortuna.

Em 1768, Lisboa podia considerar-se muito civilizada, pois recebia correio duas vezes por semana! A' sexta-feira entrava na cidade a correspondência vinda da Beira e á segunda-feira era esperada a que vinha do Alentejo e do Algarve.

A «Mala-Posta» entre Lisboa e Coimbra foi inaugurada em 1798. Em 1818 eram já 123 as terras do País que dispunham de um serviço de correios bem organizado.

Em 1878 havia 1250 funcionários dos correios em Portugal e, desde então para cá, a necessidade e o prazer de comunicarem as pessoas umas com as outras fez aumentar consideràvelmente o numero dos carteiros que é hoje, elevadissimo. E, maior não é, devido á facilidade que todos temos de telefonar quando pretendemos comunicar com alguém.

Vestido de «rioplex» verde seco em que a blusa simula um bolero.

A saia tem duas algibeiras late é drapeado com fivela do mesmo te

O chapeu, de grande modernis

Cozinha portuguesa de há 50 anos

O bife à Jansen

A «Cervejaria Jansen» que há cinquenta anos estava instalada na Rua António Maria Cardoso, no local onde, mais tarde, existiu o «Retiro da Severa», foi ponto de reunião de muitos apreciadores de boa musica e do famoso «bife á Jansen». Enquanto o freguês, em silêncio, ouvia um sexteto de bons professores de musica — entre os quais figuravam o violoncelista João Passos e o violinista Caggiani — ia saboreando um bife delicioso que era preparado da seguinte maneira: cortava-se o bife do pojadouro de vaca, dando-se-lhe bastante altura. Temperava-se com sal e alho esmagados e deixava-se em descanso durante algum tempo para tomar gosto. Punha-se no lume uma frigideira de ferro com banha de toucinho fresco picado. Quando a gordura estava bem quente fritava-se nela o bife, deixando-o ficar mal passado por dentro e bem tostado em ambas as faces o que era obtido por uma boa graduação de lume forte. O bife depois de feito era imediatamente colocado numa travessa de loiça bem aquecida, rodeado por batatas salteadas e servido ao freguês sem perda de tempo.

A preparação das batatas também tinha os seus preceitos... Eram cozidas, com a pele, em água temperada com bastante sal e, pelo menos, cinco horas antes de serem salteadas para terem tempo de arrefecer e secar. Enquanto se preparava o bife eram peladas, cortadas em gomos e salteadas em parte da gordura deixada pelo bife e acrescentada com mais uma porção de boa manteiga fresca de Sintra.

A cor fresca das flores criada para si por CUTEX

Pétalas cor de rosa, corais doirados pelo sol, todos os tons rosa imagináveis... cores ricas de jardins primaveris, graças a CUTEX, florescem nos mais lindos lábios na cidade. E o baton CUTEX é mais macio, mais duradoiro... conserva-se ao comer, ao fumar e mesmo depois dum beijo. A sua fórmula à base de creme de lanolina pura, nunca seca nem mancha... conserva os lábios brilhantes, vivos, realmente deslumbrantes de cor duradoura.

Compre o seu baton CUTEX STAY FAST AINDA HOJE — duma paleta colorida como um jardim... com um tom para cada tom de pele, e para cada um dos lindos vestidos que você usa!

PARA BELEZA DURADOURA...

BATON CUTEX STAY FAST

V. Ex.ª deve preferir este famoso aspirador

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS COM GARANTIA E ASSISTÊNCIA PERMANENTE

Meias Christian Dior

A venda nos melhores estabelecimentos

Leiam o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

PRISÃO DE VENTRE

***

A pontualidade intestinal sem cólicas nem acostumação.

Rectónus

Supositórios

À venda nas Farmácias.

PAPELARIA VASCONCELOS

Lindos Papéis de Fantasia e Fitas para Embrulho. Vasta Colecção de Cromos de Natal. Agendas. Albuns. Decalcomanias. Flores Plásticas

Papelaria Vasconcelos

RUA DA PRATA, 270

não as suas per ande e com as me ave aven

DISTRIBUIDORES PARA TODO O

A MULHER

num interessante corte moderno

rais abertas em vertical e o cinto
ido.
o, é de feltro, no tom do vestido.

Receitas de culinária

Geleia de legumes e camarões

Feijão verde cozido em tiras finas temperado com um fio de azeite e sumo de limão; alguns camarões cozidos; tiras de beterraba cozida; rodelinhas de cenoura cozida; tiras de batata cozida e tiras de tomate cru e ervilhas cozidas.

Geleia: Ponha dentro de um tacho 25 grs., de gelatina em pó ou em folhas, cortadas em pedaços, meio litro de água quente, duas rodelas de cebola, dois cubos de caldo «Maggi», uma cenoura grande cortada em rodelas, três talos de aipo cortados em pedacinhos, uma colher de vinho do Porto, uma clara de ovo, raspa de noz moscada e sal. Leve o tacho ao lume e deixe ferver durante seis minutos, mexendo constantemente com uma colher de pau. Coe a mistura por um pano molhado e espremido.

Molhe uma forma e deite fora a água; deite uma pequena porção da geleia no fundo; quando estiver presa ponha uma camada de tiras de feijão verde, deite outra porção de geleia e deite uma camada de camarões, depois outra de geleia e assim sucessivamente, até acabar todos os elementos que preparou. Deve ter o cuidado de distribuir as cores, guarnecendo as paredes da forma para obter um efeito bonito. Se tem frigorifico, fará o trabalho com muita rapidez. Deixe a forma no frigorifico para endurecer. Na ocasião de servir meta a forma durante uns segundos dentro de um tacho com água bem quente, despegue em volta com a lamina de uma faca e volte o pudim para um prato. Pode guarnecer com alface ou chicória.

Pudim de tapioca

Põe-se ao lume meio litro de leite e quando este ferver deitam-se dentro 4 colheres de sopa de tapioca, mexendo sempre para não encaroçar. Deve ferver 20 a 25 minutos. Batem-se á parte 2 gemas de ovos com 1 colher de sopa bem cheia de açucar e junta-se ao creme. Barra-se com manteiga um prato de ir ao forno, mistura-se então tudo com as duas claras batidas em neve, deita-se dentro do prato e polvilha-se de açucar pilé. Vai ao forno e está pronto em dez minutos.

Almondegas de bacalhau

Cozem-se duas postas de bacalhau demolhado e passam-se pela máquina de picar. Tiram-se as côdeas a duas fatias de pão branco e escaldam-se com um pouco de leite a ferver, o suficiente para ficarem embebidas.

Escorrem-se, esmagam-se e amassam-se com o bacalhau picado, temperando tudo com duas colheres de queijo ralado, salsa picadinha, pimenta em pó, sumo de limão e uma gema de ovo.

Tendem-se pequenas almondegas que se vão enrolando em pão ralado, posto numa tijela; anda-se com a tijela á roda e a bola ficará muito mais perfeita do que tendida em cima da tábua. *Não se molham em ovo.*

Depois de todas preparadas fregem-se em óleo.

Pica-se uma cebola bem miudinha e leva-se ao lume num tacho com um pouco de banha; quando está bem cozida deita-se-lhe a água que se julgue necessária para fazer o molho (emprega-se a água em que se cozeu o bacalhau).

Deixa-se levantar fervura, junta-se-lhe uma colher das de chá de farinha de trigo, desfeita num pouco de água fria, e metem-se as almondegas neste molho para ferver, tendo o cuidado de as não deixar espapaçar.

Liga-se depois o molho com duas gemas de ovos, mexendo sempre para não talharem, e, ao tirar, junta-se-lhe salsa picadinha e sumo de limão.

Colocam-se as almondegas num prato fundo, rodeiam-se com puré de batata e deita-se o molho por cima.

A máquina do sono

Médicos e engenheiros australianos estão construindo um aparelho que será chamado «máquina de dormir». Segundo afirmam esses senhores, bastará que uma pessoa se meta dentro desse aparelho para que, passadas três horas de pressões e temperaturas especiais, de lá saia retemperada e pronta para mais um dia de trabalho.

FANTASIAS DO "TRICOT"
CONHEÇA AS ÚLTIMAS NOVIDADES
EXECUTADAS PELA "ORION"
VISITANDO O
STAND HUSQVARNA
RUA ALEXANDRE HERCULANO, 9-A

esqueça
nas
m beleza
as
nture,
ture,
PAIS A. FREIRE GOMES, LDA.

Máquina de TRICOTAR BUSCH
APENAS POR 115$ MENSAIS
CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER "TRICOT"
REPRESENTANTES:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Ldo.
Avenida Fontes Pereira de Melo, 37
Telefs. 59181-2-3 - LISBOA

Eduquemos o nosso filho

Chegou o dia de ir para a escola

— «Quando tu fores para a escola é que vais ver como é... Acabam-se as brincadeiras»...

E a mãe diz isto com voz ameaçadora. E' sempre o mesmo. As palavras variam. Mas o sentido é o mesmo.

A menina fica amuada e temerosa. Porque é que ela há-de ir para a escola? Não quer, pronto. Não quer! Quer brincar e ser feliz. E a mãe bem lhe tem dito, e todos, todos lhe dizem, quando ela teima em não comer ou não obedecer:

— «Quando fores para a escola...»

Não, não vai; será boazinha, mas para a escola é que não vai.

E assim se passa o tempo até que o dia fatídico chegou. A menina chorou toda a manhã e disse que não queria ir. Ao mesmo tempo tem uma certa curiosidade, as meninas que ela conhece também vão, ela quer ir ver como é, mas não quer lá ficar, isso não!

Saem. A sua mãozita receosa agarra fortemente a da mãe; o seu corpito aconchega-se a ela, numa tentativa de protecção.

Chegaram. Outras crianças vêm também, correndo, de vários lados, sózinhas ou com os pais, e desaparecem na porta grande.

A menina treme. Agarra-se á mãe:

— «Não, não, Mãezinha, eu não quero ir...».

— «Que ideia, filha!»... A mãe já não pensa em tudo o que dissera e no medo que incutira com a escola. Empurrando a filha, entram as duas a porta grande. Depois, tudo se passa rápidamente. Uma senhora leva-a, lavada em lágrimas. A mãe sorri e desculpa-se deste «disparate» da filha.

E a porta fechou-se. A menina está agora ao lado de outra menina. Chora ainda. Mais longe, uma senhora olha para ela — é a professora. A menina não gosta dela, odeia-a. Foi ela que a separou da mãe.

A menina a seu lado ri-se das suas lágrima. Também não gosta dela... Quer ir-se embora e não pode. A porta está fechada. A horrível porta! E a menina detesta a escola.

*

Mas não, tudo isto está errado, e eu quero crer que já não é este o quadro que se desenrola nas nossas famílias, no dia da primeira aula. Sobre este feio e defeituoso quadro, tracemos um risco bem negro. Nada é assim, nem deve ser.

A menina está ansiosa. Chegou o grande dia. A mãe quer fazer-lhe as tranças melhor do que é costume, mas não consegue. A menina volta-se, nervosa, incapaz de estar quieta, cheia de curiosidade.

— «Mãezinha, o que é a escola?»

— «O' filha, já vais ver. A escola é o lugar onde vais ter muitas meninas por companheiras. Vais gostar muito delas... Brincarão juntas... A escola é o lugar onde vais aprender muitas coisas, aprender a ler... depois poderás ler sózinha os teus livros. A professora...»

— «Quem é a professora, mãezinha, que faz ela?»

— «E' uma senhora tua amiga, que te vai ensinar muitas coisas. Tu vais gostar dela. E' como que a mãezinha de todas as meninas...»

A menina já está pronta. Saíram. O edifício colorido, de linhas modernas, desenha-se ao fim da rua. A menina vai, ansiosa, pela mão da mãe. Saltita e as suas tranças saltitam com ela. De todos os lados surgem meninas a caminho da escola. As batitas brancas sobressaem na rua iluminada. A porta está aberta e elas entram sorrindo. A menina das tranças chegou com a sua mãe. Despediram-se... e a menina entrou com as outras meninas. Está acanhada, não conhece ninguém... De repente vê a Lili, a vizinha da frente; sorriem. E na aula sentam-se uma ao lado da outra.

A professora fala-lhes com meiguice... elas escutam e sorriem... Como é boa, a professora! E os seus corações abrem-se, prontos a dar amor...

E é este o primeiro dia de aulas. Depois outros virão, e a menina das tranças, juntamente com outras meninas, entrará sempre contente a porta da escola primária. E assim deve ser a impressão que a escola deixa a todas as crianças. Tudo é diferente e mais fácil; depois surgem as alegrias no ensino, a descoberta do desconhecido, as primeiras palavras que se conseguem ler, o interesse que se adquire, a alegria e a espontaneidade infantis que não são abafadas. E em cada novo dia que desponta as crianças vão felizes, porque sabem que sempre e sempre novas alegrias as esperam.

Mas tudo isto será impossível se a criança tiver sido educada num ambiente em que se incute o medo á escola, em que a escola é o «papão» que faz a menina obedecer, ou o meio de «vingança» de que a mãe se serve. Sendo assim, a criança adquire uma predisposição para não aceitar nada, porque tudo é mau para ela, tudo pior do que é na realidade. E em vez de dar amor adquire ódio. Em vez de se abrir fecha-se sobre si própria. Em lugar de ser feliz na escola, é infeliz e torna-se triste.

As alegrias que a escola traz passam-lhe despercebidas; os companheiros, a primeira descoberta da Amizade ficou por conhecer. Torna-se incapaz de dar afecto, porque não é feliz, está contrariada.

Por outro lado, só num ambiente perfeito será possível íntima colaboração entre o professor e os pais, colaboração absolutamente necessária, que torna possível o conhecimento profundo da criança. O conhecimento do seu aspecto intelectual, emocional e físico, mediante o qual tanto os pais como o professor possam actuar com segurança. Que não seja uma colaboração, tal como faz notar Maria Montessori, em que a criança vai de Herodes para Pilatos, e onde se procura apenas a oportunidade de castigar.

O fim da colaboração deve ser sempre e cada vez mais o aperfeiçoamento da criança, desse ser em formação, de que nós seremos os responsáveis no Futuro!

TELMA

Sorria para o seu bebé, fala-lhe com voz calma e carinhosa. Ele não compreende as suas palavras, mas «percebe» que a mãe está contente com ele e lhe quer bem — e isso contribui para que se sinta feliz e em segurança

Concurso dos bocadinhos de oiro

III

João tem seis ou sete anos; é insolente, amuado, exigente. Vende a sua obediência, fazendo pagar em brinquedos ou em bocadinhas de prata as mais ligeiras concessões.

Nos seus momentos de revolta diz que o pai é «mau» e «feio».

Os pais queixam-se; o pequeno é realmente mal educado. Mas o que eles não «vêem» é que se o pai o castiga, a mãe anima o culpado para contrabalançar o desgosto com carícias, chegando a dizer até á criança, num impulso do seu amor cego, para o consolar: «Vem, meu anjinho, vem para o colo da mamã. O papá não é teu amigo; é mau para o menino».

Ou então se a mãe dá uma ordem ou inflige um castigo, o vai mal inspirado interrompe esse castigo ou censura em voz alta a severidade da mãe, sem medir as culpas do pequeno, e, por vezes, até sem saber do que se trata. Não raro acontece que perante uma culpa da criança os pais discutem diante dela e contradizem-se, permitindo um o que o outro proibiu.

Pois não será «obra» dos pais a má educação deste pequeno?

C..... M.. E.....
V..... de C..... e A.....

*

A que livro pertence este trecho e quem é o seu autor? Será sorteada uma assinatura da Revista «Os Nossos Filhos» por todas as pessoas que respondam correctamente. As respostas devem ser enviadas até ao próximo dia 8 de Dezembro para «Diário de Lisboa» — Magazine — Página «Eduquemos o nosso filho» — Rua Luz Soriano, 44.

*

PREMIO — O primeiro «bocadinho de oiro», publicado na página de 15 de Novembro, pertence ao livro «A Criança», da dr.ª Maria Montessori. O prémio coube á sr.ª D. Maria Dulce Santos, da Parede. Parabéns.

Pequena história do casal amigo

Para contar aos bebés e bordar nos seus babetes

4 — **Como trabalham toda a semana e se ajudam um ao outro, quando chega o domingo podem ir passear, tranquilamente. Aqui vão eles muito contentes, no seu passeio: a senhora Pardalica de touquinha, e o senhor Pardalico de chapeu alto. — FIM.**

Consultório das Mães

A minha garota tem 13 anos, é alta e forte. Como no colégio onde anda as companheiras se pintam, ela também já quer pintar-se. Acha que devo consentir?

RESPOSTA:

—Oos problemas educativos quase nunca «começam» quando surgem aos nossos olhos. Vêm de longe, e exigem uma «reparação» que os simplifica e ajuda a resolver, se é conduzida com inteligência e bom senso. As raparigas devem ser educadas, de pequeninas, no culto da higiene, da simplicidade, do bom gosto, da beleza pura e sadia. Deve ensinar-se as raparigas, de muito cedo, a cultivarem e conservarem a sua graça feminina e frescura primaveril. A higiene e a ginástica são dois meios educativos que as mães devem saber aproveitar com superior e esclarecida visão.

Corpo ágil, movimentos graciosos, pele fresca, dentes brancos e sãos, cabeleira e unhas limpas e bem tratadas sem artifícios — é tudo o que de mais encantador se pode encontrar, fisicamente, numa menina, e tudo o que ela nesse campo deve desejar.

O mais, tintas, vernizes, «permanentes», etc., são frivolidades condenáveis em tais idades; porque escondem e prejudicam a beleza verdadeira, fresca e insubstituível da adolescência; porque favorecem uma concepção errada do encanto e das preocupações femininas; porque denotam um desejo extemporaneo de dar nas vistas pela aparência, e outras precocidades lamentáveis que podem deformar para sempre um carácter e prejudicar uma vida.

Veja se ainda é possível, com paciência e persuasão, criar na sua filha os hábitos simples que devia ter cultivado de pequenina.

*

O meu pequenino, de dois anos, tem os dentinhos muito feios, uns com um risquinho preto junto á gengiva, outros com manchas esverdeadas. O que será, e o que devo fazer?

RESPOSTA:

—Consulte, sem demora, um médico dentista, pois só ele lhe poderá dizer a causa dos sinais que os dentes do pequenino apresentam e aconselhar-lhe o tratamento.

A higiene da boca é muito importante, e aos dois anos a criança já pode utilizar uma escova para dentes, pequena e macia. Pode usar para a lavagem uma solução fraca de água e sal:

Sal ..... Meia colher de café
Água ... Dois decilitros

Deve ensinar-se a criança o mais cedo possível a lavar os dentes. A princípio, é claro, a mãe tem de lhe dirigir os movimentos. E' rara a criança que não gosta de lavar os dentes, e ainda se interessa mais quando pode seguir a lavagem vendo-se ao espelho.

Para preparar uma boa dentição é muito importante a própria alimentação da criança. A melhor é, sem duvida, a alimentação materna, com a adição gradual de novos alimentos a iniciar entre os três e os cinco meses, conforme a indicação do médico; e não esquecer também o sumo de laranja e o óleo de fígado de bacalhau, que se começam a administrar depois da 3.ª semana de vida.

O ar livre e o Sol são condições igualmente essenciais para a saude dos dentes.

A partir dos dois anos, a criança deve ir ao dentista periodicamente, para que se corrijam as condições que possam prejudicar a dentição ou reparar defeitos na estrutura dos dentes.

A varíola, a difteria, a tosse convulsa são doenças terríveis que também podem afectar não só os dentes de leite como prejudicar a dentição permanente.

Aqui está mais um motivo para se vacinarem as crianças contra essas doenças durante o primeiro ano de vida, sempre debaixo da vigilancia médica.

Cuidados com os mais pequeninos

Cuidados com os mais pequeninos

Agora, que estamos quase no Inverno, não esqueça que o frio é o grande inimigo dos bebés.

*

Mesmo que o seu bebé seja criado ao peito dê-lhe, a partir dos três meses, os complementos alimentares de que precisa para se tornar mais resistente ás doenças. Oiça a opinião do médico.

*

Não se esqueça de vacinar o seu filho contra a varíola e a difteria.

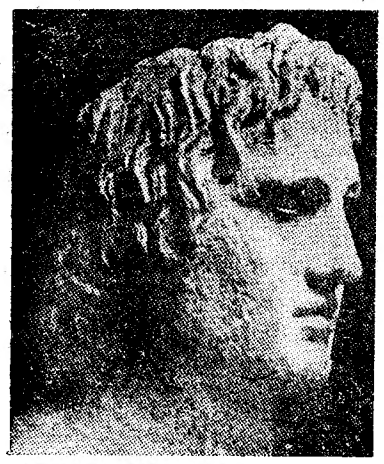
Se o pediatra observar o seu filho periódicamente, o pequenino terá mais probabilidades de gozar uma boa saude. Lembre-se também de que uma doença precocemente conhecida pode ser mais fácilmente debelada.

*

Quando estiver constipada não se aproxime do bebé para tratar dêle sem proteger a boca e o nariz com uma gaze ou lenço fino, a fim de não transmitir a doença ao menino.

Diario de Lisbôa

CONCURSO
GIGANTES DA HUMANIDADE



QUANDO se fala nas suas conquistas extensíssimas, o que mais importa aos historiadores, o que mais importa á civilização e á cultura não são pròpriamente os seus feitos militares, mas as vias novas que abriu á expansão da cultura grega. Quando se fala neste rei da Macedónia, discípulo de Aristóteles, logo se acrescenta aquilo a que ele deu origem: a chamada «*helenização do mundo antigo*». As conquistas militares ruiram mal o cadáver do jovem conquistador estava a arrefecer; e então o que ficou delas? Seus generais esquartejaram o grande império ainda fresco, certos de que nele havia espaço para a ambição de muitos homens. E havia. Nas monarquias assim formadas — *as monarquias helenísticas* — as velhas culturas (egípcia, persa, caldaica, etc.) reverdeceram com o jovem enxerto da cultura grega. É então que surgem novos lares de civilização, como Alexandria: e aí se amplia ou reune o que de melhor produziram os Helenos; desenvolvem-se em novos caminhos a geometria, a matemática, a medicina, a astronomia, geografia; o espírito grego deu então alguns dos seus mais belos frutos. Por isso o nome do general ficou na História como herança positiva, ao passo que a lembrança de Gengis-Cão acorda uma menção de repulsa.

As resposta ao nosso concurso desta semana devem estar no «Juvenil» até ao próximo dia 9 de Dezembro, acompanhadas das habituais informações: nome completo, morada, data de nascimento dos concorrentes (e numero de ficheiro, no caso de já o terem), bem como da menção dos três artigos do «Juvenil» que mais lhes agradaram nesta semana.

Para o melhor trabalho sobre este grande chefe de povos haverá um prémio especial, além dos que habitualmente sorteamos entre os concorrentes.

Textos
Augusto da Costa Dias, Mário Castrim e Manuel Salgueiros
Ilustrações
Tóssan e Figueiredo Sobral

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA

Problemas dos jovens

Um debate a propósito de «Arte ou Não...»

O artigo do nosso jovem Amigo de 16 anos, Rubem Santos «A Arte ou Não...», publicado no «JUVENIL» N.º 80, suscitou concordancias e discordancias. O Amigo N.º 1060, Ramiro Osório, ao mesmo tempo que nos envia um artigo sobre o assunto, escreve que ele e os seus companheiros ficaram muito aborrecidos pelo facto de termos publicado o trabalho do Rubem Santos.

Não estamos de acordo. Tem muito mais interesse que o Rubem escreva francamente o que pensa ou sente, do que dissimular as suas opiniões e sentimentos apenas pelo facto de não corresponderem ás opiniões e sentimentos daqueles que o rodeiam. O Rubem disse francamente a sua opinião; se lhe demonstrarem que está errada, podemos garantir que ele a modificará; a ele ficamos desde já devendo um grande serviço: o de ter acordado nos outros o desejo de discutir um problema «Arte ou Não».

E' preciso não esquecer que os problemas só se resolvem quando estudados e discutidos e que a intolerancia não resolve problema nenhum. O Ramiro Osório aceitará — estou certo — que outros possam ter opiniões diferentes das suas, e que uma compreensiva troca de pontos de vista nos enriquece a todos, nos torna melhores. Os surdo-mudos e os papagaios devem ser uns infelizes; procuremos nós a felicidade que eles não têm.

Publicamos hoje dois artigos de discordancia ao artigo do Rubem Santos. E então queremos agradecer a sua franqueza, a confiança que manifestou em nós, e a bela oportunidade que suscitou, de discutirmos, na boa paz, um problema que tem interesse. Depois, também nós diremos alguma coisa.

Queremos também agradecer ao Eulálio Sérgio o tom compreensivo do seu artigo. Convidamo-lo a escrever para o «JUVENIL», pois as suas colunas permitem... mais: as colunas do «JUVENIL» estão rasgadamente abertas para todos os seus leitores, de forma a que nos sintamos amenamente em conversa, e nunca com a lotação esgotada... — T.

«Os 587» de RAMIRO A. OSÓRIO
(18 ANOS)

VOU tratar hoje do problema da sobrevivência num mundo de quinhentos e oitenta e setes. Dou este numero a todos os jovens ignorantes que não só se não julgam como tal mas também se crêem capazes de corrigir o Mundo. (O numero que lhes dou é em homenagem ao autor de «A arte ou não...» que profundamente me consternou, a semana passada, nesta secção).

Falar de valsas ou «rocks» a propósito de musica é mais do que deficiente. Não vou dizer que Hindemith é melhor do que Mozart, nem o contrário, e muito menos venha um 587 dizer que a valsa é melhor do que o «rock»; trata-se de agrupamentos de notas (da mesma categoria) cujo fim é bater o pé, desta ou daquela maneira. Musica é muito mais.

Dizer que se perdeu o espírito da pintura não é só deficiente. Revela ignorancia, atraso imperdoável e ilógica. Pintura é arte a duas dimensões e nunca como neste século ela o foi mais do que o estar a ser. (Evidentemente para isso contribuiu o aparecimento da fotografia que para aí encaminhou a busca da terceira dimensão).

Se valsar era deficiente e reduzir a pintura pós-impressionista a nada é entre outras coisas, anacrónico, falar de toda a poesia como o fez 587 é um sacrilégio cujo castigo não me atrevo a pronunciar.

Fala-se do desrespeito ás «normas da poesia».

Quando uns senhores barbudos perguntaram a Minou Drouet se sabia fazer alexandrinos, ela respondeu: «O quê? Essas lagartas que precisam 12 patas para se terem em pé? Não. Os meus versos têm asas».

Falar-se de poesia antiga com «graciosa espontaneidade»? Boing! Boing!

Caeiro lamentava o mesquinho trabalho de fazer versos como quem faz uma parede de tijolos, chegar ao fim, ver que não estão certos, desmanchar e fazer de novo.

Talvez fosse util inserir no «Juvenil» uma história da Poesia. Porque milhões de 587s julgam que o verso branco nasceu ontem.

Eu sei que o que digo acima é o já tão repisado choque de Artes em Portugal. Como porém este assunto ainda não tinha vindo á tona do «Juvenil» eu atrevo-me a falar de algo sobre que já estão arrumadas as ideias ou verificada a ignorancia.

E assim o grande problema da sobrevivência surge. Conseguirá este bando de aves cegas fechar o céu que já vimos pintado por Matisse?

(AMIGO N.º 1060)

Amigo 587:

QUANDO lia no passado dia 8 o N.º 80 do «JUVENIL», ao deparar com o seu artigozinho, fiquei julgando que... Bem, que não correspondia inteiramente á verdade. Mas, como pensei que o seu conteudo cultural me pudesse servir de ensinamento, quis esclarecer-me.

Vejamos pois:

Dá, o meu amigo, ideia de que a Arte de Hoje (Musica, Poesia, Pintura) é para os jovens instrumento de decadência. (Eu assim interpretei.) Sei bem que o mundo do século XX pertence á técnica; é a era do átomo e do «Sputnik» e não do Renascimento; porém, vemos ainda exemplos que têm, creio eu, o seu cabimento na arte.

Mas, permita-me, então, analisar aquilo que escreveu.

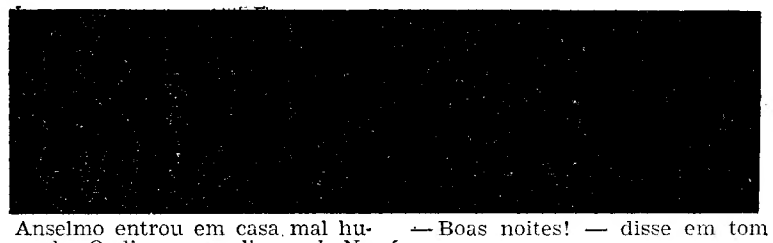
Depois de retroceder uns séculos, *como expõe, comparou um ponto de partida (suponhamos 1500 ou 1700) com o século actual. Daquela época diz:* Na pintura havia ainda o sentido da pintura. *E hoje? Que entende por sentido da pintura?*

Tentou-me perguntar-lhe que entendia também por pintura moderna; as suas afirmações nesse cam-

(Continua na ultima página)

Por
Eulálio Sérgio

vistos pelos jovens



Anselmo entrou em casa mal humorado. O dia correra-lhe mal. Na repartição, onde já estava havia cinco anos, ouvira pela primeira vez, uma reprimenda áspera do chefe. Aquele engano na «folha» não passara despercebido e o chefe dissera-lhe coisas que lhe custaram muito a ouvir e a calar. Como se ele, sim ele, lá por ser chefe também se não pudesse enganar. E o tom de voz autoritário, superior com que o chefe se lhe dirigira não se desvaneceria tão cedo dos ouvidos de Anselmo.

Depois discutira com o Horácio, o escrivão, e cortara relações com ele. Lá por ser Carnaval ele não admitia certas brincadeiras. Para findar servira de alvo na rua a brincadeiras estupidas de certos indivíduos, que não tinham nada que fazer e se divertiam atirando água aos chapeus dos sujeitos que lhes passavam ao alcance. Estivera ainda uma porção de tempo á espera do autocarro e quando este chegara finalmente, vinha completamente cheio, e como tinha pressa teve de ir a pé para casa, uma casa situada lá para os confins do «Inferno» num bairro de renda económica, pois os seus vencimentos não lhe davam para mais.

— Boas noites! — disse em tom áspero.

— Boas noites — respondeu a mulher ainda jovem que arrumava os talheres na mesa da cozinha. — Podes vir jantar Anselmo; já está o comer na mesa.

— Tá bem, já vou!

Anselmo lavou as mãos e dirigiu-se para a mesa. Pegou no jornal e abriu-o numa das páginas enquanto se sentava. O seu olhar percorreu as colunas do jornal. Sua mulher inquiriu:

— Então correu tudo bem?

— Nem por isso — replicou ele — o chefe deu-me um raspanete por causa de um engano e eu estive mesmo para me vir embora. Também não perde pela demora. Assim que achar um lugar bom mudo-me.

— Toma cautela — lembrou a mulher um pouco inquieta. — Lembra-te dos maus tempos que correm.

— Deixa lá. Depois se verá — disse ele pondo fim á conversa, enquanto levava uma garfada de arroz á boca.

De repente o olhar de Anselmo fixou-se numa das páginas. Puxou o jornal mais para si, enquanto murmurava qualquer coisa. Depois pousou-o de novo e cantarolou baixinho. A mulher estranhou-lhe a alegria, perguntou-lhe:

— O que é?

— An? Oh, nada, não é nada — respondeu ele pouco convincente.

Quando acabou de comer levantou-se e foi-se deitar. Sua mulher depois de arrumar tudo imitou-o.

No outro dia de manhã, depois de seu marido sair Teresa deu inicio á lide caseira. Aí por volta das 11 e meia alguém bateu á porta.

— Quem é? — perguntou Teresa enquanto se dirigia para a porta.

— Sou eu, a vizinha do 12 — respondeu uma voz galhofeira do outro lado da porta.

— Ah, a D. Noémia. Faça favor de entrar — e Teresa abriu a porta convidando a outra a entrar. — Então o que a traz por cá, D. Noémia, benditos olhos a vejam!

— Olhe, venho-lhe contar uma partida que fiz. Tem para aí o jornal de ontem?

— Está aqui em cima da telefonia... Ora conte lá D. Noémia, conte lá — e enquanto falava Teresa estendia o jornal á gorda da D. Noémia.

Depois de procurar pelas várias páginas, Noémia apontando com o dedo papudo, disse:

— Ora cá está. Ouça bem. Anuncio. Empregado de escritório pre-

Por
Francisco José Fernandes
(17 anos)

cisa-se com habilitações. Ordenado 3 contos mensais. Resposta ao Rossio, 14, telef. 32420...

Teresa atalhou:

— Mas, D. Noémia, isso não é nada de extraordinário. Todos os dias vêm anuncios desses. Só o que é de estranhar é o ordenado. Quem será a pessoa que oferece 3 contos por mês?!

— Pois sou eu! — respondeu Noémia enquanto sorria com ar infantil.

— A senhora!? — Teresa olhava a vizinha espantada, sem atinar com o motivo daquela liberalidade. D. Noémia nunca tivera escritório pois apenas tinha uma pequena «tasca» e segundo diziam as vizinhas vivia com dificuldades.

— Apenas há uma pequena diferença — continuou Noémia — é que não preciso de empregados de escritório lá para a minha «loja».

D. Noémia dizia sempre «loja» quando se referia á sua taberna, talvez por capricho.

— Mas... cada vez compreendo menos D. Noémia — retorquiu Teresa aparvalhada.

— Ouça e não interrompa D. Teresa. Como sabe estamos no Carnaval e isto foi uma partidinha das minhas, compreende? Fui eu que mandei publicar este falso anuncio.

Entre espantada e sorridente, Teresa inquiriu:

— Mas se lhe aparece alguém? Sim, e deve aparecer, pelo ordenado...

— Pois saiba que já me telefonaram a oferecer-se e eu aceitei um. Quando ele vier ter comigo digo-lhe que afinal já tenho «empregado», ah, ah, ah... — respondeu prazenteira D. Noémia, enquanto ria descaradamente.

— Boa partida, sim senhora, ah, ah, ah... — riu também Teresa.

Trim, trim.., Trim, trim... Trim...

— Desculpe D. Noémia — e dizendo isto Teresa levantou-se e ainda com um sorriso a pairar-lhe nos lábios atendeu o telefone.

— Estou, quem fala... Ah és tu, Anselmo, alguma novidade?

— Ouve, querida. Acabo de me despedir da repartição. Já tenho emprego. Empregado de escritório com um ordenado de 3 contos por mês, 3 contos, estás a ouvir. Li ontem no jornal o anuncio e há pouco telefonei para lá. Aceitaram-me. Até logo querida. E sem lhe dar tempo para falar desligou.

Teresa ficou especada no chão com o ascultador na mão. Parecia-lhe que tudo lhe andava á roda...

AMIGO N.º 856

Ainda este ano...

A acção decorre no Ano de Graça de 1640, fins de Novembro. Onze Portugueses interessados na rebelião que se prepara reunem-se a volta de uma longa mesa repleta ainda de vitualhas. Quando o pano se levanta, fala, de pe, um orador que sabemos ser João Pinto Ribeiro. Não se ouve o que ele diz antes que o narrador, surgido no angulo do palco, diga as suas razões.

Peça em um acto, por
MÁRIO CASTRIM

NARRADOR

Amigos! E' bom lembrar
nos passos do dia a dia
os motivos de alegria
que, se andamos no alto mar,
servem de amparo e de guia.
Um de Dezembro... Quem há-de
deixar que, frio e sózinho,
passe na mor humildade
facho que em nosso caminho
acendeu a liberdade!
Ah, se a Terra maternal
teve de nossos avós
braço, amor, vida total,
que o amor a Portugal
prossiga a raiz em nós!

CENA I

(Os conspiradores)

JOÃO PINTO RIBEIRO
Senhores! Tendes ouvido
segundo prova que fiz
de como não faz sentido
ver este nobre País
subjugado, vendido.
Ah!, quem não lhe doi o travo
de ser escravo
escravo sem alma nem voz
e no próprio chão sagrado
levantado
por nossos altos avós!
O povo a cabeça ergueu...

MACHADO
Que eu saiba, nunca a baixou...

JOÃO PINTO RIBEIRO
Evora já nos mostrou
que a Pátria não morreu.
Dormia só; e acordou.

FRANCISCO DE MELO
Acordámos nós, senhor!
Tanto dano, tanta dor
tantas misérias e afrontas!
A' História devemos contas...

ANTÃO VAZ
A História nos julgará.

JOÃO PINTO RIBEIRO
Esperemos, pois. Até lá
que se esforce cada qual
por pagar a Portugal
dívidas que com ele há.
Esse momento ora veio.
O rei estrangeiro (sei-o
por esculcas que hei lá fora)
vai muitos de nós agora
mandar para Espanha. Receio
que El-Rei vendo que começa
a tomar corpo a serpente
da rebeldia entre a gente
pense torná-la impotente
arrancando-lhe a cabeça
pois não tem poder na alma...

VOZES
Pois é isso mesmo! E' isso!

MACHADO
Calma, meus senhores, calma.
Não façamos caso disso
que el-Rei nos faz bom serviço.
E' mau sestro dos barões
pôr maldosas intenções
na mente do soberano
que por nossas ambições
sempre sem repouso vela.
Se quer levar-nos á bela
terra de alta condição
não é por nada senão
por nos dar a provar nela
o bom vinho de Castela... *(risos)*

CONDE DE VIMIOSO
A língua deste Machado
é piór que a garra adunca
do machado mais provado...

MACHADO
Que quereis! E' o gume afiado
que ao povo não tiram nunca...

JOÃO PINTO RIBEIRO
Sabe pois quem nisto mete
a sua honra e seu braço
a quanto se compromete
a que hora e a que espaço
sobre o Terreiro do Paço
lá no dia Um há-de ir
e qual o plano a seguir
para ter pelos cabelos
o Miguel de Vasconcelos
que não vê onde fugir.
E agora, amigos! Esperança!
Viva o Duque de Bragança!

TODOS
Viva!

MACHADO
E o duque aceitará?

JOÃO PINTO RIBEIRO *(mostrando um sobrescrito)*
O plano que aqui está
aceita-o, tenho a certeza.

CENA II

(Os mesmos mais o criado)

CRIADO
Senhor... Digo a Vossa Alteza
que a Ronda vem, sobe a escada...

FRANCISCO DE MELO
Caímos numa emboscada.
Que fazer?

JOÃO PINTO RIBEIRO
Se mais não tiver de ser
com honra ao menos morrer.

MACHADO
Morrer não resolve nada.
Portugal vivos nos quer.
Dai-me o sobrescrito a mim
e não haja mais temores.
Eu cá sou de artes maiores...

CENA III

(Sai o criado. Entra a ronda: Um capitão e quatro subalternos)

CAPITÃO
Boas noites, meus senhores!
Não interrompam, por quem são!
Continuem... Salomão
não teve um banquete e assim.
Carnes... Vinhos... Doces... Sim
é festim
digno de mesa real...
(Prova um golo de vinho)
Não está mal...
Vejamos a carne assada...
Trouxa de ovos... Que bom é!
Sabe alguém o nome raro
do cozinheiro? Reparo
e estranho, por minha fé,
que ninguém se põe de pé
entrando gente de El-Rei...

ANTÃO VAZ
Senhor capitão! A lei
que invocais...

MACHADO *(fingindo-se embriagado)*
...Não vale mais
que um caracol que eu cá sei.
Sempre brindo por El-Rei
que é de Espanha e Portugal
do Tejo e do Guadiana
de Xabregas e de Alfama
do cabo ao cabo final
de terra amiga e inimiga
de signo saimão e figa
e alguma dor de barriga
a provar que é gente humana.

CAPITÃO
O Machado Mercador...
E' tua a casa?

MACHADO *(com uma vénia exagerada)*
Senhor...

CAPITÃO
Vi luz e desconfiei.
Forcei a entrada — é da lei...
Supus...

MACHADO
Não me diga mais.
Onde há luz
vós sempre desconfiais...

CAPITÃO
Tu que fazes nesta roda
de gente tão bem parecida?

MACHADO *(emborcando um copo)*
O harmónio que faz na boda?
Vou fazendo pela vida...

CAPITÃO
Onde houver tinto lá estás...
E a companhia que faz
com este ar grave que tem?

FRANCISCO DE MELO
Quem festeja em boa paz
senhor, nunca leva a bem...

MACHADO *(para o Capitão)*
Deixai-o falar, deixai-o.
Esse, com ar de Senhor,
é vulgar conspirador
e este e esse aí do lado
adivinha-me este dedo
tudo em Portugal conspira.
Eu dizia-te um segredo
se não achasses mentira...

CAPITÃO *(sorridente)*
Vai dizendo.

MACHADO
Eis a verdade.
Pessoas de qualidade
que aqui vês
(um duque, um conde, um marquês...)
são todos a combinar
os cuidados, os desvelos
com que a Mantua vão tratar
e o Miguel de Vasconcelos.
Tomam este plos cabelos
e...

CAPITÃO *(rindo-se a bandeiras despregadas)*
E isso é quando?

MACHADO
Inda este ano, estou contando.

CAPITÃO
Inda este ano... Ah! Ah! Ah!
Não está má... E
E quantos são?
na tua conspiração?

MACHADO
Quarenta. Quarenta leões
abalam o Coliseu.
Só á minha conta eu
valho cem esquadrões.

CAPITÃO *(depois de um ataque de riso, limpando as lágrimas)*
Pois diverti-me a valer.
Teve pilhéria, o maldito.
Aí esse sobrescrito
mostra cá... Que vem a ser?

MACHADO
Isto aqui? quem fosse néscio
julgaria
que dentro apenas havia
notícias do meu comércio
Mas não há.
Lá dentro sabe o que está?
O Plano!
Está tudo aqui escrito!
Na conjura, «maño-a-mano»
vai Fulano e vai Sicráno
Diz a hora, o dia, o espaço.
Juntos no Terreiro do Paço
os quarenta do despique
contrário ao poder real
tiram de cá D. Filipe
e dão rei a Portugal...

CAPITÃO
E esse rei é...

MACHADO *(cambaleando)*
O rei sou eu.
Não ria. Está tudo aí escrito
dentro deste sobrescrito.
Leia pois, se sabe ler
(Por força que há-de saber...)
Ah!, não quer? Perde o ensejo?
Leio eu, se tem desejo...
(Começa a abrir o sobrescrito)

CAPITÃO
Hoje não, já é bastante.
Já vai passando da hora.
(Para os subalternos)
—condes, duqueses e marqueses
portugueses!—
E tu dize á companhia
que disperse... E' quase dia...
Quarenta leões... Ah! Ah!
Não está má...

CENA IV

(Os conspiradores. Silêncio)

JOÃO PINTO RIBEIRO
(voltando-se para Machado)
Amigo, tua ideal
ousadia e valentia
terão dado a luz do dia
aos olhos de Portugal
que fechou a tirania.
Unidos todos iremos,
povo e fidalgos, em frente
cumprir quanto fica assente
no campo desta verdade:
Só com liberdade há honra,
só com honra há liberdade.

Concurso da semana

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.° 81: CONCURSO GENTE NOSSA: Alentejo. CONCURSO «GIGANTES DA HUMANIDADE»: Roberto Koch.

Vencedores

1. — Amigo N.° 1053 — Maria Teresa Dantas Martins (Lisboa).

2. — Amigo N.° 973 — Maria Alcinda Ribeiro de Carvalho (Monchique).

3. — Amigo N.° 1371 — Maria Aura Vieira Cravo (Lisboa).

4. — Amigo N. 945 — Maria Helena Nunes Correia (Queluz).

5. — Amigo N.° 978 — José Francisco Surdinho Borges (Lisboa).

6. — Amigo N.° 1336 — João Aníbal Teixeira (Olhão).

7. — Amigo N.° 452 — Maria José de Oliveira Coelho (Lisboa).

8. — Amigo N.° 695 — Herberto Augusto Leitão (Porto).

9. — Amigo N.° 197 — Gastão Alexandre Pessoa Guerreiro (Faro).

10. — Amigo N.° 29 — José Miguel da Silva Santos (Fuzeta).

11. — Amigo N. 367 — Armando Delfim Hasse Ferreira (Lisboa).

12. — Amigo N. 957 — Maria Joaquina Gabriel (Barreiro).

13. — Amigo N.° 1367 — Paulo de Almeida (Lisboa).

Prémios

1 a 4: «O SEGREDO DE KATY», por Susan Coolidge — Colecção «BIBLIOTECA DAS RAPARIGAS» — editada pela Portugália Editora.

5 e 6: «O voo no espaço cósmico», por A. Sternfeld — Colecção «SABER» — Publicações Europa-América.

7: «O embrião e a evolução dos vertebrados», por G. F. Sacarrão — Colecção «SABER».

8: «Pasteur e os micróbios», por A. Delauney — Colecção «SABER».

9: «A Revolução Francesa», por P. Nicolle — Colecção «SABER».

10: «Discursos parlamentares», por Garrett — Colecção «SABER».

11: «Iniciação á estética», por J. J. Cochofel — Colecção «SABER».

12: «A vontade», por A. Foulquié — Colecção «SABER».

13: «A hereditariedade humana», por Jean Rostand — Colecção «SABER».

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE KOCH

14. — Amigo N.° 1354 — António Manuel Sequeira Cardoso (Santo Amaro de Oeiras).

14. — «A META», por Yves Gibeau — Colecção «SÉCULO XX» e «A ORIGEM DA HUMANIDADE», por C. Arambourg — edições de Publicações Europa-América.

Gente nossa

Não é grã-senhor
não é Dartagnan
— é mais, é pastor
de terra beirã.

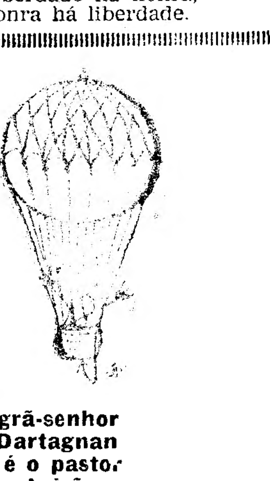
Longe a manhã, faz-se
por matos e abrlhos
e o dia que nasce
nasce-lhe dos olhos.

Encontra-o a aurora
lá na serra bela
serra que é da Estrela
que ali perto mora...

Manta para a geada
cabaça para a sede
e nada mais pede
quem não possui nada.

mais que amor e jeito
para defender
a ovelhinha ao peito,
que vem de nascer.

(Certo que em verdade
queria eu para mim:
ter ao peito assim
toda a Humanidade...)



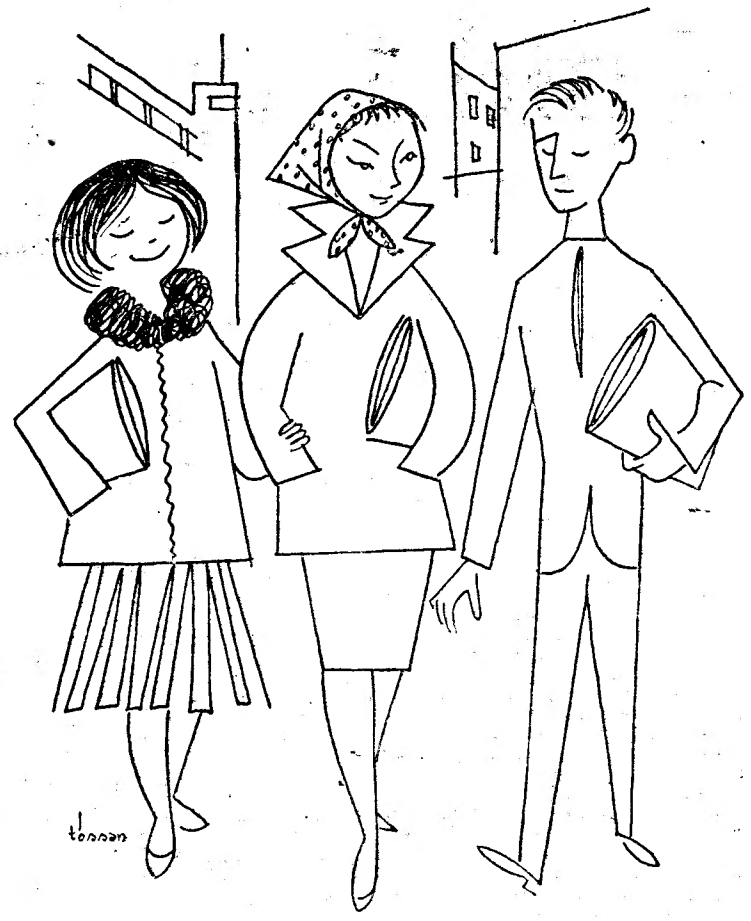
Não é grã-senhor
não é Dartagnan
— Mas é o pastor
da terra beirã.

O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para ti, aos sábados!

NÃO ESPERA POR DIANA?

por FANY DE MELO E CASTRO

(14 ANOS)



João Manuel, saiu do liceu como habitualmente ao meio-dia e um quarto. Quase automaticamente, dirigiu-se como de costume ao liceu, para ir buscar a irmã. Chegou ao meio-dia e vinte e cinco, á hora em que ela sai em geral.

— Olá, Vera!

— Olá, João Manuel. Espera mais um minutinho, sim? Hoje vai connosco uma colega minha. Entrou ontem, e mora perto de nós. De maneira que a convidei para nos acompanhar...

João Manuel fez uma careta. Agora tinha que acompanhar mais outra! A Vera sempre tinha cada lembrança!

—Olha, João Manuel. Apresento-te a minha colega Diana Maria.

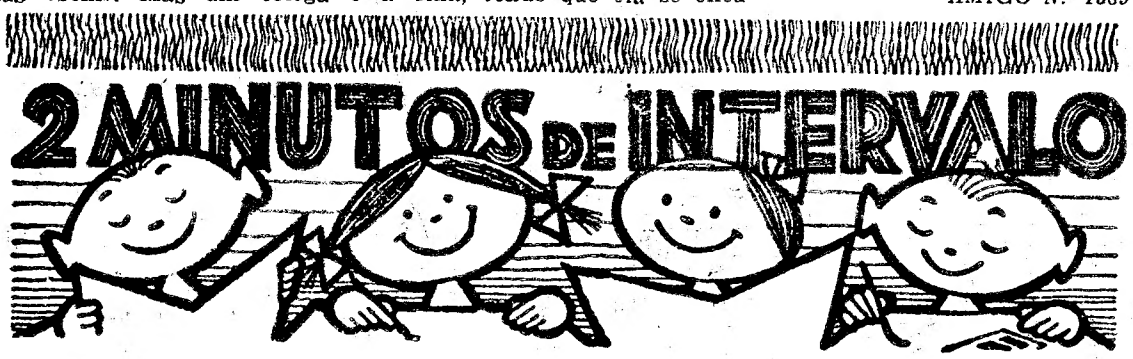
João Manuel olhou a «moça» espantado. Era uma verdadeira «espiga»! Ainda por cima, fazer-se acompanhar por uma «girl» daquelas!

O caminho fez-se em silêncio. Estava aborrecidíssimo com o caso. Em casa, fartou-se de ralhar com a irmã, dizendo que não estava para acompanhar meninas «bem». Mas um colega e amigo, que os tinha visto, disse-lhe que ela era um «himalaia de beleza». João Manuel sorriu, e no outro dia, quando foi buscar a irmã, vendo que ela se encaminhava já para casa, olhou-a encavacado e perguntou:

—Vera! Então não se espera por Diana?

AMIGO N.º 1389

2 MINUTOS DE INTERVALO



Aquilino Ribeiro

O grande escritor português Aquilino Ribeiro respondeu, há anos a um questionário. Na impossibilidade de transcrever todas as suas respostas, vejamos algumas — que fazem ora sorrir ora pensar...

Pergunta — Qual o seu ideal de felicidade?

Resposta — Fazer bem ou dar prazer ao próximo.

P.—Qual o herói de romance que mais o impressionou?

R. — Robinson Crusoé.

P. — Quais as heroínas da vida real que mais admira?

R. — As peixeiras que, com o filho ao colo, vão vender a canastra da sardinha até 10 léguas do porto.

P. — Quais as qualidades que mais aprecia?

R. — A humanidade e a delicadeza.

P. — Qual a virtude que mais o encanta?

R. — A modéstia.

P. — Qual a cor que lhe fica melhor?

R. — A cor do burro a fugir.

P. — Qual o pássaro que acha mais curioso? —

R. — O marantéu.

P. — Os seus autores predilectos?

R. — Cervantes, Balzac, Tolstoi, Anatole France e Camilo.

P. — Os nomes que acha mais bonitos?

R. — Maria, Manuel.

P. — Que mais detesta no Mundo?

R. — A hipocrisia...

P. — Que sucesso histórico mais admira?

R. — A tomada da Bastilha pelo povo de Paris.

P. — Que graça pediria a um feiticeiro?

R. — Não envelhecer.

P. — Como gostaria de morrer?

R. — A dormir.

P. — Qual a sua divisa?

R. — Alcança quem não cansa.

A marcha...

Tristan Bernard, afamado autor cómico francês, quis obter carta de motorista e para esse efeito, depois de um mês de experiências, apresentou-se a exame.

— Suponha — pergunta-lhe o examinador — que o seu automóvel pára no meio da linha férrea .. o comboio aproxima-se... Qual a marcha que julgaria indicada para este caso?

E Tristan Bernard, sem hesitar. .

— A «Marcha Funebre» de Chovin...

Origem de algumas marcas de automóveis

Conheces todas as marcas de automóveis. Mas aposto que ignoras a sua origem!

Eis aqui a explicação de algumas:

«Alfa Romeo» — Vem do nome do construtor, Romeo.

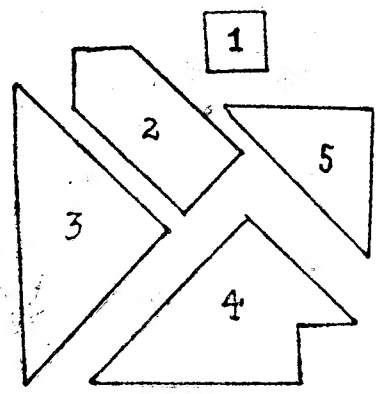
«Fiat» — E' constituído pelo monograma do nome Fábrica Italiana di Automobili Torino.

«Chrysler» — E' o nome do seu construtor.

«Cadillac» — Recorda o nome do fundador da cidade de Detroit.

«Peugeot» — De Eugnène Peu-

Passatempo



O passatempo desta semana consiste em formar com os pedicinhos numerados de 1 a 5 um quadrado.

Para não inutilizarem o «Juvenil», podem decalcar as figuras com papel vegetal ou outro muito fino.

Questão de fruta...

O professor novo: *João tem 5 laranjas; recebeu 11 e deu 7. Com quantas laranjas ficou?*

Silêncio geral.

— Então, ninguém sabe? — perguntou novamente o professor. — Parece impossível!

— Sabe, senhor professor, nós estamos habituados a fazer esse problema mas com maçãs!

Surpresa iminente

Até que enfim, Horácio, encontrei um trevo com quatro folhas! Com certeza vai ter alguma surpresa boa!

Katy está sentada...

...Katy está sentada no baloiço. Ao longe vê-se a casa e árvores... E vê-se relva, uma relva muito verde e muito bela, assim como eram belos os sonhos de Katy. Nem sempre, porém, os sonhos de Katy eram belos. Na vida de Katy também existiam os feios dias de tempestade. Quando Susan Coolidge, ou alguém que fingia ter outro nome, mas era ela, — quando Susan, repito, foi sentar-se no campo, á beira do pequeno rio, ela ficou a pensar que o dia não era muito agradável para Katy. Ouviu, com efeito, a seu lado duas vozes: uma era aguda e a outra, um pouco mais grave, falava num tom autoritário e aborrecido. Era evidente que estavam a discutir. Repetiam, sem descanso, sempre as mesmas palavras: — «Katy fez». «Katy não fez». «Foi ela». «Não foi ela!». «Foi». «Não foi». «Foi». «Não foi». Creio que disseram isto mais de cem vezes. E depois?

Os nossos amigos mais novos (maiores de 12 anos) têm aqui um belo livro editado pela Portugália Editora, na sua colecção «Biblioteca das raparigas».

MARAVILHAS DO UNIVERSO

Contradança dos ventos

Por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

PARA quem já viajou de avião e olhou o mar, ele decerto lhe pareceu pequeno, pequenino; para quem seguiu de barco, pelo contrário, apresentou-se imenso, infinito, dias e dias de água, apenas água.

Os continente são pequenas ilhas perdidas no meio de água — esta cobre duas vezes e meia a terra firme.

Nem podemos arranjar divisão para o meio líquido e a terra firme. A água nunca acaba. Dez por cento da superfície continental — 15 milhões de quilómetros quadrados — estão cobertos de gelo, que deslizam para o mar. Assim temos que, da Terra, quase três quartos dela estão cobertos de água — mar e gelo.

Oceanos, mares, lagos, rios — de um lado; glaciares cobrindo montanhas, campos de gelo— do outro.

Esta massa gelada não teria importancia para o homem, se se mantivesse em estado gelado «estável». Mas não. Se é certo que cresce em camadas de neve ou gelo, também é verdade que ventos violentos varrem essa neve para o mar, ou que icebergues se despovoam na sua direcção, ilhas geladas por vezes de quilómetros de comprido, vogando ao sabor das ondas.

Se todo o gelo fundisse, o mar imediatamente subiria de 20 a 60 metros, o que simplesmente quer dizer que os portos espalhados pelo Mundo, seriam sôfregamente submersos.

A História da Terra diz-nos que no ultimo milhão de anos, grandes períodos glaciares surgiram, com uma temperatura oscilando pelos cinco graus. O gelo teria coberto de branco e frio toda a Europa, a Sibéria e a América do Norte. Esta acumulação gelada fez descer os mares cerca duns 100 metros! Depois, aí por volta de 3.000 antes da nossa era, o clima aqueceu, secou; e o mar era mais alto que hoje, bem dois metros. Depois disso os glaciares retomaram o seu devido lugar e atingiram o seu máximo no séc. XVIII, após o que pareceram recuar; o nível do mar voltou a subir, no ritmo de 6 centímetros por cada século (não pode dizer-se que seja ritmo de «rock» ou de samba, mas feitas as contas é importante).

Conforme a temperatura terrestre, os glaciares avançam ou recuam e o mar, com eles, sobe ou desce.

Perante estas forças desconhecidas, o homem alarma-se; mas não foge, antes se deita ao estudo, debruça-se sobre mapas minuciosos, pesquisa as zonas geladas, afunda-se nos mares, desce ás profundidades abissais na ansia de compreender as causas e prever efeitos.

Assim, os estudos empreendidos no Antárctico, Arctico e todos os glaciares preguiçosamente espalhados pelo Mundo tentam precisar o ciclo do gelo, a velocidade da sua formação, e as variações de equilíbrio entre a formação e a fusão dos mesmos.

Tudo o homem pesquisa: a idade da água, mergulhando nas variações de temperatura, de salinidade, de grau de oxigenação, a composição dos fundos oceanicos, a topografia das montanhas submersas e das fossas abissais, a vidamarinha, as correntes frias e as quentes superfícies.

A dança do mares é seguida a par e passo; dos trópicos viajam até aos Polos, repartem-se para o Leste por acção da rotação terrestre e dos ventos; pelo contrário, as quentes saem dos Polos e vão aquecer-se nos trópicos. Contiua e lentamente, o Oceano vai e vem, vem e vai, arrasta a vida vegetal da superfície para os fundos, traz os minerais dos fundos para a superfície; tudo isto em movimentos lentos mas seguros, numa demora até mil anos

Além desta contradança, o mar é a fonte da chuva. As cadeias de montanhas submersas têm influência na temperatura das águas, na evaporação, na formação das nuvens e no clima das terras circunvizinhas.

A dança salta, assim, dos oceanos para os continentes; aí continua, em ritmo mais acclerado; chove e neva, as nuvens fazem-se e desfazem-se, caminham á frente do vento, arredondam-se, estratam-se, são brancas e cinzentas, faz calor e faz frio — a água salta pelos céus além e orvalha-se nas folhas verdes das plantas, rega os campos e incha os ribeiros, tamborila nas vidraças — em alegres valsas ou em danças macabras. E' causa e efeito. Constroi e destroi, A vida dos mares, regulando a da terra «firme»...

CONCURSO «OS PROBLEMAS DOS JOVENS VISTOS PELOS JOVENS»

Classificação de Setembro

1.º PREMIO

Amigo n.º 338 — José Carlos Junça de Morais (16 anos): «A Meta», por Yves Gibeau; «A Génese da Humanidade», por C. Arambourg; «Fernão Mendes Pinto, por A. J. Saraiva, e «História da Velocidade» por Pierre Rousseau.

2.º PREMIO

Amigo n.º 1301 — António Freire (18 anos): «Um Intimo Furor», por Kamala Markandaia; «A Matemática dos Jogos» (Colecção «Saber») e «A Inquisição Portuguesa», por A. J. Saraiva.

3.º PREMIO

Amigo n.º 449—Maria Luisa Rodrigues (18 anos): «Um Intimo Furor», por Kamala Markandaia; «Adolescência», por Maurice Debesse.

4.º PREMIO

Amigo n.º 221 — J. João G. Ventura (18 anos): «Um Intimo Furor», por Kamala Markandaia.

*

Todas estas obras são edições de «Publicações Europa-América» — a patrocinadora deste original concurso, e pertencem ás suas colecções «Século XX» e «Saber».

NOVIDADES DO «MANJERICO»

A nossa Amiga Louise Briar Russel escreve-nos a contar-nos que um dos leitores do «Juvenil» já foi buscar o burro «Manjerico». Parece que houve por lá uma festa muito grande. Pedimos á Louise que nos mande uma pequena reportagem do acontecimento, juntamente com uma ou duas fotografias. Podemos esperar?

Mirabai

Mirabai era uma jovem, filha de ricos indianos, que seguiu, muitíssimo nova, a carreira do jornalismo e desta forma se vê envolvida na luta do seu povo pela independência. Vive uma época de profundas perturbações em que difícil se torna uma pessoa viver á parte, no remanso de sua casa, longe dos tumultos que fervilham na rua.

Isto acontece a Mirabai, para quem, um dia, chegou o grande momento «de pousar o cálice da felicidade e partir». Que significava «pousar o cálice da felicidade e partir?». Mirabai ama um jovem inglês, Ricardo, que fora companheiro de estudos do irmão, em Oxford. No seu íntimo duas forças a puxam, e violentamente: seguir o seu povo, que luta para se tornar independente da Inglaterra, ou seguir Ricardo, um filho do povo que os oprime. «Partir? Abandonar o homem que eu amava — pensa Mirabai — e ir com esta gente? Que representam eles para mim, que podiam eles significar mais do que o homem que eu amava? Eram a minha gente — aqueles outros eram a sua. Então significava alguma coisa, isto de «minha gente», «tua gente»? Ou a sua existência e proveito e força derivam de incessante repetição?

«Não são nada para ti», gritava o meu coração. Nada. Absolutamente nada. Mas aquele momento cruamente iluminado passou, e eu pressenti...».

Que os nossos leitores (maiores de 17 anos) acompanhem o resto da odisseia de Mirabai. Este novo romance de Kamala Markandaya — «Um íntimo furor» — é mais uma edição de Publicações Europa-América, o 18.º da Colecção «Século XX», na qual, da mesma autora, já se apresentara «Trabalho sem esperança».

FLASH

Um punhado de castanhas

Por **MANUEL AGRA**

Andam por ali, á deriva.

Nós vamos andando, apressados. Cegos pela rudeza da labuta...

E eles dão contra a gente, quais destroços disponíveis contra o costado do lugre.

— Uma esmolinha, meu senhor...

A voz é um fiozinho de água suja mal silabada num caminho dedregoso. Há-os louros, vermelhuscos, com um enxame de sardas em redor do nariz. Não sei porquê, lembro-me do Emílio, de Eric Kastner. Há-os morenos, angulosos, cortados de golpes e de arestas. Fugiram, evidentemente, do lápis do Pomar, andam cumprindo o fado de lobisomens, pelo cair da noite regressarão ao lápis mágico...

Vejam este, com um casaco de homem a dar-lhe pelos tornozelos. A mão que aceita o níquel surge da negrura da manga rápida como a língua do camaleão. Mal agradece. «Brigado» e volta-se para outra freguesia.

Vejam aquele, o da gaforina. Quase sem testa, tudo invadido pelo escalracho de estopa. As calças dão-lhe por meio da perna; a blusa, com a fralda rota, esvoaça ao vento como uma bandeira derrotada.

O tal abeira-se de duas senhoras que dizem que não. Não porque não quisessem dar, mas porque trazem luvas e com luvas é tão difícil abrir o porta-moedas! Depois atraca-se a um cavalheiro, que o derruba, quase. Vai com muita pressa, não pode perder aquele autocarro!

Põe os olhos em mim. Alto! Percebe imediatamente que lhe estou nas unhas, que não lhe escapo...

— Uma esmolinha... Um tostão...

— Para que queres tu o tostão?

Arrependo-me logo da pergunta, que é cruel. Vou a pôr-lhe a mão na cabeça, mas o gato-bravo escapule-se. Nunca viu uma carícia..., pense, amedrontado.

— E' para comprar um pão...

— Se calhar não é. E' para ires ao cinema...

— Não, senhor.

Um estalido com a língua, a querer dizer: «Que conceito fazes tu de mim?» Recebe o escudo que lhe dou e evapora-se.

Daqui até onde tenho de ir é perto. «Eléctrico» não vale a pena. Depois distraio-me, uns minutos na loja do ferro-velho, um minuto no aviário, um pedaço a ver o movimento febril do largo. Não tardo a chegar ao elevador da Bica, que é o que me serve.

Nisto, á porta de uma mercearia quem vejo eu? Mas espera, é ele mesmo, o «gavroche» de há bocadinho! Estende as mãos em concha, recebe qualquer coisa da matrona mercereira. Aproximo-me, interessado. São castanhas. Dez tostões delas. Um punhado...

— Dás-me uma? — peço sem me desmanchar.

Mansamente, procurando equilibrar as castanhas contra o peito, escolhe um fruto e oferece-mo. Antes de sair, volta-se para trás. O tom da minha voz lembrou-lhe alguém... Reconheceu-me. Pensei que ia escapulir-se, dar ás de Vila Diogo. Não, senhor. Tornou atrás, estendeu a mão fechada:

— Tome lá mais esta...

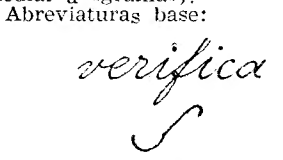
Aceitei. Nem tive tempo de agradecer. Levou sumiço. Revolvo, na algibeira, as castanhas duras. Heide comê-las, evidentemente...

Curso elementar de estenografia

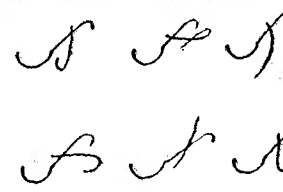
Por **NATÁLIA DA FONSECA**

Tratando-se de um capítulo muito importante no estudo da Estenografia, continuamos hoje a insistir na aprendizagem das abreviaturas. (Devem ter reparado, no ultimo numero do «Juvenil», que as abreviaturas derivadas vinham com os lugares trocados, o que se nota pelas respectivas legendas. Com um pouco de atenção será fácil remediar a «gralha»).

Abreviaturas base:



Abreviaturas derivadas:



(Da esquerda para a direita: verificar, verificação, verificado, verificável, verificando, verificasse).

Servindo-se de todos os sons que já demos, devem os nossos Amigos estenografar os seguintes pensamentos publicados num dos ultimos numeros do «Juvenil».

«Começa imediatamente a viver e considera cada dia uma existência á parte».

«Para falar ao vento, bastam palavras, para falar ao coração são necessárias obras».

«Triunfar um homem de si mesmo é tocar a extrema filosofia».

Damos seguidamente um trecho do padre António Vieira, para os nossos amigos estenografarem e enviarem o texto para correcção.

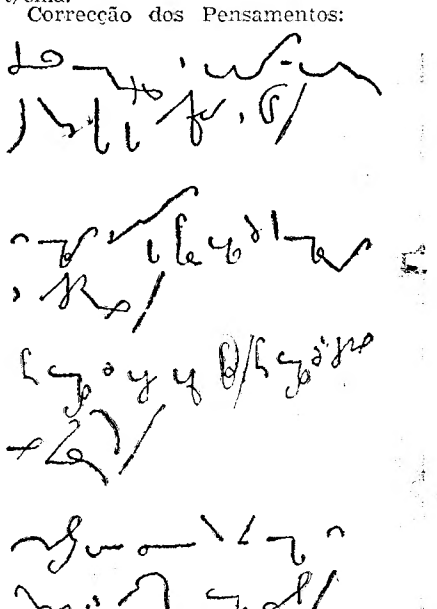
Os sons vão já separados para facilitar um pouco a tarefa dos estenógrafos:

É a g(u)erra a/q(u)ele m/onstro que se s/ust/enta d/a/s f/az/endas d/o s/angue d/a/s v/idas e q(u)anto (mais) c/ome e cons/ome t/anto m/enos s(e) f/arta/

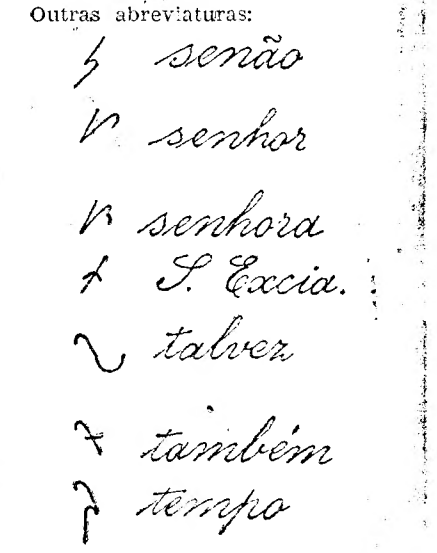
É a g(u)erra a/q(u)ela t/(e)m/p/est/ade t/(e)r(r)/estre que l/eva o/s c/ampos a/s c/asas a/s v/ilas o/s c/ast/elos a/s (ci)/idades e (talvez) (e)m u/m m/o/mento s/orve o/s r/einos e m/on/arquias in/t/eiras/

É a g(u)/erra a/q(u)ela c/ala/m/idade com/p/osta d(e) (todas) a/s c/ala/m/idades (e)m que (não) há m/al (algum) que o(u) s(e) (não) p/a/d/eça o/u s/e (não) t/ema.

Correcção dos Pensamentos:



Outras abreviaturas:



PROBLEMAS DOS JOVENS

(Continuação da 1.ª pagina)

po são bem claras. Não é verdade?

Afirma mais adiante que a Musica está resumida aos frenéticos e alucinantes «Rocks». *Refere-se incompreensívelmente só á musica ligeira. E a outra? Talvez por um lapso, imperdoável a um jovem amador do jornalismo, não saiba que Richard Strauss viveu já no nosso século. Era um compositor de valsas. Desconhece, por certo, Sibelius, Charpentier, Shonberg, Bartok, Stravinsky, Prokofieff e Hindemith, alguns dos quais ainda vivos.*

E chegamos ao ponto culminante do seu artigozinho, que me arrepiou superiormente.

Por que diz, amigo 587, que a poesia perdeu todas as características que a tornavam bela.

Acha que só fazer estrofes com métrica, rima e acentuação devidamente cuidadas, *é fazer poesia?*

Que é para si a poesia?

Nunca se lastimou por não poder ver nessas coisas disformes *verdadeira poesia?...*

Chego a ter pena de si, amigo. Como será triste não poder sentir a poesia!

Que aprecia então o meu amigo? A rima, o acento, o ritmo? A rima é a rima, o acento é o acento, a poesia é a poesia.

Acha que são coisas disformes os poemas de Fernando Pessoa, Afonso Duarte, Teixeira de Pascoais, José Gomes Ferreira, José Régio, Adolfo Casais Monteiro ou António Navarro? Desconhecerá estes poetas? Discutirá a validade da sua poesia?

E' preciso cuidado, amigo, quando afirmamos qualquer coisa sem estarmos na posse do seu inteiro, ou mesmo, parcial conhecimento.

Muito, muito mesmo, haveria para dizer sobre as suas ingratas afirmações. As colunas de um jornal juvenil, porém, não permitem mais.

Fique, no entanto, com a ideia de que não é de tal que a juventude se ressente: é do desapego total dos valores espirituais, é da falta de cooperação, é do excesso de materialismo. Disso sim!

EULÁLIO SÉRGIO

VISTOS PELOS JOVENS

Diário de bordo

AMIGOS QUE NOS DEVEM MANDAR A SUA IDADE: 1408 — José Eduardo Tranco Urceira; 1411 —Alice Sofia da Costa Barros; 1412 — Manuel Rodrigues Leal.

Amigo U.º 702 — Maria de Fátima Oliveira Lourenço: o livro já seguiu.

Amigo N.º 182 — António Maurício Esteves (Figueira da Foz): Foste tu, de facto, o premiado. Queremos agradecer-te as amáveis palavras e o teu apoio á nossa obra.

Amigo N.º 461 — António Santiago: o teu livro foi devolvido e vai seguir novamente.

Amigo N.º 1076 — Carlos Alberto Urceira (Alcobaça): Os livros são devolvidos aos concorrentes e podem ser pintados a «guache» ou a outra coisa qualquer.

Amigo N.º 796 — José António Freire Leitão (Porto): Manda o livro para que o troquemos.

Amigo N.º 1340 — Afonso dos Santos Coroado (Lisboa): Manda a tua idade (data de nascimento) para que possamos escolher o livro.

Amigo N.º 1273 — António Ramires (Olhão): Manda 25 escudos (pode ser uma nota de vinte escudos e cinco escudos em selos) que te mandaremos o livro para colorir. Podes pintar com o que quiseres. Quanto á alínea 4) vamos pensar no assunto.

Amigo N.º 1378 — Maria Manuela Cambom (Lisboa): Recebemos o conto e temos todo o gosto em que ele seja publicado.

Amigo N.º 1404 — Nuno Silva Miguel (Monte Estoril): O livro segue pelo correio.

AMIGOS NOVOS ENTRADOS SEMANA

1408 — José Eduardo Franco Urceira (Lisboa); 1409 — Maria de Fátima Ribas (Caldas); 1410 — José Lopes Henriques (Torres Vedras); 1411 — Alice Sofia Costa Barros (Coimbra); 1412 — Manuel Rodrigues Leal (manda a morada).

DIVULGAÇÃO DOS JOVENS PARA OS JOVENS

A LEI NA VELHA ROMA

HELDER RUI MARTINS LEITÃO (19 anos)

ACTUALMENTE, nos estados civilizados, todas as relações da vida social, se encontram estipuladas em leis. Na realidade, a lei penetra em todos os sectores da vida dum povo, formando códigos, estatutos e regulando os casos controvertidos quando submetidos a julgamento. A lei, tem portanto existência própria e autónoma que importa acatar a todo o momento.

Mas... como nasce a lei? Quais os órgãos que lhe dão, a par de uma abstracção e generalização, a imperatividade que a anima? Para lhe descortinarmos o segredo, importa recuar alguns milénios de anos na história e observar as várias operações que precediam o nascimento duma lei.

O magistrado que desejasse propor uma lei, afixava na íntegra o seu conteudo, num lugar publico. Esta afixação tomava o nome de «promulgatio» e tinha a duração de três semanas. Durante este tempo costumava o povo reunir-se numa «concio» a fim de manifestar o seu apoio ou desacordo pelo documento. Expirado este espaço de tempo o magistrado proponente convocava a assembleia popular, diante da qual lia o projecto legislativo. Fazia então um pedido ao povo (rogatio), que devia ser feito por palavras sacramentais: «velitis, jubeatis, quirites?», isto é, «assim o quereis e ordenais, cidadãos?» A resposta, quer afirmativa quer negativa, tinha o nome de votação. De começo esta votação era oral, passando depois a fazer-se por meio de voto escrito numa pequena tabuleta: as letras VR (utirogas), significavam a aprovação do votante; A (antiquo) seu desacordo; pretendendo abster-se de tomar posição, NL (non liquet). Aprovada a lei, tinha que ser aprovada ou ratificada pelo Senado (assembleia de nobres). Essa aprovação recebia o nome de «auctoritas patrum...» O fim desta ultima etapa anunciava o nascimento da lei. Depois de baptizada, com o nome do magistrado edicente ou com o assunto capital que regulava, era afixada num lugar publico, denominado «Forum». A sua publicação fazia-se em tábuas de pedra, «tabulce dealbatae», divididas em capítulos, encimados com os títulos dos vários assuntos a tratar, em grandes letras vermelhas.

Fácil será ver nestas diversas fases da feitura de uma lei as suas correspondentes na organização das leis modernas.

Assim no nosso País, a proposta de lei cumpre indistintamente, a upm membro da Assembleia Nacional ou do Governo, segundo-se o parecer da Camara Corporativa, e a apreciação e votação da Assembleia. Termina por ser promulgada pelo Chefe do Estado com a referendá de todos os ministros em efectividade de funções. A publicação no órgão oficial, denominado «Diário do Governo», é o ultimo passo do nascimento da lei.

E, pronto, amigos do «Juvenil», por hoje ficamos por aqui.

Num dos próximos numeros continuaremos este interessante estudo acerca das fontes do direito moderno.

AMIGO N.º 1362

Suspense

Para os nossos leitores que muito apreciam a literatura de «suspense» e, além disso, apreciam a boa literatura — eis, na verdade, um romance que lhes recomendamos, um romance que dificilmente largarão enquanto não chegarem á sua ultima página. Alguns já decerto conhecem a sua autora através de um romance celebérrimo — «Rebeca»: é Daphne du Maurier.

Pois o seu novo romance — «O Outro Eu» («The Scapegoat» — «O Bode Expiatório») é também uma obra bem construida, de rica imaginação, que nos arrasta de página em página num encanto cada vez maior. Calculem a odisseia de um professor inglês de História que se vê a substituir um conde, num castelo de França, com o qual é de tal modo parecido, que nenhum ser humano é capaz de os diferenciar (só o faro dos cães os distingue)...

É uma edição de «Livros do Brasil» (para maiores de 17 anos).